



ILLUMINATI

ELIAS KARAN

ILLUMINATI

Copyright 2010 by Elias Karan

Capa: Leoppoldo Berguer

Revisão: Viviane Akemi Uemura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Karan, Elias
Illuminati / Elias Karan. -- 1. ed. --
São Paulo : Ed. do Autor, 2010.

ISBN 978-85-910429-0-6

1. Ficção brasileira I. Título.

10-04077

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Vendas e contato com o autor

www.eliaskaran.com

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO	11
O SOFRIMENTO	14
A MISTERIOSA LUZ	26
O DESPERTAR DA FÉ	42
MISSÃO PESSOAL	54
O PREÇO DOS SONHOS	57
OS VERDADEIROS AMIGOS	62
AMARGAS LEMBRANÇAS	66
A CURA DA ALMA	71
O INÍCIO DO FIM	75
A PREMONIÇÃO	83
O PORTÃO DO CÉU E DO INFERNO	85
AS ESCOLHAS	89
O PERDÃO	91
A PERSISTÊNCIA	103
DIFICULDADES, PERDAS E FÉ	106
A REVELAÇÃO	110
O ENCONTRO	116
O MEDO DO DESCONHECIDO	122
OS MENSAGEIROS	126
OS PLANOS DE DEUS	136
O LIVRO	146
A CASA	150
A GRATIDÃO AOS AMIGOS	156
A VIAGEM	157
A REALIZAÇÃO DE UM SONHO	163
A PROMESSA DE DEUS	166
EPÍLOGO – A RETRIBUIÇÃO	167



PREFÁCIO

É PRECISO QUE AS PESSOAS QUE SE INTERESSAREM pela leitura deste livro saibam que, a despeito de qualquer tipo de classificação editorial, na verdade, os assuntos nele abordados tratam de temas como autoajuda, Religiosidade e também ficção.

Apesar de tê-lo escrito baseado em fatos reais – fatos esses que procurei retratar com a maior fidelidade possível – precisei recorrer à ficção com o único e exclusivo objetivo de transformá-lo numa história.

Sua construção pode ser atribuída quase totalmente ao acaso, visto que, na época em que julgava estar enfrentando o ápice de minhas dificuldades, com o pavor e o desânimo tomando-me de assalto, foi escrevendo-o que consegui manter-me minimamente sereno e ainda lúcido para continuar buscando um sentido divino para toda aquela provação por que passava.

Embora seja profundamente doloroso e constrangedor falar sobre minhas intimidades, deficiências e decepções, expondo-as a milhares de pessoas – que, se Deus quiser, terão a oportunidade de conhecê-lo – decidi fazê-lo por alguns motivos.

Primeiro, porque foi a única forma que encontrei, num período de grande desespero, para extravasar os rancores, os medos e as culpas que me atormentavam. A exemplo do que ocorre com o personagem do livro, cada página escrita proporcionava-me a restituição de um mínimo de paz e tranquilidade.

O segundo motivo, por acreditar, do fundo do coração, em tudo o que escrevi sobre o Perdão, a Fé, os Milagres, as Orações e a incessante busca da humanidade por seus Sonhos e, especialmente, por Deus. Posso testemunhar com absoluta convicção que, ao menos até o momento em que escrevo este prefácio, somente me foi possível continuar vivendo, lutando e, ainda, sonhando por dias melhores, devido ao cultivo dessas crenças.

Mas, o principal motivo de tê-lo escrito, na verdade, foi outro. Fiz-lo esperançoso de que sua mensagem pudesse chegar às muitas milhares de pessoas que sofrem, demasiada e silenciosamente, pelas consequências

provocadas por algumas decisões equivocadas que, um dia, tomaram e as quais, inconformadas com o impacto que elas produziram no rumo de suas vidas, penalizam-se constantemente, convivendo com sentimentos de mágoas, abandono e absoluta descrença no futuro.

É interessante o poder inconsciente de observação do comportamento das pessoas que possuímos, como se procurássemos distinguir aquelas cuja sintonia de ideias e sentimentos se identificam, de alguma maneira, com as nossas. Acredito que foi através desse poder, que, inconscientemente, comecei a perceber inúmeras pessoas, muitas delas bastantes próximas a mim, padecendo de incontáveis males da alma e que buscavam, desesperada e instintivamente, por uma ajuda que quase sempre ninguém se apercebia ou até mesmo estava disposto a lhes oferecer.

Foi pensando exatamente num modo de levar algum auxílio e conforto a essas pessoas que, finalmente, tomei a decisão de transformar a experiência que vivia neste livro.

Se, dentre todas as pessoas que o lerem – e eu sinceramente espero que sejam muitas – uma única conseguir obter alívio e paz, modificando assim sua trajetória de vida através de algum dos ensinamentos que venho praticando e que procurei detalhar neste livro, estarei, então, plenamente grato e satisfeito pelo seu resultado.

“Um homem de humanidade é aquele que, buscando estabelecer-se, encontra um lugar seguro para outros e, querendo realizar-se, ajuda outros a fazê-lo.” Confúcio (551-479 a.C), filósofo chinês

São Paulo, 08 de Janeiro de 2010



PRÓLOGO

JOHN ABRIU O LIVRO DE CONTOS QUE ESTAVA EM suas mãos e, folheando-o ao acaso, parou aleatoriamente em uma das páginas que contava uma história mais ou menos assim:

“Um mestre e seu discípulo andavam por uma área rural, praticamente desabitada. O mestre tentava lhe ensinar que tudo que nos acontece ou que está diante de nós, na realidade, apresenta uma oportunidade de aprendizado e crescimento, independentemente do assunto a que se relaciona.

Passando ao lado de um sítio de aparência simples e descuidada, o discípulo concordou com o mestre, observando que, apesar do lugar lindo e paradisíaco em que estavam, aquele sítio pobre indicava a miséria em que viviam aquelas pessoas. O mestre, repreendendo-o por simplesmente observar aquela situação e não procurar entender suas causas, sinalizou que entrassem e conversassem com seus moradores.

Foram recebidos na entrada da porteira por um casal e seus filhos pequenos. Observaram, sem qualquer esforço, que se vestiam com roupas sujas e castigadas pelo tempo, e aparentavam um sentimento de desânimo e frustração. Questionados pelo mestre sobre como viviam num lugar ermo e desabitado como aquele, sem qualquer sinal de civilização como comércio e outras comodidades, o homem respondeu:

‘Nós temos uma vaca que produz diariamente alguns litros de leite. Uma parte desse leite, utilizamos para nosso próprio consumo e o restante vendemos ou trocamos por outros produtos que nos faltam, na cidade vizinha.’

Após algum tempo ali conversando, o mestre e seu discípulo finalmente se despediram e foram embora, não sem que antes o mestre incumbisse o discípulo de uma inusitada missão:

‘Empurre a vaca do sitiante precipício abaixo’, ordenou-lhe o mestre.

O discípulo, que tentou de todas as formas convencer o mestre de que a vaca era o único meio de sobrevivência daquela pobre família, por

fim, sem alternativa, concordou e atirou-a morro abaixo, matando a pobre vaquinha imediatamente.

Passados muitos anos e sem conseguir se perdoar da atrocidade que cometera, o discípulo, agora um muito bem-sucedido homem de negócios, voltou àquele lugar para, finalmente, reparar seu erro. Contaria exatamente o que fizera anos atrás e, além de implorar-lhes Perdão, os retribuiria financeiramente pelo mal que certamente provocara.

Ao chegar ao lugar do sítio, entretanto, surpreendeu-se com a nova visão que tinha. Nada mais existia de pobreza e miséria naquele lugar. Agora, no lugar da choupana de antes, havia uma belíssima e moderna casa cercada por um impecável jardim, de onde se podia avistar uma garagem repleta de carros novos.

Desesperado com o que via e com uma forte sensação de culpa invadindo-lhe a alma, pensou: ‘Certamente por conta da morte de sua vaca, não mais lhes foi possível sustentar-se e foram obrigados a se desfazer da propriedade’.

Decidido a reparar seu erro, encontrando-os e compensando-os, acenou para um funcionário da casa que regava e podava as flores do jardim, chamando-o ao portão.

‘Por favor, para onde se mudou a família que habitava este sítio há alguns anos atrás?’ – perguntou-lhe o ex-discípulo.

‘Eu vou chamar meu patrão. Pelo que sei, ele é o dono destas terras há muitos e muitos anos’ – respondeu-lhe o empregado.

O patrão, vindo atendê-lo, reconheceu-o imediatamente, cumprimentando-o e perguntando-lhe sobre seu mestre.

O ex-discípulo, sem entender o que se passava, quis saber o que acontecera para transformar aquele lugar pobre e miserável, na bela e bem cuidada propriedade que observava agora.

‘Sabe, logo depois que o senhor e seu mestre estiveram aqui, aconteceu uma fatalidade; nossa vaquinha despencou do precipício e morreu’, disse-lhe o antigo sitiante.

E continuando, falou: ‘Fomos obrigados a fazer o que nunca pensávamos sermos capazes de realizar. Sem o leite da vaca, plantamos uma pequena horta de verduras e legumes e logo descobrimos que podíamos também cultivar frutas e diversos outros tipos de hortaliças. Os negócios foram crescendo e, depois de algum tempo, já exportávamos, e o que sobrava vendíamos para as grandes redes atacadistas, que sempre queriam mais. Para atender às constantes encomendas, tivemos que comprar o sítio vizinho e o do outro lado também’.

I l l u m i n a t i

‘Hoje, dou graças a Deus que nossa vaca tenha morrido. Nunca imaginei que pudéssemos fazer o que fizemos e que conseguiríamos atingir o sucesso que você pode comprovar agora’, concluiu o homem com indisfarçável orgulho.”

“Que inspiradora história! Muitas vezes, é necessário que a situação piore para só depois melhorar”, – pensou John fechando o livro e caminhando em direção a varanda.

“Quando o céu está prestes a conferir um grande serviço a um homem, primeiro exercita sua mente com sofrimento, e seus tendões e ossos com trabalho duro.” Mêncio (370-289 a.C), filósofo chinês

O SOFRIMENTO



FAZIA MUITO CALOR NAQUELE FINAL DE TARDE E John continuava ali, solitário, sentado na varanda do que outrora fora sua casa de campo, em companhia apenas de suas sombrias memórias. Seus pensamentos o remetiam aos dias de sucesso e prosperidade que vivera e, amargurado, lembrava-se agora do modo extremamente doloroso como haviam acabado.

Ainda que bastante desgastada pelo tempo e, especialmente, pela falta de manutenção, a casa exibia ainda toda sua imponência e rara beleza.

O amplo terreno em que fora erguida, medindo pouco mais de 10 mil metros quadrados, era magnificamente gramado e ficava numa espécie de condomínio, loteamento, praticamente na zona rural de um pequeno município no interior do país.

Havia construído-a nos tempos de fartura, quando podia se dar ao luxo de utilizar somente os melhores materiais, daqueles disponíveis apenas aos abastados, como madeiras nobres e mármore italiano.

Seu projeto, assinado por um renomado arquiteto estrangeiro, planejava-a toda avarandada e envidraçada, cercada por um lindo jardim com coqueiros e palmeiras.

Havia, ainda, combinando com todo aquele luxo e requinte, uma enorme piscina ao centro, rodeada por cascatas formadas por pedras naturais.

Bastante ampla e espaçosa, possuía aposentos suficientes para hospedar com conforto ao menos 20 pessoas. Acomodara, porém, em ocasiões especiais, muito mais que o dobro disso, nas animadas festas regadas a champanhe, vinhos e whiskies importados, que, à época, oferecia com frequência aos antigos amigos e sócios.

Da varanda onde estava, avistava-se uma deslumbrante serra, com seus vales profundos, sua vegetação nativa, ainda preservada, ladeada por imensas cachoeiras.

Podia-se enxergar também, como a coroar aquela exuberante natureza, um grande Cristo em seu topo, pintado de um branco imaculado,

que o destacava da paisagem, permitindo, assim, que fosse observado e adorado a longas distâncias.

A contemplação de toda aquela beleza a sua volta provocavam-lhe intensas e estranhas emoções e, correndo os olhos lentamente por toda a casa, concluía com uma ponta de orgulho: Sim, não havia dúvidas; o que agora era sua morada, era também a única e última prova de que havia realmente chegado muito perto da realização de seus Sonhos, em um passado que agora parecia inacreditavelmente distante.

O tempo passara rápido e já não restavam muitos vestígios daqueles tempos, como os velhos amigos e sócios, e a indescritível sensação de liberdade e poder.

Fora-se embora o tempo em que a vida lhe brindara com os carros de luxo, as viagens, o dinheiro e, especialmente, com a bajulação daqueles que o cercavam, à época, e usufruíram juntos de tanta fartura, mas que, hoje, fingiam desconhecer seu estado decadente e mais, acreditava ele, recusavam-se covardemente a estender-lhe as mãos.

Nem mesmo a própria autoestima sobrara àquele que havia sido um homem muito bem-sucedido e bastante rico, e essa condição, agravada por diversas outras decepções, sempre decorrentes das dificuldades por que vinha passando, mantinha-lhe na mente a ideia constante de suicídio.

O suicídio, pensava John conformado, servir-lhe-ia como uma rota de fuga, uma alternativa sempre disponível a oferecer-lhe a possibilidade de simplesmente desaparecer, estancando assim seu sofrimento. Ocultava-o, entretanto, cuidadosamente de todos a sua volta, para o momento em que não mais conseguisse suportar suas dificuldades.

Havia, porém, um obstáculo que o impedia temporariamente de acabar com a própria vida, colocando assim um ponto final em seu sofrimento: era Suelen, sua adorável esposa e companheira.

Desde os tempos de namoro, ainda na escola, fielmente ela o acompanhara em todos os momentos. Não podia suportar a ideia de, além de sua ausência, impor-lhe também a responsabilidade de lidar com as pesadas dívidas que acumulara, deixando-a sozinha enfrentar todas as humilhações e perdas que, infelizmente, ainda estavam por vir.

Continuava a pensar, lembrando-se de que em breve completaria 10 anos que seus negócios haviam naufragado, e seus Sonhos esvaíram-se de sua mão como pó. Seus amigos e sócios tinham desaparecido como ratos que abandonam um navio em chamas e, finalmente, sozinho, não conseguira ser forte e competente o suficiente para evitar a derrocada final.

Sobraram-lhe as dívidas, que logo o fariam perder também seu único bem, a casa de que tanto gostava e na qual agora moravam.

Subitamente, sentiu-se envergonhado e humilhado por seus fracassos, e a emoção provocada por aquelas lembranças causaram-lhe mais uma dolorosa e forte pontada no peito.

Passava os dias assim, remoendo o passado e tentando entender como chegara a tal ponto.

Havia sido, desde a infância, sempre muito alegre e perspicaz. Ainda criança, lembrava-se, todos a sua volta atribuíam-lhe uma inteligência especial, acima da média. Posteriormente, com o passar dos anos, transformara-se num jovem ambicioso, arrojado e de muito sucesso. Orgulhava-se, lembrando dos tempos em que até os adversários o admiravam.

Como podia, agora, se conformar que o brilho de sua luz definitivamente se apagasse? Qual seria a explicação para tantas derrotas e, especialmente, para a ingratidão dos que o acompanharam por anos? – pensava John entristecido.

Tentava se lembrar de qual erro, dentre os muitos que certamente cometera, teria sido o responsável por aquela sucessão de sofrimentos.

Qual promessa tinha ele quebrado para merecer tamanha punição do Deus que sempre permanecera ao seu lado, guiando-o e ajudando-o?

Desde criança, nutrira profunda Fé de que Deus o havia escolhido para ser um dos seus e que, em quaisquer circunstâncias, estaria protegido e abençoado.

Desenvolvera a plena convicção de que desempenharia um papel importante no meio em que escolhesse viver e faria a diferença para aqueles que cruzassem seu caminho. Seria forte, poderoso e sempre generoso e justo, com tudo e com todos. Estaria sempre pronto a estender as mãos aos que necessitassem, especialmente aos amigos.

Lembrou-se subitamente de seu primeiro emprego, aos 16 anos, onde conhecera Tereza, a eficiente e extrovertida secretária de um dos diretores da empresa.

Um dia, chamando-o de canto, ela confidenciou-lhe, um tanto deslumbrada e emocionada, enxergar uma intensa e brilhante luz que o acompanhava constantemente. Segundo suas crenças, aquela luz era um sinal, um privilégio de poucos e somente daqueles que tinham sido escolhidos, e a quem a vida designara uma missão muito importante e especial.

Tereza, devido à luz que avistava a acompanhá-lo, apelidara-o carinhosamente de Iluminado.

John, que se encantava ouvindo-a falar, não fazia o mínimo esforço para esconder que gostava daquele inusitado apelido. Sentia-se, porém,

ainda mais empolgado com a perspectiva de que a vida reservava-lhe uma missão que o distinguiria dos demais.

Contudo, mais de 30 anos tinham se passado e muitas coisas haviam acontecido. Pressentia que, agora, aquela sua luz apagara-se e, junto com ela, a sorte que sempre o acompanhara.

Entristecia-lhe demais essa constatação. Pior que enfrentar a dura realidade que agora vivia era saber que perdera definitivamente as condições para revertê-la.

Talvez, pensava ele tentando entender, isso tudo estivesse acontecendo como consequência das mágoas e dos ressentimentos que viera acumulando há vários anos, a cada frustração, a cada pequena derrota.

Provavelmente, pensava resignado, no mundo celestial de deuses e anjos, não fosse possível coabitar as luzes do bem com a espessa escuridão das mágoas, dos ressentimentos e de seus sentimentos de vingança.

Nada disso, porém, tinha mais importância, repetia a si mesmo com alguma irritação. O que lhe importava agora era não esquecer que havia sido abandonado pelo Deus em quem acreditara por toda a sua vida e pelo qual estava convicto de ter se esforçado sempre para praticar o bem. Deus havia lhe traído, tirando-lhe tudo o que era seu e deixando-o só, desamparado e humilhado.

Por ora, esta era a única verdade que precisava saber, que o mundo era injusto e que não existia um Deus zelando por nós o tempo todo, como fora instado a acreditar desde criança.

Se quisesse voltar a ter algo novamente, teria que ser através da força, sem respeitar regra alguma de bom comportamento. O mundo era e continuaria sendo dominado pelos mais fortes e sem qualquer tipo de pudor. Ele agora se arrependia de não ser assim, despudorado, desonesto, se preciso fosse, mas um vencedor.

Distraído em seus pensamentos, subitamente foi envolvido por um caloroso abraço. Era sua inseparável companheira, como se tivesse percebido seu sofrimento, tentando apaziguá-lo. Ficaram algum tempo ali abraçados, em silêncio, observando os pássaros procurarem o refúgio das árvores para passar a noite.

Foi Suelen que interrompeu aquela paz momentânea. Havia lhe preparado um lanche e, como ele nada comeria durante todo o dia, pediu que entrassem para jantar.

Entraram abraçados, sem trocar qualquer palavra. Ela conhecia-o muito bem e sabia que não deveria importuná-lo naquele momento com qualquer tipo de comentário a respeito do que quer que fosse. Era difícil,

mas, pelo menos por ora, deveria continuar guardando para si suas preocupações com a delicada situação financeira pela qual passavam.

Preocupava-se muito com as contas vencidas, com as repetidas ameaças de bancos e companhias de fornecimento de luz e telefone, sem mencionar, é claro, com a conta do mercado, que ameaçava ainda mais a subsistência básica, ao constatar tristemente a dispensa quase completamente vazia.

Acabaram o lanche e ele, levantando-se da mesa, beijou-a carinhosamente. Sem pronunciar uma única palavra desde que se sentara para aquela refeição, voltou à varanda, agora já em companhia da escuridão da noite. Pela sua expressão, continuava tenso e entristecido, e voltava-se novamente a seus intermináveis pensamentos.

Suelen retirou os poucos pratos utilizados naquela frugal refeição, começou a lavá-los e, enquanto observava as bolhas coloridas do sabão estourarem, tentava entender o que se passava pelos pensamentos de John.

Estavam juntos há 30 anos, entre os 12 de namoro e mais 18 de casamento.

Presenciara tudo o que lhe acontecera, sempre ao seu lado. Acompanhara a inesperada transformação daquele jovem inteligente e extrovertido num hábil e competente homem de negócios; sua rotina diária de trabalho, cumprida durante muitos anos, em que vivia constantemente ocupado, inclusive nos raros períodos de descanso em que estava em casa; o assédio das muitas pessoas com quem mantinha algum tipo de transação; e agora, finalmente, vivendo dia após dia apenas com os inimagináveis momentos de solidão e angústia provocados pelas perdas que sofrera.

Perguntava-se Suelen em seus pensamentos se o que o atormentava era seu inconformismo e revolta contra os acontecimentos que se abateram sobre ele ou se havia algo além da simples compreensão e aceitação dos fatos, como a depressão, que havia sido diagnosticada no ápice da crise de seus negócios e que fora tratada por anos com fortes medicamentos, e da qual, queriam crer, estava curado.

Não conseguia acreditar que aquele por quem se apaixonara ainda na adolescência fosse realmente a mesma pessoa agora sentada ali na varanda.

Onde estaria perdido aquele garoto meigo, porém rebelde, líder dos amigos de escola, capitão do time de futebol, o seu prêmio conquistado para inveja das outras moças?

Entristecia-se muito com o sofrimento constante por que John passava. Subitamente, percebendo que perdia o controle sobre seus

pensamentos, interrompeu aquele sentimento de dó e piedade, e lembrou-se do juramento que havia feito a si própria.

Decidira-se, há muito tempo, que, independentemente do esforço que lhe fosse exigido, iria acompanhá-lo sempre e continuaria incentivando-o e encorajando-o.

Cuidaria das questões cotidianas, como a casa e os cães que tanto adoravam e que, de forma velada e imperceptível, substituíram a ideia de filhos, liberando-lhe assim para que pudesse digerir os golpes que o abateram e encontrar sua cura psicológica e espiritual.

Continuaria a ser sua guardiã, seu refúgio de carinho e compreensão, ainda que sem holofotes e muitos reconhecimentos. Manter-se-ia firme na sua crença de que, cedo ou tarde, novamente despertaria aquela estranha e poderosa força que John sempre demonstrou possuir e que ela própria testemunhara incontáveis vezes.

Neste dia, no qual mantinha confiança inabalável de que não tardaria a chegar, a luz que sempre o acompanhara brilharia muito mais forte do que antes, dissipando toda sua tristeza e sofrimento, como o vento espalha as nuvens escuras e carregadas; e ela, então, voltaria a ser como sempre foi, reconhecida e valorizada, e por essa vitória especial também sentir-se-ia participante e recompensada.

Por um momento, pensou nas renúncias que fora obrigada a fazer em prol de seu juramento e, instintivamente, lembrou-se de sua mãe, agora com idade avançada e frequentemente doente, que morava a centenas de quilômetros de distância, desde que decidiram mudar-se para o interior. Naquele momento, pensando em sua mãe, como que por encanto suas preocupações deixaram de ser com John, pelo menos por alguns instantes.

Sentado na varanda, John acendeu mais um cigarro, pouco se importando que este fosse mais um dos maus hábitos que cultivava. Entre uma tragada e outra, inconscientemente, fazia mais uma retrospectiva de sua vida. Recordava-se, agora, de um passado distante, da época de infância, que revivia com absoluta clareza e nitidez.

Fora criado com os pais e os três irmãos em uma família humilde, praticamente na periferia de uma grande metrópole. Era o penúltimo dos filhos e, talvez por isso, lembrava-se com maior riqueza de detalhes apenas a partir do momento em que seu irmão caçula nascera e sua mãe voltara do hospital com aquela inocente criança no colo.

Ainda podia sentir a imensa alegria pela chegada do novo irmão e, com saudades, recordou-se de que o nome dado a ele, Ricky, fora escolhido por seus pais atendendo aos seus insistentes pedidos.

Mantivera durante anos uma grande amizade com outro menino da vizinhança com esse nome e imaginava estar transferindo para o irmão mais novo todo o carinho que sentia pelo amigo, escolhendo-lhe o mesmo nome.

Do amigo, nunca mais tivera notícias e também não guardava mais lembrança alguma, porém, a recordação do irmão provocou-lhe dor; não se falavam havia mais de cinco anos.

Tinham sido criados muito próximos e sempre foram grandes amigos, especialmente a partir de seus 13 anos de idade, quando seu irmão mais novo ainda tinha 9 e sofreram juntos a dor causada pela morte do pai.

A morte prematura do pai desenvolvera-lhe intimamente um senso de obrigação, uma sensação de responsabilidade pela qual, a partir daquele momento – e imaginara, também durante toda a vida –, deveria cuidar do irmão, amando-o e protegendo-o.

Além de inseparáveis companheiros durante a infância e adolescência, haviam tornado-se sócios.

Contudo, lembrava John tristemente, como com todas as outras coisas que Deus havia lhe dado para depois tirar, a amizade com o irmão também fora subtraída, desta vez sob a figura de uma mulher, a secretária, 15 anos mais jovem que Ricky.

A secretária, provavelmente apenas pelo encanto da pouca idade, virara-lhe a cabeça, provocando o fim de seu casamento e o abandono da mulher e dos filhos. O distanciamento da família, as desavenças e brigas entre ambos e o rompimento final foram apenas uma questão de tempo.

John lembrou-se dos muitos momentos felizes passados juntos; as comemorações de muitas datas especiais entre as duas famílias, o amor que sentia pelos dois sobrinhos, a figura amiga e companheira do irmão, ora bonachão e espirituoso, ora sorrateiro e furtivo, a quem atribuíra, em tom de brincadeira e provocação, diversas pequenas falhas de caráter.

Apesar da enorme saudade que sentia, reafirmou a si próprio que também isso não importava mais. Agora, o irmão estava definitivamente excluído de sua vida e não havia a menor possibilidade de reatarem. Definitivamente, não voltaria a confiar em alguém a quem tanto havia se dedicado e de quem tanto gostara, procurando sempre, a todo custo, proteger e que o traía, desprezando uma amizade tão linda e profunda, simplesmente por uma aventura sexual.

Lembrou-se instintivamente da figura do pai insistindo-lhe com veemência que cuidasse sempre do irmão mais novo. Tinha dele as melhores recordações possíveis, excetuando-se, obviamente, sua morte

prematura, aos 40 anos de idade, vítima de um câncer linfático que o fizera sofrer por quatro longos anos.

Homem de gênio forte, o pai não havia tido a oportunidade de muitos anos de estudo, mas era extremamente culto e bem informado, basicamente pelo hábito da leitura. Tinha sido contagiado por este seu hábito desde pequeno, quando juntos liam, cotidianamente, tudo o que podiam, como jornais, revistas e livros.

Sempre tiveram muitas afinidades, o que o deixava extremamente orgulhoso. Sentia-se, intimamente, como o preferido dos filhos.

O exemplo de vida que recebera do pai – como trabalhador incansável, mesmo durante o longo período de sua doença, de homem íntegro e firme em suas decisões, sempre alegre, espirituoso e brincalhão, mas que, em certos momentos de irritação, especialmente naqueles provocados pelo doloroso tratamento da doença, era também capaz de explodir, literalmente, em fúria – inspirara-o a lutar pelas coisas que ele não teve tempo de conquistar, como o sucesso nos negócios e a realização financeira.

Sua ausência causava-lhe muita dor, e passou um longo período de sua vida culpando a Deus por sua morte prematura. Encontrara certo consolo, porém, durante um bom tempo, acreditando que o espírito do pai estivesse sempre ao seu lado, acompanhando-o e protegendo-o.

Infelizmente, agora era evidente que, mesmo que o espírito do pai tivesse permanecido ao seu lado em muitos momentos difíceis por que passou, certamente já não mais estava, pois, do contrário, nunca permitiria todo aquele sofrimento pelo qual vinha passando.

Sentia muita falta da amizade e da proteção do pai, e desejou, naquele momento, mais que tudo, do fundo do coração, tornar a vê-lo um dia.

Após algum tempo ali pensando, enxugou as lágrimas que corriam por sua face e decidiu ir deitar-se, mesmo sabendo que enfrentaria mais uma daquelas longas noites em que brigaria com a insônia até altas horas da madrugada.

Seus pressentimentos se confirmaram; fazia quase uma hora que havia se deitado e continuava a rolar de um lado para o outro da cama, ainda buscando a posição ideal para, finalmente, adormecer.

Já havia rezado, mecanicamente, sem emoção alguma, como se habituara a fazer todas as noites. Decidira-se, após algum tempo de completo abandono, que continuaria a orar e a pedir proteção a Deus, mesmo convicto de que suas preces não seriam atendidas. Não permitiria que Deus o acusasse de abandono e traição.

Se algum dia fosse julgado pelo seu rompimento com Deus, não poderia ser considerado culpado, afinal mantivera todos os hábitos dos tempos em que se sentia protegido, como suas Orações, seu comportamento íntegro e sempre bem intencionado, além da permanente disposição para apoiar e estender a mão a quem necessitasse.

Já passava das 2 horas da manhã quando, entre uma posição e outra na cama, ainda acordado, ouviu aquela voz que, ultimamente, povoava sua mente.

Como tratara de sua depressão por algum tempo e também por que passava por grandes pressões no dia a dia, a princípio, acreditou que aquela voz fosse apenas sua mente extravasando, seu inconsciente manifestando-se. Com o passar do tempo, contudo, aquela voz fazia-se presente mais e mais vezes, durante os dias e as noites, e, em especial, quando deitado em sua cama debatia-se tentando dormir.

Naquela noite, igual a todas as outras, a voz falava-lhe palavras bonitas, mas que lhe soavam de forma absolutamente irreal, como:

“Não desista.”

“Acredite que Deus quer o melhor para você e também para todos os seus outros filhos.”

“Tenha Fé.”

“O maior dos tesouros você só encontrará dentro de você.”

“Pague o preço que a vida cobrar na busca por seus Sonhos.”

“Esforce-se para permanecer ansioso pelo que está para acontecer-lhe.”

“Suas preces sempre são ouvidas e serão atendidas; mas saiba, o tempo de Deus é diferente do tempo dos homens.”

“Ofereça amor a todos e a inspiração lhe será revelada.”

Invariavelmente, eram sempre palavras e mensagens de Fé, Otimismo e Perseverança.

Lembrava-se de que houve um tempo, relativamente curto, em que resolvera prestar mais atenção e seguir as orientações daquela voz.

Acreditara que suas mensagens fossem, na verdade, palavras de Deus a lhe indicar o caminho certo a seguir. Dessa forma, pensava à época, Deus estaria provando-o, testando sua resiliência e, ao mesmo tempo, empurrando-o na direção de seus Sonhos. Acreditava que, se conseguisse extrair e praticar a essência dessas orientações, finalmente Deus se revelaria a ele e ofertar-lhe-ia o paraíso na Terra.

Contudo, não fora nem um pouco feliz ao acreditar nessas mensagens. Após uma série de frustrações, enquanto o tempo passava rápido e nada acontecia, e a sua situação apenas piorava, passou a crer que

estava se iludindo e que não havia algo de celestial e divino naquela voz, mas apenas sua imaginação, seu subconsciente, certamente influenciados pelos efeitos dos fortes medicamentos que tomara durante o malogrado tratamento da depressão.

A voz, porém, insistia naquela noite, convidando-o a pensar se a situação por que passava não seria apenas uma noite escura, que logo seria substituída por um lindo dia de sol; se não representava a oportunidade de recomeçar por um novo caminho, tão mais belo e gratificante que fizesse sua existência até então parecer insignificante.

Aparentava-lhe querer aproximá-lo de Deus, transformando sua vida em uma trajetória que iria muito além de sua compreensão e que, muito mais do que torná-lo apenas bem-sucedido e farto de coisas materiais, utilizasse sua existência e sua experiência de vida como exemplo para auxiliar pessoas que perderam sua crença, sua Fé em Deus e em si próprias.

Sim, deveria haver milhões de pessoas, assim como ele, que acreditavam terem sido deixadas para trás, que haviam se rendido ou estavam próximas de se render ao mal, como única maneira de se divorciar da promessa do bem, que demorava ou nunca lhes iria chegar.

Enfurecido com a pretensão de sua imaginação, refletiu por um momento: como seria possível que alguém em situação desesperadora como a dele próprio servisse de exemplo para outros igualmente desafortunados?

“Um cego não pode guiar outros cegos”, disse irrefletidamente em voz alta.

Suelen pulou na cama, assustada com John falando sozinho no meio da madrugada, quando ele, fingindo estar apenas sonhando, murmurou algo e, virando-se para o lado, continuou tentando dormir.

Adormeceu pouco depois, quase às 3 horas da madrugada.

“O verdadeiro guia de nossa conduta não é nenhuma autoridade externa, mas a voz de Deus, que vem morar em nossa alma e conhece todos os nossos pensamentos.” J. E. E. Dalberg-Acton (1834-1902 d.C.), historiador inglês

Naquela noite, John teve um sonho que lhe pareceu extremamente real, o que era muito incomum para ele. Seus sonhos sempre eram

completamente desconexos, misturando pessoas, lugares e situações insólitas.

Ele sonhou com sua querida e saudosa mãe. Ela partira deste mundo havia sete anos e ele continuava sentindo verdadeira adoração por ela, que, com seu jeito meigo, inocente e alegre, havia o acompanhado durante 40 anos.

Sempre encontrara nela doçura e paciência para suportar as adversidades da vida e, também por isso, era seguramente a pessoa que mais o influenciara ao longo do tempo, aconselhando-o constantemente a manter-se sereno, confiante em Deus, nos seus talentos e em suas aptidões. Tinha um jeito bondoso e divertido de falar-lhe por horas, como quem estivesse pregando um longo e prazeroso sermão.

No sonho, tal qual era em vida, parecia-lhe bem e bonita, feliz e realizada com a vida, com a união dos filhos, das noras, dos netos e plenamente saudável. Sua bondosa e conciliadora figura representava a união da família que, com tanta dificuldade, conseguira manter.

Além de excelente mãe, havia sido também uma ótima esposa, capaz de suportar o forte gênio do pai e domá-lo, motivos que a fizeram conquistar sua admiração e seu respeito irrestritos.

Naquela noite, durante o sonho, viu-a pedir-lhe muito claramente que perdoasse o irmão caçula e que tomasse a iniciativa de novamente unir a família. Além de Ricky, o mais novo, tinha ainda dois outros irmãos mais velhos que ele e dos quais também andara distante nos últimos anos.

Todos tinham seus próprios problemas e, agora, sem a presença da mãe, sentia que lhe era impossível sobrecarregar-se ainda mais com o sofrimento dos outros.

O sonho deixara-o confuso, mas, ao mesmo tempo, feliz com a possibilidade de voltar a ter uma família unida, ideia que lhe parecia já completamente descartada há algum tempo.

Repentinamente, seu sonho foi interrompido por Suelen entrando alegremente no quarto, desejando-lhe bom dia e servindo-lhe uma xícara de café quente que acabara de passar.

Olhando-a atentamente enquanto saboreava aquele revigorante café, reparou por um instante que, apesar dos anos, Suelen continuava a ser a mulher mais linda que havia conhecido, especialmente pela manhã, quando estava habitualmente muito disposta, bem humorada e sorridente.

Observando o relógio ao lado da cama, assustou-se com as horas, que já passavam das 9h30min da manhã.

Lembrou-se rapidamente do sonho que tivera e, conformado, sentiu uma pequena ponta de alegria por sua mãe não estar mais neste mundo.

I l l u m i n a t i

Não gostaria que ela presenciasse seus fracassos e a desunião absoluta que agora reinava na família, mas que, coincidentemente, iniciara-se com sua morte.

Não acreditava que um sonho pudesse alterar o rumo da vida ou, ainda, que a ele pudesse ser atribuída uma mensagem divina, enviada diretamente do mundo dos espíritos.

Levantou-se ainda sonolento e foi ao banheiro, entediado por mais um dia de preocupações e ressentimentos que certamente passaria.

O dia passou conforme havia imaginado, não fosse pelo estranho acontecimento que o aguardava e do qual não tinha qualquer consciência, mas que transformaria o futuro de sua existência.



A MISTERIOSA LUZ

ERA UMA SEXTA-FEIRA, DIA 10 DE OUTUBRO.

A pequena cidade perto da qual moravam, fundada e habitada por descendentes de imigrantes italianos – o que, em parte, justificava sua cultura muito religiosa –, comemoraria no domingo um dos dias mais importantes do calendário da crença católica; o dia de Nossa Senhora.

John sabia da importância da data e das festividades que iriam acontecer, porém, ultimamente, preferia evitar e abster-se de todo e qualquer tipo de crença. Não mais as achava importantes, úteis ou mesmo à altura de qualquer tipo de manifestação de adoração.

Era uma noite muito quente e abafada, quando, por volta das 20h30min, saiu, como fazia rotineiramente, com Suelen e acompanhado dos dois cães pastores alemães, Hassan e Urso, para uma caminhada leve, a alguns metros do portão de casa.

As casas vizinhas da região, quase todas de veraneio, de pessoas com considerável poder aquisitivo, estariam vazias até pouco antes do final de semana festivo. Podia-se ficar horas ali sem que se ouvisse qualquer tipo de som ou barulho, exceto os da natureza e mesmo a passagem de carros ocorria apenas em intervalos de horas.

Após alguns minutos de caminhada, voltaram para casa.

Uma prazerosa sensação de tranquilidade os envolvia. Apesar das enormes dificuldades pelas quais passava, sentia-se feliz de ainda poder encontrar a paz na companhia de Suelen e dos cães que tanto amava.

Adentraram pelo portão da casa e, quando John preparava-se para fechá-lo, com Suelen e os cães ao seu lado, aconteceu o inesperado.

Uma intensa luz surgida do nada, como se fosse um enorme flash, iluminou tudo ao seu redor, clareando um espaço de muitos metros quadrados em volta de seu corpo, com um brilho e uma coloração que jamais havia visto.

Sua luminosidade era tamanha que, em suas roupas refletiam, alternadamente, um branco incandescente e um azul anil de tonalidade tão intensa que era impossível continuar com os olhos abertos.

Naquela fração de tempo em que a luz brilhou, John, aterrorizado, imaginava o que poderia estar acontecendo; seria uma explosão, um curto-circuito nos cabos de alta tensão ou, ainda, o dia do juízo final?

Tão subitamente e silenciosamente quanto apareceu, aquela luz sumiu após alguns segundos, não deixando o mínimo rastro do lugar de que viera e para onde teria ido.

Tudo em volta estava repleto de paz e silêncio. Não havia carros, vizinhos, nada que justificasse aquele fenômeno.

Virando-se para os cães, que possuem sentidos apuradíssimos, como o olfato e a audição, observou que eles permaneciam tranquilos, felizes e calmos com o pequeno passeio.

Por um segundo, receou que fosse mais um daqueles acontecimentos que provariam que não estava em pleno gozo de sua saúde mental, assim como as vozes que ouvia, mas que também jamais poderia provar.

Sabia que não conseguiria explicar a quem quer que fosse o que acabara de acontecer, exceto se..., e virando-se rapidamente para Suelen, na busca por uma testemunha confiável, viu-a ali estática e pálida, paralisada com o que também presenciara. Sentiu-se aliviado por haver uma testemunha ocular do que acabara de presenciar.

Aos poucos, foi recobrando lentamente a consciência, percebendo que ainda estava muito confuso; sabia que realmente havia ocorrido, ali, um estranhíssimo fenômeno, do qual não conseguia qualquer explicação lógica ou plausível.

Ficaram ali parados por alguns minutos, observando tudo em volta, procurando encontrar alguma evidência que justificasse aquele estranho acontecimento, ao mesmo tempo em que criavam coragem para comentar entre si seus detalhes. Não havia explicações que pudessem elucidar o que acabara de ocorrer.

Mesmo estando, ainda, sob o forte impacto do aparecimento da luz, resolveram entrar em casa. Estavam maravilhados, mas também bastante assustados. Decidiram que procurariam manter segredo sobre o acontecido, pelo menos até que conseguissem entendê-lo um pouco melhor.

Pensativos e calados, não demoraram a ir se deitar, ávidos por um pouco de isolamento para refletir sobre o que acabara de acontecer.

No outro dia, pela manhã, conversaram muito a respeito do que acontecera na noite anterior e, influenciados pelo fenômeno que presenciaram, resolveram comparecer e participar das comemorações religiosas do domingo.

Aquele dia passou sem novidade alguma ou evidência que justificasse o fenômeno. A não ser pelas reflexões constantes que faziam, tudo parecia absolutamente normal.

No domingo, pela manhã, acordaram bem cedo e rumaram para a pequena cidade próxima de casa.

Assistiram à missa e à procissão, sem que tivessem, contudo, percebido qualquer outra mudança que pudesse ser atribuída àquele fenômeno.

As celebrações a que assistiram eram realmente emocionantes. A procissão, que percorria as pequenas ruas da cidade, era formada por milhares de pessoas de toda a região, inclusive pelos moradores dos sítios e das fazendas vizinhas.

Os fiéis que acompanhavam o cortejo trajavam suas melhores roupas, aquelas somente usadas aos domingos ou em comemorações muito especiais.

O percurso, relativamente extenso, era ora embalado por sonoras cantorias, ora em absoluto silêncio.

O chão das ruas por onde passavam fora todo forrado por pétalas de flores e cuidadosamente demarcado pelo pó de serragem. Havia, ainda, lindos desenhos coloridos, também ornamentados por pétalas, com imagens de anjos, santos e, especialmente, de Nossa Senhora segurando seu filho Jesus.

Toda a construção daquele cenário, pensava John comovido, certamente consumira muito trabalho dos fiéis durante toda a semana e, indubitavelmente, era fruto de muita devoção. Era, sem dúvida, uma linda festa de homenagem a quem dera à luz a Cristo, filho de Deus.

Acompanhando os eventos das celebrações religiosas, John, intrigado, pensava consigo mesmo: como seria possível que toda aquela comemoração, que reunia pessoas de todas as idades e condições sociais, saudáveis e enfermos, prósperos e necessitados, felizes e desesperados, negros e brancos, fosse apenas criação do imaginário popular?

Por que tantas pessoas haveriam de mentir ou, no mínimo, iludirem-se sobre sua devoção e as graças alcançadas?

Talvez, por conta da aparição daquela luz que presenciara e que, de alguma forma, poderia ser a manifestação de um evento celestial, algo tinha mudado, sentia-o, agora, em seu íntimo.

Podia ser apenas um fenômeno da natureza, ainda que sem explicações científicas, mas que, algum dia, poderia ser racionalmente compreendido, continuava a pensar.

Mas, e se não fosse apenas isso? O que realmente o intrigava, pois era um homem que procurava ser sempre lógico e racional – e aquele acontecimento não podia ser explicado desta forma –, era: e se fosse algo divino, algo especial? Estaria ele dando as costas a um Milagre?

Por que teria acontecido com ele, já que, certamente, existiam milhões de pessoas na face da Terra muito melhores credenciadas pela sua Fé e por seu merecimento?

E, ainda, o que significava aquilo? Existiria alguma mensagem embutida naquela luz? Como ele poderia entender melhor o que havia acontecido e o que se esperava que agora fizesse?

John nada comentou, mas, comovido pelos recentes acontecimentos, tinha a percepção de que, no seu íntimo, ocorria uma súbita expansão daquele sentimento que ainda mantinha no fundo do coração e que, ultimamente, vinha se esforçando para sufocar definitivamente: a Fé.

“Deus plantou em nosso coração o desejo de ir em busca Dele. Não olhe para as próprias fraquezas; concentre-se na busca. Redobre os esforços, para que sua alma possa escapar desta prisão material.” Rumi (1207-1273 d.C.), poeta místico persa

Seus pensamentos foram interrompidos pelo burburinho da multidão que, durante todo o dia, participara das celebrações na praça em frente à igreja matriz e, naquele momento, dispersava-se lentamente.

A noite já caíra e John e Suelen, satisfeitos e felizes, caminharam abraçados até o carro, rumando a seguir para casa.

Durante dias continuaram pensando a respeito daquele fenômeno, sem, contudo, comentarem com alguém.

Era estranha a sensação que John sentia. Após muito tempo, sua preocupação diária deixara de ser somente em como solucionar os problemas que o afligiam e, cada vez mais, se esforçava na tentativa de entender a aparição daquela luz.

Com o passar do tempo, ainda muito intrigado, conversava longas horas com Suelen, tentando decifrar aquela manifestação. Numa dessas conversas, decidiram procurar pelas respostas que tanto ansiavam com

alguém que cultivasse a Fé e a Religiosidade, credenciando-se, assim, a interpretar e elucidar suas dúvidas.

Há algum tempo ouvira de um grande amigo, que fizera na pequena cidade próxima a sua casa, comentários sobre uma velha senhora benzedeira.

Dizia-lhe que era considerada pelos habitantes locais como possuidora de extrema Fé e, ainda, que a ela eram atribuídos inúmeros Milagres de curas tanto físicas como espirituais.

John decidiu-se, após muita reflexão, que iria consultá-la, preferindo, porém, com medo de ser ridicularizado, continuar a manter em segredo aquele fenômeno.

Não foi muito difícil descobrir como encontrá-la. Sobravam naquela região pessoas que testemunharam seus feitos e que sempre estavam prontas a indicá-la a quem necessitasse.

Decidido a esclarecer aquela aparição, John resolveu que a visitaria no dia seguinte, pela manhã.

Eliminaria de vez todas as suas dúvidas e entenderia melhor o que acontecera. Só assim poderia voltar tranquilo a se preocupar apenas com sua delicada situação e com suas mágoas e ressentimentos do mundo e das pessoas.

Naquele dia, provavelmente por conta da decisão de avistar-se com a senhora milagreira, John estava mais bem-humorado e bastante disposto. Passou um longo tempo brincando com seus cães e conversando com Suelen.

Assim que anoiteceu, jantou rapidamente e, aproveitando o relaxante barulho provocado pela chuva que caía mansamente, preferiu deitar-se logo. Não restavam dúvidas de que realmente estava bastante ansioso pelo que o aguardava naquele importante compromisso.

Na manhã seguinte, estranhamente, acordou muito cedo, antes de o sol nascer. Caminhou por todo o terreno da propriedade, acompanhando o lento processo de despertar da natureza, observando, especialmente, as aves.

Havia algo de mágico a aprender na forma como esse acordar acontecia. Os pássaros cantavam alegremente, saudando o novo dia, esticando-se e contorcendo-se. Parecia que a forte chuva que começara na tarde anterior e que, mansamente, atravessara a noite toda, obrigando-os a se recolherem mais cedo, não os importunava nem um pouco. Aquele era um novo dia, demonstrava a alegria que exibiam; a oportunidade de viver e de aproveitar a vida era única e somente poderia ser expressa naquele dia. Não havia tempo para lamentar a tarde anterior, perdida com a chuva.

Illuminati

Achou curiosa aquela atitude e uma sensação incomum invadiu sua mente, ainda que por apenas alguns instantes. Pensava em como ele, um ser supostamente dotado de inteligência superior aos pássaros, ainda se permitisse perder dias, meses e até anos, remoendo coisas que já tinham acontecido. Coisas que não poderiam jamais ser modificadas e que, na realidade, não importavam mais nos dias atuais.

Estranhou aquele seu pensamento, mas, observando que já estava ficando tarde, resolveu se arrumar e ir ao encontro das respostas para suas dúvidas.

O local onde lhe indicaram morar esta senhora não era muito simples de ser encontrado. Estava localizado na zona rural, incrustado no meio da serra, a alguns quilômetros do asfalto. Deveria percorrer um caminho através de uma estrada de terra batida que ora estava empoeirada, ora enlameada. Naquele dia, provavelmente, encontraria muito barro devido às recentes chuvas.

Após atravessar a pequena cidade, em pouco tempo estava subindo a sinuosa serra, com a qual se maravilhava todos os dias de sua casa.

A vista lá de cima era realmente magnífica. A cidade, com suas ruas estreitas, a igreja matriz na rua principal, o cemitério onde sua mãe estava sepultada, os sítios e as chácaras com seus pomares e hortas, e muitos animais, como búfalos, carneiros, bois e vacas.

O dia, que amanhecera prometendo ser ensolarado, havia se fechado e a fina garoa que caía combinava com as intensas nuvens escuras que cobriam toda a serra.

Após mais alguns minutos de estrada, enfim encontrou a primeira sinalização do local que procurava, numa placa onde se lia “Serra dos Milagres”, indicando a direção a seguir. O nome era sugestivo, pensou John, agora bastante ansioso por chegar.

Seguiu pela estrada de terra, naquele dia de puro barro, até encontrar um imenso laranjal, ao lado de uma porteira branca, onde, segundo a recomendação que recebera, deveria adentrar.

Abrindo a porteira, avistou, a pouco mais de 500 metros, uma pequena capela, numa área limpa dentro da plantação, ao lado de uma casa muito simples, construída apenas de barro e coberta por sapé.

Não tinha mais dúvidas, ali era o local em que encontraria a pessoa que procurava e que, confiava, lhe desvendaria o mistério do que acontecera dias atrás.

De repente um frio correu-lhe a espinha: estaria preparado para conhecer o significado daquela luz? Quais seriam as consequências de desvendá-la?

E se o estranho acontecimento trouxesse consigo algum tipo de premonição, um mau presságio ou qualquer outra coisa que representasse mais problemas?

Tinha certeza, pensou John, que não suportaria mais sofrimentos e privações do que aquelas pelas quais já vinha passando havia tanto tempo.

Quando percebeu, estava na porta da capela, estacionando o carro sob uma imensa mangueira que, em dias de sol, certamente daria uma bela sombra.

Desceu do carro e tomou coragem para entrar na capela, meio escura pela falta de luz, porém fracamente iluminada por algumas velas acesas em frente ao pequenino altar. Já dentro da capela, tentava se acostumar à escuridão, curioso em explorá-la.

Subitamente, assustou-se com um menino que entrara correndo pela porta. Descalço, segurando uma bola nas mãos e com a roupa suja de quem estava brincando solto por aquele sítio, pediu que esperasse um pouco, pois Dona Olga logo viria atendê-lo.

Caminhou até a frente do altar e, contagiado pela paz que reinava naquele recanto sagrado, instintivamente, ajoelhou-se para, após um longo período distante de sua Fé, rezar fervorosamente.

Aquele ambiente tocou o fundo de sua alma e, pela primeira vez depois de tanto tempo, voltou a sentir uma agradável sensação de segurança e paz, que há muito havia esquecido.

Sentiu novamente que o universo era governado por um Ser Superior, que também o havia concebido e o criado, e que tudo sabia.

Um Ser Superior que estava sempre disposto a dar uma segunda chance aos seus filhos, perdoados-lhes e dando-lhes a oportunidade de evoluírem, de alcançarem seus Sonhos, de serem pessoas melhores e realizadas, ainda que, muitas vezes, fizesse isso de um modo inusual, estranho, utilizando-se da dor e do sofrimento.

Não, pensou melhor, a dor e o sofrimento haviam sido criados pelo homem e eram sentimentos somente daqueles que esqueceram que não estariam sós nessa jornada e que sempre poderiam buscar conforto na força superior e criadora do Pai e do universo.

“O sofrimento é o melhor remédio para acordar o espírito.” Émile Zola (1840-1902 d.C), escritor francês

Levantou-se, agora revigorado pelas preces que acabara de fazer, e começou a observar mais atentamente o interior da capela.

Ao lado do pequeno altar, um mural com diversas fotos pregadas testemunhava os acontecimentos dos longos anos de sua existência. Havia também diversas mensagens de testemunhos e agradecimentos de fiéis pelas graças recebidas.

Como entender, indagava-se, que um lugar simples e humilde como aquele, escondido no meio do mato, sem qualquer característica daqueles enormes e suntuosos santuários, tão comuns nas grandes cidades, abrigasse uma pessoa dotada de poderes divinos, que pudesse proporcionar a cura e a orientação aos enfermos do corpo e da alma?

Sempre fora interessado nos assuntos de espiritualidade, mesmo preferindo observá-los a certa distância, provavelmente pelo medo do desconhecido.

Sabia, portanto, que, em diversos cantos do mundo, muitas vezes em lugares ermos e de difícil acesso, havia pessoas, geralmente muito humildes, dotadas de profunda Fé e Religiosidade. Pessoas que, com sua vida simples, diferente daqueles pretensos religiosos enrustidos em seitas criadas para explorar os pobres e os necessitados, levavam gratuitamente a palavra de Deus aos famintos e desesperados.

Utilizavam-se de práticas religiosas simples, porém poderosas, como benzimentos, Orações e palavras recheadas com mensagens de Fé e conforto.

Não sabia exatamente quanto tempo tinha passado desde o instante em que rezou ajoelhado, mas sentia-se muito bem, relaxado, numa doce expectativa do que estava por acontecer.

Percebeu uma sombra se formando no interior da capela, indicando a chegada de alguém que, a qualquer momento, entraria pela porta. Ficou surpreso ao constatar que a sombra era de uma senhora de idade bastante avançada, talvez beirando os 90 anos, e que caminhava com alguma dificuldade.

Por alguns instantes ficou observando aquela senhora caminhar em sua direção e pôde gravar em sua mente uma cena que jamais esqueceria. Sua aparência física era de fragilidade. As pernas, ligeiramente curvadas para dentro, denotavam os efeitos do tempo em seu corpo, porém exalava uma atmosfera de muita paz, tranquilidade e segurança.

“Bom dia, eu me chamo Olga! Como vai o senhor?”, cumprimentou-o a senhora, com a voz firme e serena, e com a humildade das pessoas simples que não precisam da grosseria e da arrogância para impor sua presença.

“Bom dia, eu sou John, e vou bem, obrigado!”, respondeu ele com o carinho e a atenção de quem estivesse falando com sua própria avó.

A senhora pediu a John que se sentasse na cadeira ao lado de uma pequenina mesa junto ao altar, cuja presença ele não tinha notado.

Após sentar-se, a senhora pediu, sem qualquer cerimônia, que colocasse sua mão direita, aberta e virada para cima, sobre a mesa, colocando-lhe, a seguir, um crucifixo de ferro na palma da mão.

Segurando-lhe a mão onde estava o crucifixo e de posse de um terço na outra, a senhora fechou os olhos e começou a concentrar-se, causando-lhe a sensação de que ela entrara em uma espécie de transe. Seus lábios mexiam-se em alta velocidade e murmuravam algumas palavras que não se podia entender, causando a impressão de que era uma reza, estranha, incomum, que ele nunca havia presenciado.

Vez por outra, sem interromper a reza, desenhava o sinal da cruz em várias partes de seu braço e também em sua testa.

Repentinamente, seus lábios cessaram os movimentos e, abrindo os olhos, como se houvesse saído daquele estado de transe, perguntou-lhe: “Como se chama sua esposa?”.

John, um pouco espantado pela pergunta – não dissera que era casado e também não usava aliança – respondeu-lhe: “Suelen”.

A senhora fechou os olhos novamente e continuou aquela estranha reza. Interrompendo mais um pouco sua reza, mas com a fisionomia de quem ainda estivesse em transe, Dona Olga fez um comentário, como se fosse algo sem importância. Não enxergava quaisquer problemas de saúde com ele, John, nem com sua esposa, Suelen.

Ainda um pouco cético quanto ao poder milagroso daquela senhora, John lembrou-se de que nada havia comentado sobre o fenômeno que vivenciara e que o levava a procurá-la. Resolveu que o guardaria em segredo até o último momento, como que para testá-la. Se fosse realmente possuidora de um dom divino, pensou ele, não precisaria dizer-lhe por que estava ali.

Após alguns minutos, Dona Olga abriu os olhos e, fitando-o, perguntou sem rodeios: “Por que perdeu sua Fé?”.

Encabulado e já um pouco tenso, John não entendia o que estava acontecendo. Ele estava lá para conseguir respostas às suas perguntas e não para explicar o que nem ele mesmo entendia. Esforçando-se muito para juntar forças e coordenar o pensamento, conseguiu responder: “Nada dá certo em minha vida, perdi a Fé de tanto pedir e não ser atendido!” – disse ele rapidamente, quase se justificando.

I l l u m i n a t i

No íntimo, torcia para que agora ela explicasse porque, mesmo cultivando sua Fé durante muito tempo, não conseguira ser atendido.

Tinha uma avalanche de perguntas para despejar-lhe e aguardava apenas o momento propício.

Não deu tempo.

Aquela senhora, de aparência frágil e idade avançada, olhou-o fixamente nos olhos e, com uma feição completamente alterada, falou com vigor e em tom um pouco mais ríspido: “Fé não tem nada a ver com sermos atendidos nas coisas materiais que pedimos!”.

John ficou estarrecido com aquela resposta. Não esperava ouvir aquilo, ainda mais dito daquela maneira, de forma áspera e com alguma grosseria.

Não podia acreditar que tinha criado tantas expectativas para receber aquele tipo de resposta. Teve vontade de levantar-se e ir embora, aliás, como era de seu costume fazer quando as circunstâncias o contrariavam.

Com muita dificuldade, controlou-se, e ainda incrédulo com a resposta, decidiu que iria confrontá-la, afinal, não concordava com aquela afirmação que acabara de ouvir.

Não estava disposto a mudar seus conceitos. Fé era crença em algo, pensou consigo mesmo, e quando não se realizava – a Fé – não tinha motivos de existir.

Novamente, não teve tempo diante da velha senhora que, agora, já com a fisionomia calma e serena do início, continuou a falar: “A verdadeira Fé não está presente quando só a sentimos pelo atendimento de nossas necessidades. A verdadeira Fé é um sentimento de Gratidão por estarmos aqui neste mundo, vivos”.

“A Fé que só serve quando as coisas em nossa vida estão bem, quando nada nos falta e quando não temos dificuldades, poderia servir a qualquer Deus e até mesmo ao demônio, que atenderia a todos os seus desejos de bom grado em troca de sua alma.”

“Devemos Gratidão, primeiramente, por estarmos vivos, por Deus ter confiado a cada um de nós uma missão única, que somente nós seremos capazes de aprender e de cumprir.”

“É como se fôssemos crianças e estivéssemos num enorme parque de diversões. As crianças brincam e se divertem, enquanto inconscientemente aprendem.”

“Muitas pessoas em todo o mundo” – prosseguiu ela – “deixaram-se esquecer que estão nesta vida para buscar a realização de seus Sonhos.

Somente buscando e realizando nossos Sonhos podemos aprender o que é realmente importante, que é o que levaremos para a eternidade.”

“Precisamos muito saber o que Deus espera de nós, qual é a missão que ele nos reservou, nos designou. Por isso, devemos tanto seguir nossos Sonhos, que são a manifestação mais autêntica daquilo que Deus idealizou para a nossa vida.”

“Quem não estiver utilizando os dons que lhe foram concedidos não estará trilhando os passos que Deus planejou para cada um de nós, e não conseguirá a paz e a realização plena. Sua existência, cedo ou tarde, será marcada pela dor e pelo sofrimento.”

“Busque, meu filho,” – falando agora em tom carinhoso – “primeiramente entender o que Deus planejou para sua vida, satisfaça-O e também estará satisfazendo a si próprio. Dedique-se com afincos para contribuir com todos a sua volta de acordo com o seu dom, e o reino dos céus, misteriosamente, desabrochará em sua vida, aqui mesmo, na Terra”.

John sentiu-se profundamente tocado e ao mesmo tempo envergonhado com aquelas palavras.

Como pudera, durante tanto tempo, reivindicar somente o que queria, sem vez alguma haver se perguntado o que o Criador queria dele?

Vivera toda uma existência acreditando que as coisas pelas quais lutamos deveriam ser conseguidas a qualquer preço, passando por cima das dificuldades, atropelando, se preciso fosse, nossa saúde, nossos entes queridos, nosso tempo, enfim, tudo o que amamos e precisamos valorizar.

Começou a sentir Gratidão pela enorme quantidade de bênçãos que tinha recebido até então e que, no entanto, estivera cego, agindo de forma completamente ingrata.

“A separação de Deus é como um poço; A lembrança Dele é a corda.” Rumi (1207-1273 d.C.), poeta místico persa

Esforçou-se muito para não chorar. Sim, por mais sensibilizado que estivesse não havia mudado tanto em tão pouco tempo que permitisse se render à sua oponente com tal facilidade.

A velha senhora, agora demonstrando a mesma feição meiga e carinhosa do momento em que entrou na capela, indagou-lhe mais uma vez: “Você conhece o livro de Jó?”.

E antes que John tivesse tempo de responder, ela continuou: “O livro de Jó é uma passagem maravilhosa. Procure conhecê-lo, estudá-lo, e

certamente entenderá muito mais a respeito da Fé, da Gratidão e do compromisso que Deus tem para com todos nós”.

John, que ouvira muitas vezes o termo “paciência de Jó”, desconhecendo, porém, completamente sua história, balançou a cabeça afirmativamente, como a lhe indicar que iria empenhar-se em estudar a passagem que recomendara.

O tempo que estivera ali passara rápido e, quando deu conta de si, caminhava em direção à porta da capela acompanhado pela velha senhora.

Repentinamente, lembrou-se do motivo que o levava a visitá-la. Antes, porém, que pudesse decidir se iria questioná-la ou não sobre o acontecimento, seu pensamento foi interrompido por Dona Olga, que lhe disse: “Milagres e fenômenos inexplicáveis à ciência acontecem todos os dias, em todos os cantos do mundo” – falou ela mansamente, porém profundamente emocionada e com os olhos marejados.

“Quero contar-lhe uma passagem marcante de minha vida. Uma pequena parte da minha história. O acontecimento que considero responsável pelo meu despertar para a Religiosidade e também da Fé inabalável que adquiri e que, juntas, conseguiram proporcionar incontáveis Milagres de curas que, muitas vezes injustamente, são atribuídas somente a mim.”

“Aconteceu há muitos e muitos anos, quando eu ainda era uma criança de mais ou menos 7 anos de idade – continuou ela – e toda essa região era uma grande fazenda, habitada apenas por colonos.”

“Nossa família morava neste mesmo lugar, a época bem diferente de agora. Não havia plantações nem a estrada de asfalto pela qual se chega hoje até o topo da serra, de forma que era muito incomum recebermos qualquer tipo de visita.”

“Num certo dia de verão, muito quente, com um sol escaldante como nunca mais vi igual, eu brincava na porta de casa, – apontando para o que, agora, era a porta da capela – com meu pai sentado ao lado, descansando após o almoço. Ele esperava a hora de retornar à lavoura, quando ouvimos um barulho, que parecia ser o de alguém batendo palmas, na direção daquela porteira branca.”

“Imediatamente, meu pai pediu-me que fosse atender ao visitante e saber do que se tratava.”

“Caminhando no sentido da porteira, pude avistar uma mulher de meia-idade, coberta por um manto azul sobre a cabeça, provavelmente para proteger-se do sol, pensei comigo, acenando com a mão para que eu me aproximasse.”

“Ao me aproximar, cumprimentou-me delicadamente e pediu, humildemente, que lhe arrumasse um pouco de água.”

“As pessoas criadas em sítios costumam atender com muita educação seus visitantes, de forma que a convidei a entrar a nossa casa. Lá poderia servir-se a vontade de nossa água.”

“A mulher, sorrindo, recusou educadamente meu convite, explicando-me que carregava seu filho recém-nascido e que o deixara à sombra de uma árvore próxima dali.”

“Usaria a água para lavá-lo. Apenas a água bastaria para contentá-la, insistiu.”

“Como se recusara a entrar, corri o mais rápido que pude em direção a nossa casa. Angustiava-me saber que ali perto, embaixo de uma árvore, uma criança recém-nascida aguardava sedenta por um pouco de água.”

“Retornei tão rápido quanto havia ido. Entreguei-lhe um tonel de madeira, cortado à metade como um balde, com a água que eu mesma retirara do poço.”

“Com um sorriso maravilhoso no rosto, a mulher pegou o balde e agradeceu-me muito pela caridade. Disse-me que assim que terminasse de lavar o recém-nascido chamar-me-ia novamente para devolver-me o balde.”

“Voltei a brincar próxima a nossa casa, esquecendo-me completamente daquela mulher e de seu filho. A não ser pelo estranho barulho de água corrente que ouvia intermitentemente, como se estivesse à beira de uma cachoeira, tudo estava igual a todos os dias.”

“Passado algum tempo, que não sei precisar quanto, ouvi novamente a voz da mulher chamando-me ao portão. Como havia me esquecido completamente de sua presença, corri rapidamente em sua direção.”

“Ela devolveu-me o balde, agradecendo-me ainda mais. Dizia estar muito feliz, pois seu filho agora estava limpo e refrescado.”

“Não sabia ao certo se, pelo efeito do calor escaldante que fazia, mas observei uma estranha luz que estampava toda a silhueta da mulher.”

John, que a esta altura da história já estava bastante emocionado, sentindo um pouco de tonturas, interrompeu-a e sentou-se em um dos bancos da capela.

Com a voz um pouco embargada, pediu a Dona Olga que explicasse um pouco melhor os detalhes da luz que ela via naquela mulher.

Dona Olga então continuou: “Já tinham se passado muitos anos, mas a lembrança que fazia da luz era de uma claridade intensa, mais forte que o sol, e que oscilava para um azul anil também muito cintilante. Parecia-

lhe emanar da própria mulher, já que não havia um feixe de luz que pudesse indicar de onde ela nascia”.

“De qualquer forma, o mais estranho ainda estava por acontecer – continuou ela – quando percebeu que o balde que a mulher devolveu-lhe continha tanta ou mais água do que quando ela o havia entregue à mulher. Ainda mais intrigante, era que, a água parecia-lhe mais limpa e cristalina do que aquela que ela havia buscado no poço de sua casa.”

A mulher, observando seu espanto, disse-lhe docemente, antes de partir: “Você fez hoje um ato de muita caridade, servindo-me, e ao meu filho, esta água maravilhosa”.

“A água que estou deixando no balde é um presente, como prova de minha Gratidão. Use-a para tratar os que necessitam, e ela nunca haverá de acabar.”

Dito isso, a mulher caminhou em direção à árvore que havia deixado a criança, desaparecendo em seguida.

Não conseguindo mais vê-la, correu novamente para casa, contando o que havia presenciado aos seus pais. Seu pai não havia dado muita importância para o que dissera, voltando para o trabalho duro que enfrentaria na lavoura.

“À noite, como sempre fazia ao chegar da roça – continuou Dona Olga – meu pai retirou as botas e, após o banho, foi tratar de um antigo ferimento na perna”.

“Aquela ferida, causada por uma queda de cavalo, acompanhara-o havia anos. Conseguia, somente às custas de curativos diários, manter suportável a dor que a ferida lhe causava.”

“Naquela noite, porém, minha mãe, mulher de muita Fé e também muito religiosa, tinha um inusitado pedido a lhe fazer. Ela observara em silêncio, porém impressionada, meu relato sobre a misteriosa mulher. Decidira-se, logo após ouvir-me, retirar aquela água do balde e acondicioná-la em botijas de barro, dentro de casa. Insistia, agora, com meu pai que lavasse a perna com a água da botija.”

“Meu pai acabou por acatar o pedido de minha mãe, mesmo que um pouco contrariado. Pediu, então, para que eu derramasse um pouco daquela água da botija em sua perna ferida. Como fazia muito calor, meu pai acabou por não cobrir a ferida naquela noite, deixando-a ventilar.”

“No dia seguinte, ao acordar,” – continuou Dona Olga – “ouvi uma acalorada discussão entre meus pais”.

“Estranhando o que parecia ser uma briga, que até então nunca presenciara entre eles, caminhei até a cozinha e observei meu pai exibindo,

orgulhosamente, sua perna completamente curada, sem que se parecesse que, ali, algum dia, houvera qualquer tipo de ferimento.”

“Mamãe, ajoelhada ao lado da mesa, e com a imagem da Santa à frente, rezava em voz alta enquanto chorava muito.”

A felicidade que sentira era imensa, indescritível, recordava-se até hoje. Além da cura milagrosa do pai, considerava-se agora como uma das escolhidas por Deus para propagar suas bênçãos, e o faria, decidiu-se, naquele momento, com afinho e compaixão por todos aqueles que necessitassem.

“A partir daquele dia, com a notícia da cura de meu pai espalhando-se rapidamente por todas as redondezas da região, muitas e muitas pessoas passaram a procurar-me e, utilizando-me daquela água, presenciei inúmeras curas.”

O processo de multiplicação da água também lhe fora revelado com a simplicidade dos grandes Milagres. “Sonhei, após alguns dias, com aquela mulher, então ladeada por um homem jovem, com longos cabelos, barba por fazer e com expressão sofrida, porém serena.”

“No sonho a mulher adicionava uma pequena quantidade da água do balde que havia me deixado, com uma água comum. Transformava-a, assim, milagrosamente, na água curativa” – disse Dona Olga, balançando a cabeça em sinal de afirmação, apontando para um velho armário, no fundo da capela, com diversas garrafas plásticas usadas, do tipo das utilizadas em refrigerantes, completamente cheias de água.

John, que a ouvira atentamente, agora não mais conseguia conter as lágrimas. Entendera perfeitamente que as curas atribuídas àquela senhora eram possíveis graças ao uso da água com que fora presenteada por aquela misteriosa mulher.

Conseguia compreender também o Milagre de sua conservação e multiplicação, ainda em maior quantidade, apesar dos anos que haviam se passado.

Admirava, naquele instante, ainda mais Dona Olga, que humildemente atribuía somente àquela água a realização dos Milagres aos milhares de enfermos que procuravam sua ajuda, mas que, ainda assim, aceitara a simplória, porém difícil, missão de dedicar sua vida à prática e à disseminação daquela benção.

Visivelmente emocionado, John procurava associar o fenômeno da luz que havia lhe aparecido no portão de casa à história que acabara de ouvir.

Sabia que ainda tinha muitas dúvidas quanto ao significado da mensagem de sua aparição, porém, já não sentia a necessidade de lhe fazer mais pergunta alguma.

A resposta, falava-lhe silenciosamente sua intuição, teria de ser encontrada em uma viagem solitária ao seu íntimo, e esta seria sua missão daquele momento em diante.

Caminharam juntos até o carro e John, abrindo o porta-malas, entregou-lhe uma sacola de mantimentos.

Tinha juntado o que ainda restava na dispensa de sua casa. Sabia que aqueles alimentos ajudariam a atender às pessoas carentes que procuravam Dona Olga como único meio de conseguir sua subsistência.

Agradecendo-lhe muito, ela ainda lhe desejou sorte na busca por suas respostas e, principalmente, que perseguisse seus Sonhos, sempre com muita Fé e determinação.

Ficou parada mais um pouco ali, observando seu carro ir embora, lentamente, em direção à porteira.

A velha senhora abriu um largo sorriso de felicidade no rosto quando avistou uma luz brilhante, quase como uma aura angelical e muito parecida com a que tinha visto tantos e tantos anos atrás, agora acompanhando John.

**“Os ventos da graça de Deus estão sempre soprando; a nós, cabe levantar nossas velas.”
Ramakrishna (1836-1886 d.C.), religioso hindu**



O DESPERTAR DA FÉ

O DIA VOLTARA A FICAR MUITO QUENTE E AGORA, inesperadamente ensolarado, oferecia uma vista da descida da serra ainda mais deslumbrante. Era lindo contemplar aquelas paisagens de diversas tonalidades, cobrindo tudo o que se podia avistar até o limite do horizonte.

John estava radiante. Sentia uma felicidade que nunca experimentara. Se não estivesse demasiadamente eufórico com aquela história de Dona Olga, pensava tentando conter-se, poderia acreditar que ele também havia sido escolhido para testemunhar a ocorrência de um Milagre.

Sentia-se, naquele momento, um privilegiado por haver recebido uma visita particular de Deus ou mesmo de algum de seus emissários.

Mal podia controlar sua felicidade agora que tinha consciência de não estar só e que, qualquer que fosse o rumo dado à sua vida, procuraria estar em conformidade e seguindo a vontade de Deus.

Quase que imediatamente, um grande vazio preencheu-lhe a mente e a alma, desanimando-o, como quando aconteciam as crises depressivas pelas quais passara.

Teve medo de estar se iludindo. Medo de ser envolvido em mais uma artimanha do destino para provocar-lhe confusão e desviar-lhe de seus reais objetivos. Não podia perder seus objetivos de vista, pensava irritado. Precisava tomar de volta tudo que havia duramente conquistado e injustamente perdera.

Imediatamente, sentindo que possuía uma força capaz de enfrentar aquela ameaça, fez um enorme esforço para retomar o controle de sua mente e afastar os maus pensamentos.

Estava decidido que, daquele momento em diante, não mais teria medo do futuro nem ficaria a remoer o passado.

Viveria segundo a crença de que não importam as circunstâncias que nos cercam, mas somente a proteção absoluta do Criador. Enfrentaria aquilo que estivesse pela frente, de cabeça erguida e com muita, muita Fé.

I l l u m i n a t i

Acalmou-se por alguns instantes e começou a perceber que teria uma longa jornada em busca da paz espiritual que buscava.

Era preciso, antes de tudo, tratar aquele emaranhado de mágoas, rancores e ressentimentos que vinha cultivando há tempos. John começava a perceber, naquele instante, que os sentimentos negativos que cultivava não lhe permitiam juntar forças para dedicar-se a qualquer outro tipo de empreitada.

Não restavam dúvidas, constatou ele, ruminar os ressentimentos absorviam sua vitalidade e deixavam sua mente completamente inundada de energias ruins.

Por atolar-se nestes sentimentos mesquinhos, ele afastara-se de Deus e perdera sua Fé. Precisava livrar-se definitivamente e com a máxima urgência desse tipo de lembranças, mesmo que ainda não soubesse como o faria, pensou.

Chegando à entrada de casa, John encontrou Suelen apreensiva, na expectativa do que a senhora dissera a respeito do fenômeno que haviam presenciado juntos.

Antes do encontro com Dona Olga, discutiram muito a respeito e concluíram que John deveria procurá-la só, pois, se aquele fenômeno era mesmo sobrenatural, um aviso, como acreditavam, certamente havia sido dirigido a ele, que, sem dúvida alguma, era quem se encontrava num momento crucial da vida.

Conversaram longas horas e ele, como fazia com todos os assuntos que o inquietavam, contou-lhe pormenorizadamente e com riqueza de detalhes tudo sobre o encontro que tivera com Dona Olga.

Suelen emocionou-se muito com a história que acabara de ouvir e, empolgada com aquela nova perspectiva, fez diversos comentários e também suposições sobre o que o futuro lhes reservava.

Em seguida, já um pouco menos excitada, lembrou-se de que guardava em casa, dentre os seus muitos livros sobre religião, um em especial, que narrava a história de Jó.

John não deu muita importância – ainda não conseguira absorver tudo o que vivenciara naquele dia – e, pedindo a ela que, quando pudesse, separasse o livro, foi tomar um banho para refrescar-se do calor escaldante que fazia.

Durante o longo banho que tomava, observava a água a cair-lhe sobre o rosto, imaginando os poderes que ela poderia proporcionar à humanidade.

Pensava consigo mesmo: E se qualquer água do mundo fosse capaz de proporcionar a cura para todos os diferentes males que provocam o sofrimento de tantas pessoas?

Por que Deus não derramava uma pequena quantidade de água milagrosa sobre o mar, transformando assim o mundo num lugar livre de doenças? Ou melhor, Deus podia despejá-la diretamente através das chuvas e suas bênçãos caírem sobre todos os seres vivos.

Subitamente, aquela voz que o incomodava constantemente pronunciou-se no fundo de sua mente: **“A água sozinha não teria valor algum apartada da Fé”**.

John, então muito mais receptivo e atento à sua capacidade de receber orientação divina, resolveu ouvi-la, desta vez, com atenção e respeito.

A voz, como se percebesse seu momento de aceitação, susurrou-lhe novamente: **“A água esta lá, escondida propositadamente naquele lugar ermo, porém disponível apenas a quem tem a Fé para, ao menos, procurá-la”**.

Por um momento, John teve a maravilhosa sensação de entender o significado da mensagem, como quem pudesse ouvir a Deus.

Talvez, pensou ele, Deus estivesse sempre pronto a nos derramar todas as suas bênçãos, como saúde plena, vida abundante em realizações dos nossos Sonhos e tudo o mais que nos proporcionasse uma vida confortável e farta.

Mas, para isso, talvez também existisse um preço que deveríamos estar dispostos a pagar, dando-lhe os motivos para sua retribuição.

“Fé, Fé incondicional na busca da realização dos Sonhos que Deus idealizou para cada um de nós”, ouviu em alto e bom som aquela voz em seu íntimo.

John lembrou-se instintivamente do comentário feito por Dona Olga a respeito do livro de Jó e de sua extraordinária história de Fé.

Terminou seu banho rapidamente, na expectativa de que Suelen encontrasse o livro e, assim, pudesse conhecer aquela passagem bíblica a fundo.

Enxugou-se e, vestindo a primeira roupa que encontrou no armário, caminhou em direção a um canto da sala. Observou um livro diferente sobre a mesa que usava para trabalhar nos poucos trabalhos de consultoria em tecnologia que prestava, muito eventualmente, a algumas empresas.

Ali estava o livro com a história de Jó que Suelen havia lhe separado enquanto tomara banho.

Illuminati

Havia se passado algumas horas desde que chegara daquele importante encontro e John continuava agitado e ansioso. Sua expectativa, agora, era pela leitura do livro que o aguardava.

Sentou-se de qualquer jeito, de modo desconfortável, na cadeira em frente à mesa. Continuava sedento pelo que acreditava ser a continuidade de sua busca pelas respostas que tanto ansiava.

Durante a leitura, compreendeu que Jó fora durante toda sua vida um excelente filho de Deus, praticando sempre tudo aquilo que o Senhor esperava de um homem de bem.

Sua dedicação e Fé a Deus, que lhe proporcionaram uma vida sempre farta de benesses materiais e uma família abençoada, era admirada por todos, inclusive pelo próprio Deus, que o considerava um exemplo de filho.

Em um determinado dia, porém, ouvindo de Deus rasgados elogios à conduta de Jó, satanás O desafiou, argumentando que Jó somente era aquele seu filho maravilhoso e grato porque havia sido contemplado com inúmeras graças.

Jó tinha uma vida sem dificuldades e privações. Porém, ainda segundo satanás, se lhe fossem tiradas as boas coisas que Deus havia lhe dado, tornar-se ia um “qualquer”, sem Fé e sem Gratidão, e, a partir de então, com a vida impregnada pelo caos, seria capaz de blasfemar até contra o próprio Deus, exigindo sua boa vida de volta.

Deus, desafiado por satanás, mas seguro das qualidades que seu filho Jó possuía, autorizou o demônio a tirar-lhe tudo, menos sua saúde. Provaria a satanás que a Fé e a devoção de Jó não sucumbiriam jamais.

E assim como Deus havia permitido, aconteceu.

Com impressionante velocidade, satanás impôs a Jó uma série interminável de derrotas e perdas. Jó perdeu todos os seus sete filhos, as três filhas e todos os seus bens.

Perdeu também o respeito e a admiração que gozava do povo do lugar onde morava, dos seus amigos e de sua própria mulher. Ainda assim, continuou sendo duramente castigado e sofrendo diversas humilhações.

Sua mulher acusava-o, então, de continuar adorando um Deus que havia lhe virado as costas. Atribuía ela, a esse seu Deus, suas maldições, ordenando seu imediato rompimento com Ele como única forma de restabelecer sua vida. Exigia que ele amaldiçoasse seu Deus e morresse.

Seus amigos, que sempre o admiraram, passaram a criticá-lo e a questionar sua conduta, acusando-o da feitura de algum grande mal para que fosse castigado daquele modo.

Passado algum tempo e vendo que Jó mantinha-se firme em sua crença, mesmo com aquela saraivada de desgraças, satanás procurou Deus novamente. Garantiu-lhe que, se lhe fosse permitido tirar também a saúde de Jó, finalmente ele não mais suportaria e Deus veria, então, a verdadeira essência da alma dos homens, gratos apenas nos tempos de fartura e prosperidade.

Deus então, ainda seguro das qualidades dos homens e em especial das de Jó, autorizou satanás a infringir-lhe todo tipo de doença. Fez uma ressalva, contudo: que não lhe seria permitido tirar-lhe a vida.

Foi o que fez satanás imediatamente e, a partir daquele momento, além de mais nada possuir, Jó vivia como uma espécie de leproso, com o corpo coberto, da planta dos pés à cabeça, por úlceras malignas. Exilado das outras pessoas, fora obrigado a viver em uma área isolada da cidade, praticamente dentro de um enorme depósito de lixo daquele povoado.

Durante mais esta provação, continuou sendo bombardeado de críticas, exigências e questionamentos de sua mulher e dos amigos.

Passado muito tempo e não suportando mais aquela situação, Jó finalmente explodiu em indignação e, amaldiçoando sua própria existência, bradava aos céus questionando seu destino e pedindo a Deus que lhe tirasse a vida.

E Deus então, que a tudo observava pacientemente, mas que também espera de seus filhos que reclamem e até que fiquem indignados, por também isso representar um ato de Fé, respondeu de forma enérgica: **“Por ventura o contender contra o todo poderoso é sabedoria? Quem argui assim a Deus, responda por isso”.**

“Ou tens braços como Deus ou podes trovejar com a voz como ele faz?”

Deus repreendeu duramente também sua mulher e seus amigos por não terem ficado ao seu lado e não terem confiado em Jó quando ele dizia nunca ter atentado contra as leis de Deus.

Ouvindo as súplicas de Perdão de Jó, finalmente Deus ordenou que todos os seus bens lhe fossem devolvidos em dobro e que, junto com seus sete filhos e suas três filhas, sua saúde também lhe fosse restituída imediatamente.

Maravilhado com a história e profundamente emocionado pela provação de Fé a que Jó fora submetido, John tecia mentalmente uma série de questionamentos: Quanto sua história assemelhava-se com a do livro? Como Dona Olga havia tido a intuição de recomendar-lhe a leitura e o estudo do livro de Jó, sem sequer conhecer os detalhes de sua vida? Será que ela sabia que, assim como a história contada no livro, sua vida também

tinha sido marcada por um período de ascensão, seguido de desgraças e fracassos?

Questionava-se, intrigado, se as feridas e as úlceras que cobriram o corpo de Jó não seriam encaradas, à época, como a depressão nos dias de hoje.

Sofrera acometido da depressão e sabia que este mal também provocava o isolamento, obviamente por motivos diferentes, mas com as mesmas consequências nefastas da solidão.

Indagava-se se as decisões que tomara, as reações que tivera e mesmo os obstáculos que lhe foram colocados no caminho não tinham também sido obras do demônio.

Estaria sendo igualmente provado por Deus? Por um instante, teve medo de como Deus estaria avaliando-o, caso estivesse sendo também provado.

Certamente não teria sido motivo de orgulho e alegrado Deus com suas atitudes. Perdera sua Fé há muito e somente naquele momento, depois da visão daquela luz, tentava apaziguar-se com o mundo espiritual e com seu Criador.

Talvez fosse este o intuito da aparição; uma mensagem, uma espécie de aviso que despertasse sua Fé adormecida.

Sentindo-se envergonhado de suas atitudes, implorou pelo Perdão de Deus por suas fraquezas.

Continuou ali, pensando intrigado, agora com o livro lido e fechado sobre a mesa.

Como uma história de provação tão linda como aquela, somente agora lhe chegara ao conhecimento?

Que mudanças teriam provocado em sua vida e na forma de enfrentar as adversidades se tivesse conhecido-a desde o início de suas dificuldades?

Mal podia acreditar que, mesmo sendo um ávido leitor e tendo o livro em casa, à sua disposição, nunca se interessara por esse tipo de conhecimento.

Levantou-se da cadeira desconfortável em que estava e, olhando para o relógio, que marcava 4h10min da manhã, assustou-se com as horas. Tinha ficado completamente absorvido pelo livro e por sua magnífica história, e não se dera conta de que logo completaria 24 horas que estava acordado.

Decidiu ir deitar-se. Tinha tido um dia muito exaustivo, porém o melhor e mais gratificante, após muito tempo.

Mesmo sonolento, como sempre fazia, beijou Suelen já adormecida na cama, delicadamente, no rosto. Desejou-lhe, em um tom mínimo de voz, para que não acordasse, que dormisse com Deus. Ela dormia profundamente, completamente exausta pela dura rotina que cumpria todos os dias.

Diferentemente dos tempos em que a casa era servida por cozinheira, faxineira e jardineiro, agora ela cuidava de tudo, pensou John, grato por sua presença ao seu lado e pelo que considerava o maior dos presentes que Deus lhe concedera.

Conseguiu forças para ainda rezar, mas, naquela noite, de forma diferente das anteriores: fervorosamente, como há tempos não fazia. Pediu a Deus que o perdoasse por sua ingratidão e agradeceu-Lhe muito por todas as bênçãos que Ele havia lhe dado.

Animado pela mudança de perspectiva que pressentia, começava a mudar sua vida, ouviu aquela voz dizer-lhe mansamente antes de adormecer: **“Eu te perdoo meu filho”**.

Na manhã seguinte, John acordou disposto e renovado, o que não era comum. Suas noites, normalmente agitadas e mal dormidas, nunca lhe permitiam que o descanso fosse suficiente.

Sentada à mesa para o café da manhã, Suelen percebeu que havia algo de diferente em John, preferindo, porém, se manter calada.

Enquanto lhe servia um café, continuando a observá-lo silenciosamente, notou que havia feito a barba. Conservara este hábito diariamente durante anos, mas, ultimamente, o abandonara. Parecia não lhe importar mais a aparência.

Era um detalhe banal, simples, porém, a barba feita sempre fora um indicador de seu estado de espírito. Era como se sinalizasse ao mundo que estava pronto para sair, para arrumar-se e ir ao encontro de qualquer tipo de compromisso.

Indicava que estava disposto a continuar vivo e lutando pelos seus Sonhos que, mais do que nunca, eram agora de conseguir sua sobrevivência.

Seus olhos também brilhavam mais intensamente e esse brilho, magicamente, parecia estender-se para todo o seu corpo, causando um agradável efeito visual.

Estava alegre, falante, extrovertido e brincalhão, como há tempos não o via, pensava Suelen, feliz com o que poderia ser uma mudança de rumo na vida de ambos.

John tomou um gole de café e sentou-se em sua mesa de trabalho disposto a fazer algumas anotações sobre o que presenciara no dia anterior e também de algumas reflexões sobre as quais vinha se debatendo.

Até então, pensava ele, estivera vivendo refém dos acontecimentos de sua vida, especialmente dos ruins. Inconscientemente, remoía os sofrimentos pelos quais passara, acreditando ser vítima do destino, e mais, abandonado por Deus. Não conseguira, até aquele momento, amellar forças para mudar aquele estado de coisas. Porém, sentia que seu destino estava mudando.

A luz que avistara, a experiência proporcionada pelo encontro com Dona Olga, a leitura do livro de Jó e as constantes mensagens da voz que lhe falava à mente, haviam lhe oferecido uma nova perspectiva; e estava decidido a aproveitá-la da melhor forma possível.

Após algum tempo ali pensando concluiu que, como fizera em outras ocasiões de sua vida, muitas delas bem-sucedidas, elaboraria um plano para mudar os rumos de sua vida.

Não tinha, pelo menos ainda, a menor ideia do que um plano como aquele deveria contemplar. Sabia, porém, pelas dificuldades que enfrentava, que não seria simples construí-lo e muito menos colocá-lo em prática.

Revirando as gavetas, encontrou um bloco de anotações em branco que usaria. Preferia escrevê-lo à mão, como quem cunhasse sua própria salvação, pensou decidido.

Cunharia a sangue, se preciso fosse, o que seria dali em diante sua nova cartilha de vida, seu mapa de busca pela felicidade.

MISSÃO PESSOAL escreveu John, instintivamente no cabeçalho da primeira folha, não se apercebendo que acabara de batizar seu plano.

Preparando-se para iniciar os primeiros tópicos que lhe vinham à mente, a voz que ouvira nos últimos tempos e que, agora, fazia-se presente cada vez com mais frequência, falou mansamente em seu subconsciente: **“Faça um inventário de sua vida”**.

John, que resolvera ultimamente prestar mais atenção naquela voz, tomou nota imediatamente do que acabara de ouvir. Aquela frase, porém, provocou-lhe confusão, impedindo-o de prosseguir na sua importante tarefa.

O que significava “fazer um inventário de sua vida”, perguntava-se sem, no entanto, conseguir entender como aplicá-lo àquela situação.

Sabia o que era um inventário; parte dos muitos negócios que construía no passado e que não mais existiam, atuavam na distribuição de computadores, periféricos e diversos outros itens eletrônicos, e comandara, diversas vezes, algumas operações com o objetivo de inventariar seus estoques.

Dedicavam-se por longos períodos ininterruptos, normalmente nos finais de semana, trabalhando na aferição, contagem, separação e contabilização de todas as mercadorias.

Mas como aplicaria este conceito a sua própria vida? – pensava ele.

Não possuía, praticamente, mais bem algum, com exceção da casa e do carro, ambos garantias de dívidas que não conseguira pagar e que, se não o fizesse com urgência, algo que só parecia possível caso acontecesse um grande Milagre, logo os perderia também.

Confuso com aquela mensagem, parecia-lhe claro, ao menos, que não se tratava daquele tipo de inventário que a voz sugeria-lhe.

Ficou algum tempo ali, parado, pensando, e ainda sem ideia alguma de como solucionar aquele impasse.

Resolveu mudar de estratégia e, caminhando até a varanda, tomou a iniciativa de pedir orientação a Deus.

Sentou-se em uma confortável cadeira, ladeado pelos dois cães que dormiam despreocupadamente ao seu lado e, visualizando uma deslumbrante vista para a serra, juntou as mãos e rezou com Fé, pedindo orientação divina.

Não gostava muito das Orações tradicionais. Nunca conseguira entender aquele tipo de devoção de ficar lembrando de Cristo na cruz, descendo à mansão dos mortos e sofrendo.

Preferia pequenas frases afirmativas que enaltecessem o poder do Criador e que tratassem Deus como uma força permanente dentro de cada ser vivo, especialmente nos seres humanos, seus filhos.

Elaborou de forma improvisada sua prece, pronunciando: “Deus Pai, Deus Meu Criador, ilumina minha mente, ilumina meu caminho, ilumina minha vida. Concede-me seus poderes agora, para que eu seja capaz de realizar os Sonhos que o Senhor idealizou para a minha vida”.

“Muitíssimo obrigado Deus Pai, muitíssimo obrigado Deus meu Criador”, repetia em voz baixa, por muitas e muitas vezes.

Após rezar por um bom tempo, fez o sinal da cruz e encerrou aquela sua prece. Sentia-se novamente revigorado e pronto a continuar. Levantou-se e foi até a cozinha tomar mais um gole de café antes de continuar tentando decifrar aquele enigma que ouvira.

Na cozinha, Suelen, atribulada com os preparativos do almoço, nem se apercebeu de sua presença. Enquanto se servia do café, observando-a cuidar de seus afazeres, sentiu novamente aquela sensação de inutilidade que lhe causava uma enorme culpa.

Sabia que começava a adentrar naquele redemoinho de lamentações e recriminações que povoavam sua mente constantemente, quando ouviu:

“Inventário de emoções”. “Perdoe a tudo e a todos. Tenha Fé e cultive a Gratidão”.

John, agora extasiado, correu até sua mesa e anotou detalhadamente o que acabara de ouvir. Começava a acreditar que podia compreender melhor a orientação que recebera.

Identificaria, inicialmente, como num mapa mental, os acontecimentos e seus sentimentos que, então, tinha convicção, vinham atrapalhando-o, impedindo sua evolução espiritual e afastando-o de Deus.

Registraria também todos os acontecimentos que haviam lhe proporcionado felicidade, para que por eles pudesse ser grato.

Num segundo momento, crente que Deus estaria ao seu lado, receberia a orientação divina de como eliminar de sua vida e de sua alma os sentimentos negativos. Gravaría e eternizaria, porém, os sentimentos positivos.

Por um instante, em seu pensamento, duvidou da utilidade daquele tipo de coisa, daquele inventário: Que contribuição poderia lhe oferecer na sua MISSÃO PESSOAL?

Continuando a observar o papel em que fizera as anotações, fixou acidentalmente os olhos nas palavras que ouvira. De repente, abrindo um enorme sorriso de quem desvenda um verdadeiro enigma, repetiu quase gritando: “Perdoe a tudo e a todos”.

Seus gritos assustaram os cães que dormiam na varanda, mas, sem se importar com isso, gritou novamente, reafirmando a si mesmo sua descoberta: “Perdoe a tudo e a todos”.

Suspeitava, há tempos, sentindo no próprio corpo o mal-estar que as lembranças lhe causavam, que perdoar deveria ser de importância vital na vida dos homens.

Não praticar o Perdão, provavelmente, esgotaria nossas energias espirituais, influenciaria nossa Fé e, principalmente, nossa proximidade com Deus.

“O fraco jamais perdoa: o perdão é uma característica do forte.” Gandhi (1869-1948 d.C), líder espiritual indiano

Ocorreu-lhe, no pensamento, uma passagem bíblica em que o apóstolo Pedro indagara Cristo sobre o Perdão.

Não conseguia lembrar-se exatamente de como transcorreria o diálogo. Precisava da Bíblia, pensou, e foi até a estante, do outro lado da sala, apanhá-la.

Enquanto caminhava de volta à mesa, sentiu um forte pressentimento de que uma poderosa força havia sido acionada a partir do momento em que presenciara o fenômeno da luz.

A Bíblia, agora em suas mãos, estivera durante anos à sua disposição na estante de casa e, a exemplo do livro de Jó, nunca se sentira compelido à sua leitura. Porém, como com o livro de Jó, interessara-se naquele momento também por ela; e tudo isso em menos de 24 horas.

Ficou muito feliz com aquela observação, porém, sentiu também certo constrangimento. Durante anos, pensou John, especialmente naqueles em que sua vida caminhava de acordo com as expectativas que idealizava e seus objetivos estavam sendo atingidos, acreditava estar no comando de tudo e que nada poderia deter o ímpeto de sua inteligência e o acerto de suas decisões.

Por outro lado, como agora, quando as coisas caminhavam de mal a pior e seu mundo desmoronava, já não sabia o que fazer, que direção tomar e a quem recorrer, pensava um envergonhado John.

A presença de uma poderosa força divina comandando suas ações, quase como um piloto automático era, naquela ocasião, absolutamente reconfortante; tornava sua existência mais simples e segura.

Folheou a Bíblia em suas mãos e entreteve-se lendo diversas outras passagens antes de, finalmente, encontrar aquela que procurava.

Antes de escrevê-la em seu bloco de anotações, decidiu-se que, a partir de então, reservaria diariamente um tempo para sua leitura. Procuraria conhecer com profundidade os ensinamentos descritos naquelas belas histórias.

A passagem que procurava dizia:

“Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar se meu irmão pecar contra mim? Até sete vezes?’.

Jesus respondeu: ‘Não lhe digo que até sete vezes, mas 70 vezes sete.’ (Mateus 18, 21-22)”

John lembrou-se da dificuldade de perdoar que sempre sentira, mas, decidido a mudar, reagiu rápido contra seus próprios instintos.

Acabara de ler a passagem em que Cristo, que foi traído por alguns de seus apóstolos e os perdoou, pregava a importância do Perdão incondicional.

Estava decidido a também perdoar irrestritamente, mesmo que ainda não soubesse como o faria. Acreditava agora que despendendo todo o esforço que lhe fosse possível, contaria sempre com Deus ao seu lado a orientá-lo e apoiá-lo.

Sentindo-se ainda mais motivado com a construção de seu plano, agora definitivamente batizado de MISSÃO PESSOAL, limpou a mesa em que, dali em diante, seria seu escritório. Deixou sobre ela apenas seu bloco de anotações, a Bíblia e o livro de Jó.

Apesar de resumi-la em uma única folha de papel, trabalhou durante quase o dia todo escrevendo sua MISSÃO PESSOAL.

Fizera vários rascunhos, enchendo o cesto de lixo ao lado da mesa com anotações rabiscadas e riscadas antes de finalmente concluí-la.

Não conseguia, porém, esconder de si próprio que estava um pouco desapontado pela simplicidade do que deveria ser a essência daquilo pelo que lutaria a partir de então.

Pensava, antes de começar, que a simples iniciativa de elaborar aquele plano pudesse trazer consigo a fórmula mágica dos caminhos de sua execução e o segredo para seu pleno funcionamento.

Agora, sentia-se meio decepcionado com aquele papel inanimado à sua frente, como se esperasse que dele, John, brotassem as ideias e as iniciativas que resultariam em seu êxito.

Segurando aquele papel em suas mãos, leu e releu diversas vezes o que tinha anotado. Misteriosamente, sentiu uma intensa emoção com o que acabara de escrever. Tinha a impressão de que as palavras ganhavam vida, como se saltitassem na folha.



MISSÃO PESSOAL

INVENTÁRIO DE EMOÇÕES: PERDOAR A TUDO E A TODOS;
GRATIDÃO POR TUDO E POR TODOS.

FÉ E RELIGIOSIDADE: REENCONTRÁ-LA E DESENVOLVÊ-LA.

SAÚDE FÍSICA E MENTAL: DESENVOLVÊ-LAS.

SONHOS: IDENTIFICÁ-LOS; BUSCÁ-LOS INCESSANTEMENTE; PAGAR
POR ELES O PREÇO QUE A VIDA EXIGIR.

AJUDAR A TODOS: ATRAVÉS DE SEU EXEMPLO DE VIDA.

Observando a folha em detalhes, descobriu que aquele plano, na verdade, era como um roteiro a ser seguido. Um roteiro que fora engenhosamente criado por cada uma das diversas experiências que vivenciara nos dias recentes: ouvira de Dona Olga a importância da Fé, da Gratidão e da busca pelos Sonhos; o livro de Jó falava de provação e Fé; a bíblia, nas passagens que folheara superficialmente, pregava sempre sobre a necessidade do Perdão; e, finalmente, a voz que lhe falava sobre um pouco de cada, além de procurar orientá-lo sobre como utilizá-los.

Uma profunda sensação de Gratidão inundou-lhe a alma.

Crescia dentro de John a crença de que, finalmente, suas preces começavam a ser ouvidas e seriam atendidas. Há muito vinha sofrendo e silenciosamente pedindo ajuda divina.

Sentia, agora, que a ajuda finalmente chegara; primeiramente, pelo aparecimento da luz e, por conta dela, o seu despertar e, em seguida, pelas experiências que estava vivenciando na busca por respostas.

Sabia que ainda não era a materialização de seus Sonhos, tampouco a solução efetiva de seus problemas, porém, havia agora um caminho a seguir.

O caminho seria longo, pensava ele, mas estava disposto a trilhá-lo e, colocando sua vida nas mãos de Deus, cumprir sua MISSÃO PESSOAL.

Passadas apenas poucas semanas que John criara aquele roteiro, sua rotina diária tinha mudado completamente.

Os longos períodos em que ficava só, pensando e remoendo seus sentimentos, haviam sido substituídos por extensas jornadas de um trabalho quase artesanal.

Sentado ali, em sua mesa de trabalho, com seu bloco, a Bíblia e o livro de Jó, escrevia compulsivamente durante todo o dia e até altas horas da noite. Continuava a preferir escrevê-las à mão. Sentia que assim as palavras que escrevia tinham o poder de fazê-lo pensar mais profundamente.

Suelen que, mesmo cuidando de seus afazeres, jamais descuidava de observá-lo, estava contente pelo novo entusiasmo que John demonstrava.

Ela já havia tentado entender suas explicações de que, inspirado pela busca de sua MISSÃO PESSOAL, criara certo roteiro e, agora, cumprindo-o, dedicava-se a registrar todas as passagens marcantes de sua vida.

Segundo John lhe explicara, o objetivo desse registro seria, posteriormente, dividi-lo entre acontecimentos negativos – situações em que deveria perdoar a tudo e a todos – e positivos – pelos quais passaria a cultivar sua Gratidão.

Ainda assim, ela não entendia muito bem qual utilidade que aquele amontoado de folhas manuscritas teria, mas a simples mudança em seu estado de espírito bastava-lhe e alegrava-a.

Via-o escrever à mão durante horas e, vez por outra, interrompendo aquele rito, acender um cigarro e ler a Bíblia por alguns minutos. Aprendera que, com John, as mudanças e as decisões ocorriam misteriosamente, diferentemente das outras pessoas.

Questionava-se, silenciosamente, se o que estava acontecendo já não era um sinal de que a força e a determinação que sempre possuíra, tentavam novamente emergir.

Os dias passavam rápido e John continuava a se dedicar de corpo e alma àquele novo trabalho.

Havia conseguido escrever centenas de folhas, sempre de próprio punho. À medida que tomava nota de suas lembranças, o ódio, as mágoas e os ressentimentos voltavam a incomodá-lo.

Ultimamente, porém, sentia que algo muito sutil vinha mudando em sua forma de interpretar os acontecimentos.

Não conseguia enxergar com clareza o que mudara, mas tinha a percepção de que a intensidade de seus sentimentos ruins parecia diminuir pouco a pouco, gradativamente.

Era como se, a cada página preenchida, ele estivesse largando para trás parte de seus rancores. Talvez, pensava ele, estivesse analisando-os agora sob uma nova visão, a de um homem também com muitos medos, deficiências e falhas, como sua própria vida mostrava-lhe constantemente.

De qualquer forma, continuava a pensar, o que menos importava agora era por qual motivo conseguiria sua cura espiritual e sim que, aparentemente, começava a limpar seu coração de toda aquela impureza. Isso era suficiente, no momento, para deixá-lo muito grato e feliz.

John ainda não se apercebia das mudanças que as poderosas forças do universo – que normalmente caminham juntas com as grandes decisões, como as que tinha tomado –, são capazes de produzir no destino das pessoas.

Além do manuscrito que produzia, passara a ler diariamente a Bíblia e outros livros que desenterrou de seu armário.

Influenciado pela leitura de alguns desses livros, resolvera que, sem continuar a tomar qualquer tipo de medicação, cuidaria melhor de sua saúde.

Decidira-se emagrecer os 15 quilos que ganhara nos últimos anos, impondo-se uma rotina diária de exercícios, como caminhadas, corridas e natação.

Esses exercícios, muito mais do que simplesmente emagrecê-lo, proporcionavam-lhe uma incrível sensação de bem-estar, combatendo naturalmente a depressão.

Suas noites de sono também melhoraram consideravelmente e isso, aliado à decisão de, pelo menos por ora, diminuir sobremaneira os cigarros que fumava, tornavam-no a cada dia mais disposto e motivado.

Mas, como a própria voz que lhe falava já o havia alertado, a vida sempre cobra um preço pela busca dos nossos Sonhos. Seria como um pedágio que garante o direito de continuarmos na estrada até nosso destino final.

Agora, sem que soubesse, estava cada vez mais próxima sua hora de finalmente começar a pagá-lo.

O PREÇO DOS SONHOS



ERA UM DIA COMO TODOS OS OUTROS E JOHN escrevia de forma absolutamente compenetrada suas anotações.

Inesperadamente, o latido estridente dos cães interrompeu-lhe a concentração. No portão de sua casa, o mesmo em que ironicamente ocorrera-lhe aquela aparição, pôde avistar um senhor de certa idade, vestido de roupa social e paletó, denotando claramente não se tratar de alguém que conhecia.

John, já preocupado com o que o aguardava, gritou-lhe da varanda para que aguardasse um instante, a fim de que pudesse prender os cães antes de atendê-lo.

Voltou do canil diretamente para o portão e, abrindo-o, ouviu o que sabia que fatalmente escutaria, mas que se decidira a esquecer temporariamente, colocando seus problemas nas mãos de Deus: “Bom dia, meu nome é Frank e sou oficial de justiça. Tenho uma intimação para entregar ao Senhor John...”.

John tentava esconder, mas perdera os sentidos durante um momento. Respirou fundo e, esforçando-se para se recompor, tomou coragem e convidou aquele homem a acompanhá-lo para dentro de casa.

Entraram em silêncio; era, para ambos, uma situação incômoda. John puxou uma cadeira para que ele se sentasse, oferecendo-lhe, por puro hábito, água e café. O homem aceitou sorrindo, enquanto ensopava seu lenço enxugando o suor que lhe corria pela testa.

John foi até a cozinha e, ao abrir a porta, surpreendeu-se com Suelen, pálida, a rezar. Ela sabia o que estava acontecendo e se esforçava para controlar-se.

Ainda em silêncio, ele colocou a água e o café sobre a bandeja que levaria para o indesejado visitante.

Antes de fechar a porta, aproximou-se de Suelen e, encostando o seu rosto ao dela carinhosamente, pediu-lhe que procurasse se acalmar, deixando que ele cuidasse daquela situação.

No caminho até a sala, John pensava que não havia uma maneira indolor de cuidar daquela situação. Seria obrigado a assinar o documento que o homem trouxera consigo, perdendo assim, irremediavelmente, seu carro e sua casa.

Encontrou Frank folheando sua Bíblia, e sentiu-se um pouco melhor. Podia ser um homem religioso e ficar sensibilizado com seu hábito de lê-la, pensou silenciosamente. Serviu-lhe a água e o café, e observando-o, tentava adivinhar o que faria em seguida.

Frank tomou calmamente a água e, em seguida, o café, para, depois de enxugar novamente o rosto, finalmente abrir sua pasta, retirando e entregando-lhe um envelope.

Estava claro que a Bíblia não surtira efeito algum, pensou John, agora decepcionado.

A citação do juiz, como John bem sabia, informava que, caso o pagamento de uma dívida de algumas centenas de milhares de dólares contraída junto ao banco não fosse providenciado em 24 horas, os bens – carro e casa – seriam leiloados sumariamente em 60 dias.

Durante esse prazo, estabelecia ainda o documento, o carro deveria ser entregue ao banco e a casa, totalmente desocupada.

Apesar de conhecer esses procedimentos, e até já os esperar há algum tempo, John não conseguia esconder o impacto que lhe causara a leitura daquele papel.

Sentou-se de frente à janela da sala, ainda com o papel em mãos, como se procurasse maior clareza para continuar a lê-lo e, com os olhos marejados, avistou a serra onde via o Cristo soberano no topo.

Pensou, por um momento, em pedir-lhe ajuda mais uma vez, mas desistiu, diante do homem que aguardava ansiosamente que assinasse seu recebimento.

Caminhou até sua mesa, observado silenciosamente por Frank e, pegando a mesma caneta que usava para manuscrever suas lembranças, finalmente o assinou.

Antes, porém, que anotasse a data, o homem que agora aparentava mais tranquilidade, provavelmente por que John já assinara o documento, interrompeu-o: “Não pude deixar de observar esta Bíblia sobre sua mesa. Posso lhe perguntar com o que trabalha?”.

John, agora irritado pelo fato de, além de assinar o documento, ter ainda que lhe dar satisfação do que fazia, respondeu secamente: “Por ora, infelizmente, com nada”. Respondeu em tom ríspido, encerrando aquela tentativa de conversa.

Entregou-lhe o documento assinado e caminhou em direção à saída, sugerindo que o acompanhasse até a porta. O homem, entendendo sua atitude, levantou-se e foram juntos, em silêncio, até o portão.

John abriu o portão e, estendendo a mão para se despedir, foi interrompido por Frank: “Sua casa é realmente muito linda. Minha mulher teria adorado conhecê-la. Ela gostava muito da natureza e dos pássaros”.

Continuando a observar a sua volta e, fazendo uma pausa para respirar, continuou: “Infelizmente agora isso não será mais possível; ela se foi há menos de um mês”.

John ficou emocionado, perplexo, sem saber o que dizer. Havia sido frio e um pouco rude com aquele homem e agora percebia que, mesmo que seu trabalho tivesse lhe trazido uma infeliz notícia, ele não tinha absolutamente responsabilidade alguma pelos seus problemas. Era um ser humano e deveria tê-lo tratado melhor.

Antes que pudesse tentar se reparar por suas indelicadezas, o homem, agora com os olhos cheios de lágrimas, lhe falou: “Saio de férias hoje, e durante 60 dias farei uma viagem que eu e minha falecida esposa sonhamos e planejamos durante muitos e muitos anos. Não que seja igual ou mesmo que possa considerá-la férias, mas estou tentando reorganizar minha vida sem ela e acho que esta viagem poderá me ajudar”.

E, dando mais uma breve pausa para tomar fôlego, prosseguiu: “Posso devolver ao Fórum este documento apenas na minha volta. Não me traria problema algum e talvez o ajude”.

“Milagres às vezes acontecem”, disse ele por fim.

John, emocionado e agradecido por aquela atitude desprendida e solidária, abraçou-o fortemente. Desculpando-se pela forma como o tratara, desejou-lhe, do fundo do coração, que Deus o acompanhasse em sua viagem.

Após se despedirem, desta vez cordialmente, ficou algum tempo observando Frank manobrar seu carro e ir embora lentamente.

Sentia pena daquele pobre homem e também um imenso vazio por tê-lo conhecido em uma situação tão difícil e ruim quanto aquela.

Talvez, pensava John consigo mesmo, se o houvesse conhecido em tempos melhores, tivesse sido capaz de tentar confortá-lo e de entendê-lo um pouco melhor.

Quem sabe até poderia tê-lo convidá-lo para jantar, se tornando seu amigo. Teria certamente tentado fazer um pouco mais por alguém que, naquelas circunstâncias, tanto necessitava.

Uma das coisas que mais o incomodava, ao longo dos difíceis períodos que vinha enfrentando, era ter perdido o dom de ajudar as pessoas, pensava John enquanto caminhava em direção a casa.

Sempre sentira prazer e até certa necessidade de ajudar as pessoas. Não importava se esse alguém fosse um catador de latas da esquina, o pedreiro que lhe prestava um serviço, um vizinho, um amigo ou um familiar. Era capaz de largar tudo o que estivesse fazendo e escutar durante horas alguém falar sobre seus problemas e suas aflições.

Sentia que tinha uma grande habilidade para colocar-se fielmente no lugar daquela pessoa e, com outros olhos, vislumbrar e sugerir opções diferentes que ajudassem a chegar a uma solução.

Lembrava-se com satisfação do poder que um ombro amigo, juntamente com um conselho inusitado, porém prudente, podiam fazer a alguém em um momento de desespero.

Recordava-se ainda que, muitas vezes, convencido de que apenas com palavras não ajudara o suficiente, não se furtara a estender a mão, de forma indistinta, também materialmente.

Nunca fora apegado ao dinheiro ou a bens, apesar de sempre desejá-los e de muito lutar pela sua conquista. Em seu íntimo tinha a convicção de que os bens serviam simplesmente para trazer tranquilidade e paz à vida das pessoas.

E, muito mais que isso, tinha certeza quase divina de que, especialmente por sentir e agir assim, nunca algo lhe faltaria.

Agora, infelizmente, havia perdido essa crença e, junto com ela, suas habilidades. Sentia-se tão saturado pelos seus próprios problemas que não tinha mais disposição, e tampouco se achava a altura de aconselhar alguém sobre o que quer que fosse.

Era triste essa constatação, pensou John cabisbaixo.

Deus perdera um bom ajudante.

Entrando pela porta, ainda tentando assimilar o duro golpe que acabara de receber, encontrou Suelen aos prantos e soluçando, agachada ao lado da mesa. Antes que pudesse tentar consolá-la, ela pediu-lhe que sentasse, pois precisavam muito conversar.

“John, não estou conseguindo mais viver assim; estou desesperada com nossa situação”, disse Suelen com a voz embargada.

“Nossas contas estão todas atrasadas e não sei como vamos continuar sobrevivendo. O mercado suspendeu nossas compras e o que temos na dispensa não deve durar mais que uma semana. Nossa energia pode ser cortada a qualquer momento. O telefone foi desligado hoje e, a

I l l u m i n a t i

menos que paguemos pelo menos duas das quatro contas atrasadas, não será religado.”

John ficou olhando-a paralisado e em silêncio, sem ter o que responder. Ele sabia, em seu íntimo, que tudo aquilo iria acontecer, mas resolvera esquecer temporariamente aquele tipo de preocupação para dedicar-se de corpo e alma à sua busca.

Agora, aterrorizado, como quem adormece com um lindo sonho e acorda vivendo um pesadelo real, sentia que o mundo a sua volta ruía e lhe pesava demasiadamente sobre os ombros.

Num grande esforço para tentar lhe demonstrar segurança, reuniu toda sua força para apenas abraçá-la, enquanto afagava seus cabelos tentando acalmá-la.



OS VERDADEIROS AMIGOS

NO QUARTO QUENTE E ABAFADO, JOHN REVIRAVA AS gavetas do armário. Uma mala grande, aberta sobre a cama, acondicionava diversos objetos que ele separava há horas.

Podia-se ver um par de óculos italianos; um revólver “Colt Cavalinho” com cabo de madrepérola branca, novíssimo, presente de seu avô; uma espingarda Winchester puma, além de alguns perfumes que comprara durante as viagens internacionais que fizera há tempos e que nunca usara.

Sabia que precisava conseguir algum dinheiro urgente, pelo menos para a subsistência da casa, e a única alternativa que encontrara era vender o que havia separado.

Colocou a pesada mala no porta-malas do carro e rumou velozmente para a cidade próxima. Notou que a gasolina do carro estava praticamente no fim e, caso não tivesse êxito em seu intento de conseguir algum dinheiro, teria problemas para voltar para casa.

Aquela pequena viagem, que normalmente durava 15 minutos, parecia-lhe uma eternidade. Sentia uma forte dor no estômago, como a queimá-lo. Transpirava pelo rosto e nas mãos sem parar. Eram os sintomas que o acompanhavam sempre que ficava transtornado, como agora.

Não podia acreditar que estivesse vivendo aquela situação, pensava revoltado, enquanto observava a sinalização do painel alertando que faltavam poucos quilômetros para a gasolina finalmente acabar.

Aquilo tudo era irreal, como um pesadelo sem fim. Talvez fizesse melhor pisando fundo no acelerador e atirando-se do penhasco que margeava a estrada, continuava a pensar.

Não, refletiu por um instante, mudando de ideia. Com a má sorte que agora o perseguia, acabaria se tornando um inválido para o resto da vida, ao invés de morrer. Nunca mais conseguiria se perdoar.

Finalmente, sem que se apercebesse, entrava pelo portal da cidade, são, salvo e ainda com um pouco de gasolina no tanque. Menos mal, pensou ele, podia ainda se suicidar na volta.

Resolveu que procuraria alguns amigos que fizera na cidade e sobre os quais, inconscientemente, começou a pensar.

Durante os anos que vinha morando naquele lugar, nem sempre sofrera como agora. Havia passado por períodos, logo no início, em que, tentando aproveitar a nova vida que passara a levar, longe das complicações que vivia na metrópole de onde saiu, conhecera e apaixonara-se pelo lugar e especialmente por algumas pessoas, seus amigos.

Eram pessoas muitos simples e, talvez por isso, extremamente companheiras e leais. Com raras exceções, como a de um alto executivo de um dos maiores conglomerados financeiros do país que passava ali somente os finais de semana e feriados, todos eram estabelecidos na cidade em pequenos negócios, como oficinas mecânicas, marcenarias, loja de roupas e perfumes e outros negócios desse tipo.

Considerava-os mais que irmãos, quase como anjos enviados do céu para resgatar-lhe novamente sua crença no ser humano.

Na sua simplicidade, eram atenciosos, prestativos e gentis. Estavam sempre disponíveis para o que deles precisasse, fosse um concerto no carro, na casa, algum dinheiro emprestado, um conselho amigo, enfim, absolutamente qualquer coisa.

Tivera sempre bons amigos, mas esses eram especiais, diferentes, muito mais que somente isso.

Sem saída e, ao mesmo tempo, muito constrangido, resolveu procurá-los. Tentaria com eles mais uma vez conseguir a ajuda de que agora tanto precisava.

Procurou-os um a um e, após duas horas de uma via sacra que o fazia se sentir profundamente humilhado, como já imaginara, John voltava para casa sem a mala e com mais dinheiro do que havia previsto.

Alguns deles, não satisfeitos ou não interessados em comprar o que lhes oferecia, mas preocupados em ajudá-lo, simplesmente lhe emprestaram um pouco mais de dinheiro.

Voltando para casa, agora com o carro abastecido e próximo ao penhasco do qual pensara em se atirar, sentia-se muito melhor. Podia quase tocar no seu sentimento de Gratidão a Deus pelo presente que ganhara conhecendo aquelas pessoas.

Por algum motivo que não sabia explicar, mas que considerava divino e celestial, sentia-se querido por eles na mesma intensidade.

Telefonavam-lhe quase que diariamente. Convidavam-no constantemente para todo tipo de encontros, como aniversários, churrascos, missas, casamentos e batizados.

Emocionava-se observando o quanto sofriam pelo momento que vivia e quanto torciam pelo restabelecimento de sua vida.

Percebia que, mesmo que muito os intrigasse, mantinham um sentimento nobre de respeito pela situação precária que agora enfrentava. Infelizmente sua vida era complexa demais para explicar-lhes, continuava John a pensar.

A forma de viver que cultivavam desde criança, provavelmente seguindo o exemplo de seus pais e avós, era muito simples. Consistia simplesmente na crença de acordar todo dia cedo, bem cedo, e trabalhar duro, muito duro, até a noite.

Não ficavam sonhando com grandes negócios, com objetivos distantes e inalcançáveis; já tinham encontrado seus Sonhos. Sua MISSÃO PESSOAL estava naquela vida simples, despreocupada e feliz de que desfrutavam todos os dias.

John sentia que tinha uma enorme dívida de Gratidão por tudo que lhe fizeram e silenciosamente reforçou sua promessa de que um dia retribuiria, generosamente, a ajuda que havia recebido de cada um deles e daquele maravilhoso lugar.

Ao chegar, John imediatamente entregou a Suelen o pacote com o dinheiro que conseguira, procurando assim tranquilizá-la.

Satisfeito, observava-a felicíssima com a ajuda que acabavam de receber e que solucionaria, pelo menos temporariamente, alguns dos problemas por que passavam.

Após muito tempo, naquela noite estavam um pouco mais tranquilos e esperançosos com o futuro.

Conversaram até o meio da madrugada sobre o que acontecera durante aquele dia e também sobre as providências práticas que deveriam tomar com o dinheiro que conseguiram.

Havia muitas contas atrasadas e Suelen, que sempre cuidava desse assunto, selecionaria, de acordo com a urgência, o que pagariam e o que continuaria atrasado, constatando que o dinheiro seria insuficiente para tudo.

Finalmente, exaustos, decidiram ir se deitar. Enquanto fechavam as portas e janelas, agradaram rapidamente Hassan e Urso, que atentamente acompanhavam tudo da varanda, como se entendessem o que se passava.

John rezou com muita Fé naquela madrugada. Estranhamente sentia-se mais grato pela ajuda que recebera de seus amigos do que triste pelos bens dos quais tivera que se desfazer.

Não conseguia, porém, esquecer-se da visita do oficial de justiça e da iminente perda de sua casa. Finalmente, concluindo que lhe era impossível

I l l u m i n a t i

lutar contra aquela terrível situação, pelo menos por ora, resolveu mais uma vez entregá-la nas mãos de Deus, antes de adormecer.

Ainda mais exausto e praticamente já inconsciente pelo sono, não conseguiu ouvir aquela voz dizer: **“Eu não permitirei. Durma tranquilo”**.



AMARGAS LEMBRANÇAS

SUELEN ACORDOU CEDO NAQUELA MANHÃ.

Mesmo tendo dormido pouco, pelo horário avançado em que haviam se deitado, estava disposta e já fizera boa parte de sua rotina.

Sabia que o dia seria diferente, pois, além de todas as suas tarefas, teria ainda que conseguir tempo para sair e fazer uma série de pagamentos.

Sentia-se feliz, pois, apesar da atribulação, colocaria muitas contas em dia, o que a deixava profundamente satisfeita.

Enquanto passava um pano umedecido sobre a mesa de John, inadvertidamente, derrubou o calhamaço de papel com suas anotações. Abaixando-se para pegá-lo, já preocupada com a desordem que causara e sem que se desse conta, sentou-se para descansar um pouco.

Enquanto folheava as páginas, tentando colocá-las na ordem correta, observava o que John havia escrito nas muitas semanas que tinham se passado desde que se avistara com Dona Olga.

Interessava-se por alguns pequenos trechos que lia enquanto ordenava suas folhas. Sempre gostara de estar bem informada sobre os afazeres e os interesses de John.

Dessa vez, porém, ele parecia muito concentrado e absorvido com o que fazia para perder tempo explicando-lhe mais uma vez o que estava fazendo. Essa falta de informação, contudo, só aguçava ainda mais sua curiosidade.

Aproveitando que John ainda dormia, decidiu dar uma pausa no que fazia e, acomodando-se melhor na cadeira, começou a selecionar o que iria ler.

O ano era 1988 e John descrevia a mudança profissional que acabara de consolidar.

Após cinco anos de muito trabalho e também de muito sucesso, resolvera se demitir da filial local da multinacional japonesa em que trabalhava e construir seu próprio negócio.

Lembrava-se com perfeição de detalhes da reação negativa dos colegas e dos familiares. Censuravam-no por sua atitude de abandonar uma

sólida e promissora carreira na empresa que, à época, era a líder mundial nos segmentos de eletroeletrônicos e informática.

Trilhara uma fulminante carreira na área comercial. Admitido como representante comercial, recebera consecutivas promoções e demitia-se agora no cargo de diretor comercial.

Tinha plena consciência do enorme desafio que encontraria a partir de então, mas se valia especialmente do imenso potencial que, estava convicto, possuía. Seu desempenho e suas experiências daquele passado recente asseguravam-lhe o sucesso, confiava.

Nos cinco anos em que lá trabalhara, esforçara-se sempre acima de seus limites para ser o melhor.

Atendia e vendia muito aos melhores clientes da companhia. Relacionava-se bem com subalternos e superiores de todas as áreas. Era confiante o suficiente para reclamar pelos direitos dos clientes e, ao mesmo tempo, para tomar decisões justas dentro da empresa.

Sentia que sua luz brilhava como uma estrela e que poderia ter permanecido lá até sua aposentadoria, não fossem as politicagens que também corrompem e destroem as grandes organizações.

Enquanto brilhava na periferia das filiais, distante da matriz, não despertara qualquer ciúme.

À medida, porém, que ele, um executivo jovem, destemido e com um futuro brilhante, começava a galgar posições, ameaçando os “profissionais”, as coisas mudavam rapidamente.

“Profissionais”, definia John em seu manuscrito, eram aqueles funcionários que, por determinada competência demonstrada no passado ou muitas vezes por obra de algum acaso, haviam conquistado uma boa posição na hierarquia da empresa. Com uma posição garantida, então, faziam de tudo para mantê-la e eternizarem-se naquele cargo.

Passavam o dia dentro de suas confortáveis salas, constantemente guardados e vigiados por suas ferozes secretárias. Dedicavam-se o tempo todo a garimpar e alardear dificuldades para que pudessem, assim, demonstrar veladamente seus reais interesses.

Esses “profissionais” estavam, na verdade, sempre de olho nos necessários e inadiáveis crescimentos do orçamento de suas respectivas áreas, e claro, nos bônus, nas promoções e principalmente no poder que isso lhes conferia.

Dessa forma, estavam sempre na espreita, excitados por vender suas facilidades e miraculosas soluções, como abutres demonstrando a toda hora seu voraz apetite.

Identificava-os, por exemplo, na figura dos muitos executivos e tecnocratas de escritório que conhecera. Para eles, os sistemas nunca estavam preparados para uma nova campanha de vendas, nunca se deveria facilitar a vida dos clientes e a culpa por tudo que desse errado era sempre e invariavelmente dos outros.

Via-os mais vezes ainda naqueles que dirigiam as empresas, e que, diante de suas próprias omissões em conhecer a realidade, só dispunham da opção de acreditar no que lhes era contado pelos “profissionais”.

Suelen interessava-se ainda mais pela leitura e continuou a folhear o manuscrito, detendo-se no ano de 1989. John escrevera sobre o andamento de seu novo negócio.

Fazia um ano e meio que montara sua empresa. John estava empenhado em construir a maior rede mundial de distribuição para o comércio de computadores novos e usados, além de periféricos e softwares.

Os negócios não andavam como imaginara e enfrentava muitas dificuldades.

Tinha como sócios outros dois ex-funcionários da empresa na qual trabalhara e que, mesmo sem saber ainda, o seguiriam durante muitos anos.

Um deles, Martin, trabalhara como técnico de manutenção em uma das filiais em que fora gerente. Acabaram por criar uma grande amizade e também entre suas famílias, a ponto de John aceitá-lo na sociedade sem que tivesse que desembolsar valor algum por isso.

John era mesmo assim, desprendido, pensou Suelen orgulhosa, continuando sua leitura dos manuscritos.

No final do ano de 1989, porém, tudo começou a mudar.

John desenvolvera sua carreira na área comercial da companhia que agora representava e conhecia profundamente seus produtos, bem como as deficiências na sua forma de atuação.

Procurou, então, o novo diretor comercial, com uma nova e engenhosa proposta. Fez-lhe ver que a empresa perdia muitos negócios, especialmente nos grandes clientes, como bancos e multinacionais, basicamente por uma atuação equivocada, com preços e prazos de entrega irreais para aquele mercado.

O comércio de microcomputadores pessoais crescia vertiginosamente, porém muitas empresas não entendiam aquela mudança de paradigma e demoravam a reestruturar-se.

Com o aval do diretor comercial, John montou uma operação ágil e específica para aquele mercado.

Recebia grandes quantidades de estoque e, veiculando grandes e chamativos anúncios de página inteira, nos maiores jornais do país, ofertava

preços baixos claramente explicitados, prazo de entrega imediato, além de outras facilidades.

Desenvolveu também uma vasta rede de revendedores por quase todo o país. Elaborou, ainda, um sofisticado sistema de indicação de negócios por terceiros, a quem religiosamente pagava comissões. A empresa que John criara agora “quebrava a banca” de tanto vender.

Suelen lia e gargalhava gostosamente de sua perspicácia e ousadia.

Vendera, em apenas 60 dias, o equivalente à previsão anual de todos os revendedores juntos. Começava ali uma história de extraordinário sucesso.

Os telefones do escritório tocavam dia e noite sem parar e, por mais que aumentasse sua infraestrutura, parecia-lhe nunca ser suficiente.

Agora, além dos clientes habituais, ligavam também executivos de outros fabricantes, interessados na sua eficiente rede de distribuição, concorrentes desesperados acusando-o de práticas desleais por anunciar preços baixos explicitamente, representantes de grandes empresas solicitando visitas e cotações, enfim, parecia que o mundo havia descoberto o negócio e as habilidades de John.

Lendo aquelas anotações, Suelen podia sentir a imensa satisfação que John vivera. Imaginava-o, como sempre, extrovertido e irreverente, sentado à sua mesa e com os pés sobre ela, agora num escritório refinado e bem decorado, do jeito que apreciava, fumando charuto e dando sonoras gargalhadas.

Lembrou-se com muitas saudades daquela época, quando retornava para casa excitadíssimo, mal conseguindo conter a ansiedade de voltar no dia seguinte.

Suelen subitamente lembrou-se de suas obrigações. O tempo passara rápido e, agora, já um pouco atrasada pelo avançar das horas, decidiu interromper sua leitura, adiando-a para outro momento.

Terminou a arrumação daquela pilha de papéis, colocando-os num canto da mesa, enquanto pensava que poderia continuar lendo-a à noite, talvez depois que John dormisse.

John já havia se levantado, feito a barba e tomado banho. Sentado à mesa da cozinha para o café, sentia-se um pouco nervoso naquele dia.

Conhecia-se o bastante para saber que seria um daqueles dias em que ficaria irritado e mal humorado. Procurando não dar importância ao seu estado de espírito e preferindo continuar calado, acompanhou silenciosamente Suelen, prestes a sair, até o carro.

Despediu-se dela com um frio beijo e, caminhando até a entrada da casa, abriu-lhe o portão para que saísse rumo à cidade. Era melhor ficar um

E l i a s K a r a n

pouco só em dias assim, pensou John, enquanto observava o carro virar a esquina.



A CURA DA ALMA

ENTRANDO EM CASA RESOLVEU LIGAR O RÁDIO.

Acreditava que talvez ouvindo um pouco de música se sentisse melhor.

Observando suas anotações sobre a mesa, teve a sensação de que elas haviam sido remexidas, mas não deu muita importância; nada do que escrevera ali era um segredo que não pudesse ser compartilhado com outras pessoas, especialmente com Suelen.

Folheou aquele calhamaço e sem a mínima inspiração do que gostaria de escrever naquele dia, deteve-se na última página.

Era uma folha destacada e solta, que não fazia parte do contexto do manuscrito. Nela havia anotado nomes de pessoas, numa espécie de relação que extraía das diversas lembranças que descrevera.

Tinha, até aquele momento, aproximadamente 10 nomes e, olhando-a de forma despreocupada, fixou-se instintivamente nos dois primeiros; Ricky, seu irmão, e Martin, seu ex-sócio.

Elaborava-a durante a transcrição que fazia dos acontecimentos marcantes de sua vida. Aquela relação era, em essência, das pessoas de quem cultivava mágoas e ressentimentos.

Sua sensação de nervoso e mal-estar piorava e, percebendo que o volume do som do rádio também o incomodava, caminhou em sua direção para desligá-lo.

Não pôde deixar de ouvir a propaganda de uma rede de lojas, que lhe perturbou ainda mais. Lembrou-se, agora entristecido, que em duas semanas começariam as comemorações das festas de final do ano.

Durante quase toda sua vida fora aficionado pelas comemorações do Natal e do Ano Novo. Adorava, nessas épocas, comprar e distribuir presentes para si e para os outros.

Vibrava muito, já desde criança, com os maravilhosos tons coloridos das luzinhas que enfeitavam as árvores.

Sempre fizera absoluta questão de ter em casa uma linda e reluzente árvore que, depois de montada, e durante todo o período das festas, passava horas observando.

Esperava todos os anos, ansiosamente, pela ceia e pelos momentos que a antecediavam.

Deliciava-se naquele maravilhoso espaço de tempo entre a hora em que acabava de se aprontar até a meia-noite, telefonando para amigos e familiares para cumprimentá-los.

Saboreava com indescritível prazer as deliciosas iguarias servidas nas festas, como nozes, frutas frescas e secas, peru, maioneses, enfim, todo o cardápio.

Ainda mantinha viva na memória a ansiedade que sentia com o planejamento e a preparação daquelas deslumbrantes comemorações.

Sentia-se imensamente feliz até mesmo acompanhando seu preparo, inicialmente, por sua avó; depois, por sua mãe e tias; e nos últimos tempos, por Suelen.

Desligando o rádio, pensava ainda mais entristecido no que aquela felicidade e empolgação haviam se transformado. Sua vontade agora se resumia somente ao desejo de que essa época do ano passasse rapidamente e da forma mais imperceptível possível.

Não conseguia mais sentir ou mesmo suportar a alegria que as outras pessoas exibiam. Tinha convicção de que toda essa alegria, originalmente sua, lhe fora subtraída e distribuída aos outros.

Como tamanha emoção e expectativa haviam se transformado naquele sentimento de absoluta aversão, questionava-se incrédulo.

Consciente de que não conseguiria se concentrar para continuar escrevendo, John resolveu antecipar os exercícios que fazia diariamente, na esperança de que eles pudessem melhorar seu estado de espírito.

Decidiu que nas Orações que aprendera a praticar, especialmente durante seus exercícios físicos, naquele dia invocaria especialmente o Perdão para Ricky e Martin.

Imediatamente, sem que houvesse tempo para que mudasse de ideia, trocou de roupa e iniciou uma breve sessão de alongamentos. Desenvolvia suas atividades alternando trechos de corrida e caminhada ao redor do terreno que ficava em volta da casa.

Durante toda aquela extenuante sessão, com o suor banhando-lhe a roupa, repetia incessantemente e com fervor: “Eu já perdoei Ricky. Ricky já me perdoou. Deus já me perdoou e também a Ricky. Eu já perdoei Martin. Martin já me perdoou. Deus já me perdoou e também a Martin. Eu já perdoei a tudo e a todos. Deus já perdoou a tudo e a todos”.

Após uma hora e meia daquele ritual estranho que desenvolvera, agora completamente exausto, finalizou-os, novamente, com uma rápida sessão de alongamentos.

Parecia inacreditável o resultado que aquelas simples Orações lhe proporcionavam.

Mal podia acreditar que, após uma ou duas sessões como a que acabara de fazer, seus ódios e suas mágoas simplesmente se extinguíam, desapareciam.

Sentia-os agora substituídos por uma doce sensação de amor e carinho pelas pessoas a quem dirigia suas preces. Não havia dúvidas, pensou John maravilhado, a Bíblia oferecia remédios para a cura da alma que todos deveriam experimentar.

Revigorado pela prática dos exercícios e de suas Orações, John tomou um rápido banho e sentou-se à mesa a fim de dar continuidade ao seu manuscrito.

A experiência do Perdão que presenciara há pouco comprovava seu progresso na busca por sua evolução espiritual. Era também o combustível de que precisava para continuar aquela solitária e muitas vezes dolorosa viagem ao seu íntimo.

“Orar é exalar o espírito do homem e inalar o espírito de Deus.” Edwin Keith (1919-1960 d.C), congressista americano

Escreveu compenetrado durante todo o dia, fazendo apenas breves pausas para a leitura de pequenos trechos da Bíblia, quando, aproveitando a interrupção, acendia e fumava demoradamente seu cigarro.

Sem que se apercebesse, havia também criado o hábito de transcrever, misturado com os acontecimentos sobre os quais discorria, as passagens que acabara de ler na Bíblia.

Já era tarde da noite, praticamente madrugada, quando não mais conseguindo vencer o cansaço que sentia, resolveu guardar tudo e ir se deitar.

Olhando o relógio, surpreendeu-se com o horário avançado. Havia ficado ali mais de 12 horas, escrevendo ininterruptamente, concluiu, enquanto observava orgulhosamente, sobre a mesa, aquela montanha de folhas que produzira.

Acariciou rapidamente os cães, sempre atentos aos seus movimentos e despedindo-se de Suelen com um longo beijo, foi para a cama. Não

E l i a s K a r a n

conseguiu nem mesmo rezar naquela noite, adormecendo profundamente em segundos.

O INÍCIO DO FIM



SUELEN AGUARDAVA ANSIOSAMENTE QUE JOHN adormecesse. Desde que iniciara sua leitura naquela manhã, passara a sentir uma estranha sensação de importância em relação àquele manuscrito.

Não conseguia entender ao certo, mas era como se sua intuição mostrasse-lhe um objetivo maior para aquilo tudo. Uma importância, talvez, além, inclusive, daquela que o próprio John conseguia vislumbrar.

O que sentia mesmo era curiosidade de mulher, pensou rindo baixinho; esta era a verdade por estar ávida em continuar a leitura.

Podia ouvir da sala sua “respiração profunda”, que era como ela carinhosamente apelidara o sonoro ronco de John.

Tranquila de que não seria importunada, pegou as anotações e, acomodando-se confortavelmente, desta feita no sofá, iniciou sua tão esperada viagem, ou melhor, leitura.

O ano era 1994 e John contava sobre o crescimento de seus negócios e o início de sua insatisfação.

John falava sobre a prosperidade que seus negócios experimentavam. Havia criado outras quatro empresas, das quais ele e seus sócios eram acionistas majoritários.

Representavam agora uma série de fornecedores, desde alguns menores e sem expressão, mas que apresentavam grande potencial de crescimento, até outros consagrados mundialmente e que eram considerados os grandes *players* do mercado mundial.

Suas atividades tinham também se diversificado, praticamente contemplando toda a cadeia de tecnologia.

Projetavam, desenvolviam e implantavam softwares de todos os tipos e tamanhos. Comercializavam todos os itens para montagem e expansão de qualquer central de processamento de dados, independentemente de seu tamanho e de sua complexidade. Ministravam ainda treinamento e consultoria em diversas áreas.

O negócio que criara numa modesta sala expandira-se e, agora, era formado por muitas centenas de colaboradores.

John e seus sócios estavam ficando ricos e ele, em especial, bastante conhecido. Seu círculo de relacionamento havia também evoluído. Agora, tratava com diretores e presidentes de empresas. Era constantemente solicitado a comparecer em badalados eventos de lançamentos de produtos e convenções comerciais, dentre outros.

Mas, infelizmente, nem tudo saíra como ele imaginara, e seu tempo já não era mais suficiente para atender a todos os compromissos.

Cumpria todos os dias uma extensa jornada de trabalho, que comumente se iniciava às oito da manhã e só terminava por volta de dez, onze horas da noite.

Aborrecia-lhe voltar para casa quase de madrugada, quando só então podia jantar e trocar umas poucas palavras com Suelen, antes de, literalmente, cair na cama.

Havia também cometido muitos erros, dando oportunidade a pessoas que avaliara mal e que, no dia a dia, não conseguiam ajudá-lo, sobrecarregando-lhe ainda mais.

Tinha problemas inclusive com a competência de seus próprios sócios, mas que, pela lealdade de lhe acompanharem desde o início, procurava se esforçar ainda mais, tentando de alguma forma suprir suas deficiências. Gostava muito de alguns deles e não conseguia imaginá-los fora do negócio.

Tinha ainda uma série de outros tipos de problemas, como o ciúme que muitos a sua volta não se esforçavam sequer para esconder.

Incomodava-lhe a inveja de antigos colegas, muitos dos quais os mesmos que o criticavam quando abandonou seu emprego para constituir seu próprio negócio e que, por vezes, nas constantes danças de cadeiras do mercado, eram seu contato em algum outro fornecedor.

Havia também os “profissionais”, que agora estavam sendo criados dentro de seu próprio negócio e que não sabia como identificá-los e expurgá-los.

O sucesso tinha um preço e John, finalizando o relato daqueles episódios, questionava-se se ainda estava disposto a pagá-lo.

Suelen suspirou fundo, recostando-se no sofá, pensativa e também profundamente tocada. Acabara de concluir a leitura de mais uma sequência de páginas e só agora entendia melhor o que John vivera.

Apesar de estarem juntos há muito tempo, inclusive na época daqueles relatos, não havia sido capaz, pelo menos até então, de compreender plenamente os motivos e os detalhes de suas desilusões.

Sua curiosidade ficava cada vez mais aguçada por aqueles relatos. Procurava justificativas para seu crescente interesse, mas acabava sempre convencida de que era apenas mais um de seus instintos de mulher.

Conformada, finalmente, com a natureza de sua curiosidade, sentia-se novamente em paz para continuar sua leitura.

Folheou tranquilamente algumas páginas adiante, detendo-se nos acontecimentos que John relatava sobre o ano de 1996.

John descrevia naquelas folhas um cenário que começava a ficar extremamente perigoso e turbulento. Como os acontecimentos narravam o que ocorrera num passado, ainda que distante, tinha certeza agora do que ignorava, à época, e que batizou de “Começo do Fim”.

Não estava conseguindo mais suportar aquele estado de coisas, escrevera. Os negócios já não iam tão bem quanto antes e ele procurava desesperadamente por outras opções.

Encolhera propositadamente o tamanho e as ramificações em que atuavam. Agora, depois de muitas decepções com os inúmeros fornecedores que representava, decidira-se a abandoná-los, dedicando-se apenas à prestação de serviços autonomamente.

Decepcionara-se com a maneira como os grandes fabricantes tratavam seus parceiros, exigindo deles cada vez mais e impondo-lhes seguidamente políticas absurdas e muitas vezes completamente suicidas.

O último de seus fornecedores, uma multinacional norte-americana fabricante de computadores e calculadoras e, à época, a segunda maior empresa do ramo no mundo, fora, por conta das repetidas sandices que insistia em lhes impor, responsável pela drástica decisão do abandono de praticamente todos os fornecedores.

A convivência com muitos dos sócios aos quais erradamente se associara e que vinha se deteriorando paulatinamente, explodiu junto com a decisão de atuar de forma independente.

Fora compelido a desfazer praticamente todas as sociedades que mantinha em outras empresas, chegando, em determinados casos, simplesmente a fechar algumas delas.

Tinham ainda, naquele momento, ele e seus sócios do início da empresa, uma boa reserva financeira que permitiria, caso resolvessem parar, um futuro tranquilo e sem maiores preocupações com dinheiro.

Isso não era suficiente para eles, especialmente para John, que suportava há tanto tempo e com tanto sacrifício aquele negócio. Ele queria mais, muito mais. Estava lá para ficar milionário e não simplesmente rico.

Suelen arrepiou-se no sofá com o que acabara de ler.

Conhecia muito bem o temperamento e a ambição desmedida que, em alguns momentos do passado, tomavam completamente o controle de John.

Ela sabia o que fatalmente viria pela frente, mas agora queria conhecer também os detalhes desses acontecimentos. Virando a página, prosseguiu.

Dentre as alternativas que procurava para iniciar um novo empreendimento, a que mais seduziu John foi a bolsa de valores.

Seu raciocínio era irracionalmente simples: investiriam seu dinheiro em empresas sem que precisassem administrá-las no dia a dia; poderiam escolher, inclusive, trocando regularmente as empresas e os ramos de atividade que mais fossem convenientes e lucrativos, de acordo com o momento econômico. Além do mais era um jogo. E John adorava jogos.

Não que pudesse considerar um vício sua atração pelo jogo, mas a ideia de multiplicar seu capital rapidamente, atingindo de uma vez por todas seus objetivos, fascinava-lhe.

Seus objetivos poderiam ser conquistados trabalhando com uma estrutura enxuta, de forma quase solitária, sem que tivesse mais que conviver com tudo aquilo que agora tanto o incomodava. Não conseguia mais suportar aquela rotina. A administração diária das pessoas e de seus conflitos, o relacionamento incestuoso com fornecedores, as intermináveis reuniões, e especialmente aquela estafante rotina diária de muitas horas de trabalho.

A esta altura dos acontecimentos, desiludira-se com aquele estado de coisas e aspirava, um dia, trabalhar de forma independente, sem sócios.

Sua lealdade por aqueles que o acompanhavam, entretanto, obrigava-o a conseguir, a qualquer custo, a realização financeira plena de todos, antes que pudesse pensar em deixá-los.

Com a concordância de todos, já que normalmente ninguém contrariava suas decisões, e de forma paulatina, paralelamente aos negócios do dia a dia, começaram seus investimentos.

As aplicações que faziam inicialmente se mostravam relativamente lucrativas e sem muitos riscos.

Mas, de novo, John estava insatisfeito. Não era aquilo que queria, pelo menos não daquela forma lenta e conservadora.

Para ele, agora mais do que nunca, os resultados precisavam acontecer rápido, muito rápido. Sua paciência se esgotava a cada dia.

Sem que se dessem conta, começaram a aumentar perigosamente sua exposição aos riscos daquele tipo de operação e John, dedicando

praticamente todo seu tempo àquele novo negócio, agora se sentia motivado e confiante.

Uma passagem entre todas aquelas escritas havia sido destacada e grifada por John, chamando a atenção de Suelen. Nela estava descrita uma arriscada operação que John fizera e que rendera excepcionais resultados.

Ele aplicara praticamente todo o capital de que dispunham, em uma operação com nome esquisito que ele chamava de “opções de ações”. Pelo que descrevia, tratava-se de algum investimento bastante arriscado, concluiu Suelen, ansiosa por seu desfecho.

Na página seguinte John contava os resultados e suas consequências. Havia acertado uma brilhante “tacada”, que era como gostava de chamar esse tipo de negócio. Estava exultante, absolutamente ensandecido com o dinheiro que ganhara.

Praticamente dobrara o capital que acumularam em quase oito anos daquele duro trabalho e John agora não conseguia mais se conter. Tinha razão nas decisões e nas mudanças que promovera e ficariam milionários em pouquíssimo tempo, anotara John quase fora de si.

Naquela noite convocou seus sócios para um jantar e participou-lhes, em detalhes, dos resultados de seus feitos.

Todos estavam maravilhados com aquela nova perspectiva, especialmente ele, John, e o sócio de quem mais se considerava próximo e com quem mais tinha afinidades, Martin.

John tentara, sem sucesso, convencê-los de promover algumas mudanças. Propôs-lhes que administrassem o dia a dia dos negócios que haviam criado há anos, enquanto ele, de modo independente, constituiria uma nova empresa.

Seria um empreendimento com um determinado capital, à parte, exclusivo para suas próprias operações e que atuaria somente com as aplicações na bolsa de valores. Seus lucros e mesmo a participação no novo negócio seriam divididos, e continuariam sendo sócios em todos os negócios.

Não aceitaram sua proposta. Pareciam querê-lo sempre por perto para qualquer eventualidade.

No dia seguinte, pela manhã, anotara, Martin estivera em sua sala. Após discutirem sobre alguns assuntos corriqueiros e antes que o mercado de ações iniciasse suas operações, Martin fechou a porta e pediu-lhe um momento para que falassem a sós.

Querendo mostrar-lhe afeto e proximidade, chamando-lhe carinhosamente de “turcão”, por conta da ascendência libanesa de John,

além, obviamente, de seus traços físicos, fez-lhe jurar que o levaria junto caso resolvesse sair da sociedade e trabalhar de forma independente.

John, sensibilizado com aquela demonstração de lealdade e amizade, prometeu-lhe que jamais o abandonaria.

Os dias passavam iguais e sem muitas novidades, excetuando-se que John, a cada dia mais empolgado com sua nova função, não conseguia mais concentração e vontade para tratar também dos antigos problemas.

Desempenhara, durante anos, a função de principal mentor e executor dos negócios e agora não mais a queria. Infelizmente, porém, parecia-lhe que ninguém mais, além dele, se importava com isso. Continuavam a exigir sua presença em reuniões com clientes, funcionários e uma série de outros compromissos.

Seus sócios, impotentes para administrar o dia a dia, recorriam-lhe frequentemente para tomar decisões. Começava a ficar impossível conciliar as duas funções.

No seu íntimo e sem que ninguém soubesse, planejava uma saída brilhante para aquilo tudo. Arquitetaria uma operação brilhante, muito grande, e que representaria definitivamente a tão almejada independência de todos.

Ficaria dias, se preciso fosse até semanas, observando as oscilações do mercado e acumulando forças. Aguardaria a oportunidade certa de entrar e jogar todas as suas fichas. Escalpelaria, assim, o mercado e conquistaria todos seus objetivos.

E ele assim o fez. Esperou na espreita durante dias o melhor momento para dar o bote. Finalmente esse dia chegou e, junto com ele, um turbilhão de consequências que John nunca poderia supor.

Como ansiosamente planejava por vários dias, não se intimidou e assumiu um enorme risco. Montou uma pesada operação usando o dobro do capital de que dispunham, metade dele emprestado por bancos. Pronto, pensava ele não contendo a emoção; agora, era esperar o momento certo e resolver de vez todos os problemas que o afligiam.

Assim que desse certo, e ele estava absolutamente convicto de que daria, não mais precisaria depender de algo ou de alguém. Não mais precisaria trabalhar 16 horas por dia para sustentar a si e aos seus, e não mais teria a necessidade de continuar a tratar com toda espécie de gente e seus insolúveis problemas.

Deu errado, infelizmente; muito errado.

Nessas mudanças bruscas em que o mercado de ações mergulha fundo, desencadeadas por eventos como terremotos no Japão, crises no Oriente Médio, esfacelamento do comunismo na Rússia, no leste europeu, e

o que mais sirva de pretexto para atender aos interesses de grandes especuladores mundiais, finalmente foi o seu mundo que ruiu, simplesmente desmoronou.

Tudo o que John havia investido, ou melhor, apostado, virara pó; não sobrara um tostão nem do seu dinheiro nem do dos outros, que havia tomado emprestado.

Suelen, agora bastante nervosa, contorcia-se no sofá procurando uma posição melhor, sem, contudo, encontrá-la. Lembrava de todas as consequências que John enfrentara por causa daquela aposta. Podia compreender melhor agora a depressão que o acometera.

Ouvira muitos médicos explicarem a depressão, nas constantes consultas em que o acompanhara, como o processo de desencadeamento do medo generalizado, quase pânico.

John continuava a descrever o assombroso desenrolar dos acontecimentos.

Avisara imediatamente os agora incrédulos e indignados sócios. Telefonara aos bancos tentando adiar os pagamentos dos empréstimos. Relacionava pessoas a quem recorrer e as coisas de que poderiam se desfazer para honrar aqueles compromissos e, de alguma forma, seguir adiante.

Estava desesperado, atônito, nocauteado.

Sabia que era o responsável por aquele estado de coisas e precisava desesperadamente solucioná-las. Sempre fizera assim e agora não seria diferente, pensava seriamente desconfiado se, desta vez, pelo tamanho do tombo, realmente conseguiria.

As consequências foram realmente catastróficas. Ficaram devendo para bancos, amigos, parentes, funcionários, fornecedores, enfim, um verdadeiro oceano de dívidas.

John ainda se lembrava de situações de que Suelen já se esquecera, como o empréstimo que sua sogra – mãe de Suelen – fizera-lhe, de quase todas as suas economias e de que, posteriormente, sozinho, sem qualquer ajuda ou preocupação dos sócios, demorara sete longos anos para quitar. Lembrava-se da belíssima propriedade que tinham num sofisticado condomínio e que vendera a preço de banana para quitar alguns compromissos.

Aqueles trechos de suas lembranças estavam recheados de relatos de sérios problemas e com graves consequências, algumas das quais, como a iminente perda de sua casa, perduravam até os dias de hoje.

Agora, com a curiosidade satisfeita e um pouco arrependida de querer compartilhar aquelas decepções de John, Suelen organizou os manuscritos, guardando-os em seguida sobre a mesa.

Decidiu-se a ir dormir enquanto ouvia da sala a respiração profunda de John.

No banheiro, aprontando-se para deitar, não conseguia esquecer o que acabara de ler. Aquilo tudo parecia um roteiro de drama, de cinema. “Porque John arriscara-se daquela forma?”, pensava incrédula.

“A vida é uma sucessão de lições que têm de ser vividas para serem compreendidas.” Ralph W. Emerson (1803-1882 d.C.), poeta americano

Finalmente exausta e mesmo que sem respostas para suas dúvidas, deitou-se, dormindo quase instantaneamente.

A PREMONIÇÃO



NAQUELA NOITE SUELEN TEVE UM SONHO.

Um sonho tão diferente e marcante que, na manhã seguinte, mesmo enquanto cuidava de seus afazeres, continuava a lembrá-lo nitidamente. Não conseguira, porém, interpretá-lo.

Sonhara que ela e John estavam numa recepção, como se fosse uma grande festa. Sabia que era uma festa pela suntuosidade do lugar, das bebidas que eram servidas por garçons trajados a rigor, de branco, e também pela forma como todos se vestiam.

O lugar era indescritível. Era como o hall de entrada de um grande prédio, provavelmente de um hotel, arredondado e vazado ao meio.

Do centro, onde estavam, olhando para cima, avistava-se, quase a perder de vista, cada um dos andares, que mais pareciam enormes tendas circundadas por corrimões dourados.

No espaço da festa havia dezenas de ambientes, todos finamente decorados com luxuosos móveis.

Lindos tapetes coloridos, provavelmente persas, cobriam um chão de mármore imaculadamente branco com detalhes dourados, que causavam a impressão de serem feitos de ouro.

Tinha ainda duas maravilhosas fontes que esguichavam jatos de água colorida em suas extremidades e, finalmente, ao centro, tocava uma afinadíssima orquestra, com todos os seus músicos, também, trajados a rigor.

Lembrava-se do vestido preto que usava e ainda podia sentir a qualidade e a maciez do tecido em suas mãos. John estava também muito bonito, todo de preto, o que para ele era absolutamente anormal; sempre tivera preferência pelo branco, incluindo camisas e especialmente as roupas de baixo.

Aquela festa parecia estranha, também, pela forma como quase todas as demais pessoas se vestiam. Alguns homens usavam longas túnicas e turbantes. As mulheres cobriam a cabeça com um tipo de xale e ostentavam maravilhosas joias de todas as cores.

Parecia-lhe que estavam em outra parte do mundo, talvez em algum daqueles fantásticos países do Oriente Médio. Realmente, a suntuosidade presente em todos os detalhes daquele ambiente impressionava.

Intrigava-a muito, também, o comportamento de John naquela festa. De alguma maneira, portava-se como se fosse o centro das atenções e a quem todos procuravam e queriam conhecer.

Ainda estava vivo em sua memória seu semblante risonho e feliz. Exalava um intenso brilho dos olhos que parecia expandir-se e envolvê-lo por todo o corpo.

Estava sempre ao lado de um homem alto, magro, de barba grossa, muito gentil e educado, que atendia a todos com extrema atenção.

Repentinamente, Suelen distraiu-se com o barulho que vinha de fora da casa. O caçula dos cães, Urso, latia incessantemente, reclamando por atenção e comida.

Interrompendo seus pensamentos, resolveu imediatamente voltar à rotina. À noite, pensou conformada, teria mais tempo de continuar com aquela intrigante aventura que se tornara ler os manuscritos de John.



O PORTÃO DO CÉU E DO INFERNO

NAQUELA NOITE DE QUINTA-FEIRA, JOHN SAIU PARA um compromisso que considerava um rito sagrado. Reunia-se há anos com seus grandes amigos, sempre às quintas-feiras, para beber, conversar e, de certa forma, apaziguar seu espírito.

Suelen, conhecendo seus hábitos, aguardara pacientemente que saísse, aproveitando-se, então, para entregar-se àquela empolgante leitura.

O ano agora era 1998 e John descrevia o dramático final que sua trajetória à frente dos negócios tivera.

Agonizavam lentamente desde as perdas que amargara na bolsa de valores, há dois anos.

Seus negócios haviam se reduzido praticamente a ele, seus sócios e mais dois ou três funcionários, entre secretária, escritório e as tarefas de limpeza.

Os grandes clientes tinham simplesmente desaparecido. Os fornecedores que antes, mesmo diante de suas insistentes negativas, lhe procuravam constantemente com propostas de novos negócios, também agora não tinham mais o menor interesse de se associar a ele em qualquer tipo de transação.

Os telefones do escritório, como se atendessem aos seus antigos pedidos, quase já não tocavam mais.

A empresa que criara com tanto entusiasmo e pela qual se dedicara tanto estava irremediavelmente à beira da quebra.

Desde a desastrada operação responsável pelo caos que enfrentavam, John vinha se dedicando ainda com mais afínco ao seu trabalho.

Tentava desesperadamente manter sua motivação e a de seus sócios, sabendo que somente assim poderiam encontrar alternativas para se reerguerem.

Procurava antigos clientes, fornecedores e alguns dos amigos que fizera ao longo de sua vida profissional, na tentativa de descobrir novas oportunidades.

Mas, decorrido algum tempo, infelizmente concluíra que, mesmo esforçando-se acima de seus limites, mesmo trabalhando dia e noite na tentativa de mudar aquele estado de coisas ao qual chegara, mesmo disposto a agarrar qualquer tipo de oportunidade que aparecesse, não adiantava; não conseguia mais fazer sua empresa voltar a ser sequer sombra do que fora um dia.

As dívidas que não conseguira pagar e alguns compromissos que não honrara com alguns clientes haviam manchado-lhe a reputação e aniquilado sua credibilidade. As contas atrasadas amontoavam-se a cada dia e o caos finalmente se instalara.

Agora, haviam sido despejados por falta de pagamento do luxuoso escritório que ainda ocupavam e foram obrigados a dispensar o restante dos funcionários.

John, que sofria demais com aquela situação, ficava ainda mais entristecido com a demissão de pessoas que tinham se dedicado por anos à sua empresa e, em especial, com a situação de seus sócios.

Sentia-se culpado, acompanhando-os passar, e também suas famílias, por aquelas enormes dificuldades que acreditara, um dia, nunca mais voltariam a viver.

Finalmente aconteceu o que John descrevera como o golpe final. Havia alugado temporariamente um apartamento em um conjunto de flats e tentariam dali continuar lutando.

O estado de ânimo que tinham, no entanto, era desolador e não se via qualquer sinal de melhora, muito pelo contrário.

Naquele momento faltavam-lhes os recursos básicos à sobrevivência diária, como dinheiro para abastecer o carro e se alimentar.

Num final de semana do mês de maio, data de seu aniversário, Martin, seu inseparável sócio dos bons tempos, telefonou-lhe, cumprimentando-o pela data. Confirmando a suspeita que John pressentira, pela sua entonação de voz diferente do habitual, Martin comunicou-lhe que decidira abandonar o negócio.

Não suportava mais aquela pressão, além de não ter mais condições financeiras para prosseguir. Avisou-lhe ainda que sequer voltaria a trabalhar a partir da segunda-feira. Foi para John o golpe final.

Não que menosprezasse o quanto aquela situação afligia Martin, sua mulher e seus três filhos, mas julgava que o mesmo se estendia a ele e ao outro sócio.

Todos passavam pelos mesmos problemas e, acreditava, teriam mais chances de revertê-los juntos, como sempre o fizeram.

Apesar de John sentir-se culpado por conta do que provocara sua operação na bolsa de valores, tinha convicção de que fora autorizado por seus sócios a operar segundo seus critérios.

Lembrava-se também de que seus sócios recusaram sua sugestão de montar um negócio à parte, que não contaminasse o principal em caso de um eventual fracasso como o que acabou ocorrendo.

Decepcionava-se agora com a decisão de Martin. Questionava-se se ele realmente se importava com as dívidas e os compromissos que haviam assumido juntos, como, por exemplo, o empréstimo com sua sogra, cujo dinheiro fora colocado integralmente na empresa.

Acima de tudo, pesava-lhe a falta de confiança demonstrada por sua decisão e que contaminaria John irremediavelmente.

Suelen continuava absorvida em sua leitura, mas, virando a página, observou que John interrompera ali seu manuscrito.

Fizera uma anotação, ao lado do que estava escrito, indicando que naquela folha copiara uma pequena história ilustrando seu sentimento.

Havia retirado-a de um livro do escritor brasileiro Paulo Coelho, que acabara de ler e que muito lhe marcara. A história era a seguinte:

“Um homem, seu cavalo e seu cão caminhavam por uma estrada. Quando passavam perto de uma árvore gigantesca, um raio caiu e todos morreram fulminados. Mas o homem não percebeu que já havia deixado este mundo, e continuou caminhando com seus dois animais; às vezes os mortos levam tempo a se dar conta de sua nova condição”.

“A caminhada era muito longa, morro acima, o sol era forte, eles estavam suados e com muita sede. Numa curva do caminho avistaram um portão magnífico, todo de mármore, que conduzia a uma praça calçada com blocos de ouro, no centro da qual havia uma fonte que jorrava água cristalina. O caminhante dirigiu-se ao homem que guardava a entrada:

‘Bom dia.’

‘Bom dia’ – respondeu o guarda

‘Que lugar é este, tão lindo?’

‘Aqui é o céu.’

‘Que bom que nós chegamos ao céu! Estamos com muita sede.’

‘O senhor pode entrar e beber água à vontade.’ E o guarda indicou a fonte.

‘Meu cavalo e meu cachorro também estão com muita sede.’

‘Lamento muito,’ – disse o guarda. ‘Aqui não se permite a entrada de animais.’

O homem ficou muito desapontado porque a sede era grande, mas ele não beberia sozinho; agradeceu ao guarda e continuou adiante. Depois de muito caminharem morro acima, já exaustos, chegaram a um sítio cuja entrada era marcada por uma porteira velha que se abria para um caminho de terra ladeada por árvores. À sombra de uma das árvores, um homem estava deitado, cabeça coberta com um chapéu, possivelmente dormindo.

‘Bom dia’ – disse o caminhante.

‘O homem acenou com a cabeça.’

‘Estamos com muita sede, eu, meu cavalo e meu cachorro’, disse o caminhante.

‘Há uma fonte naquelas pedras’ – disse o homem, indicando o lugar. ‘Podem beber à vontade.’

O homem, o cavalo e o cão foram até a fonte e mataram sua sede. O homem voltou para agradecer. ‘Voltem quando quiser,’ respondeu o homem.

‘Por sinal, como se chama este lugar?’

‘Céu.’

‘Céu? Mas o guarda do portão de mármore disse que lá era o céu.’

‘Aquilo não é o céu. Aquilo é o inferno.’

O caminhante ficou perplexo. ‘Vocês deveriam proibir que eles usassem o nome de vocês. Esta informação falsa deve causar grandes confusões.’

‘De forma alguma’ – respondeu o homem. ‘Na verdade, eles nos fazem um grande favor.’

‘Porque lá ficam todos aqueles que são capazes de abandonar seus melhores amigos.’”

Suelen gostou daquele pequeno conto e, observando que aquele trecho terminava ali, resolveu voltar as páginas para lê-lo novamente. Lembrou-se vagamente de que John, provavelmente, na época em que lera o livro, já havia lhe contado.



AS ESCOLHAS

HAVIA SE PASSADO MAIS UM BOM TEMPO; SEMANAS ou, talvez, até mesmo meses, e a contínua melhora do estado de espírito de John era inegável, surpreendente.

Continuava absolutamente envolvido por sua rotina diária.

Acordava cedo e dedicava-se durante todo o dia, até tarde da noite, a escrever sobre sua vida. Fazia pequenas pausas para suas leituras da Bíblia e também de outros livros que o mantinham motivado.

Esforçava-se muito para cumprir diariamente, durante uma a duas horas, um exaustivo programa de exercícios físicos, composto basicamente por caminhadas e corridas.

Decidira-se ainda à prática de uma rígida dieta que, associada aos exercícios, lhe proporcionara a perda de quase 10 quilos.

Adotara um verdadeiro ritual cotidiano de Orações; para perdoar, para resgatar e desenvolver sua Fé, e especialmente de Gratidão. Voltara a acreditar que Deus já havia lhe presenteado com infinitas bênçãos e sentia-se imensamente grato por elas.

Acostumara-se também a orar a Deus, ao universo e ao Espírito Santo, pedindo que o iluminassem e lhe indicassem o caminho que deveria seguir.

Uma das reflexões que extraíra das lembranças sobre as quais escrevia diariamente surpreendeu-lhe profundamente: concluía que muitos dos acontecimentos ruins pelos quais sofreu e continuava a sofrer haviam sido provocados por suas escolhas, em especial pela escolha do trabalho ao qual dedicara sua vida.

Poderia parecer uma conclusão óbvia, mas realmente lhe surpreendia entender a estranha forma como essa sua escolha ocorrera.

Durante a infância e a juventude todos nós alimentamos uma infinidade de Sonhos que ansiamos realizar. Muitos desses Sonhos, apercebia-se agora, estão intimamente ligados à profissão que escolhemos para o nosso futuro e de como conseguiremos ganhar nosso sustento.

As circunstâncias da vida, porém, empurraram-lhe para decisões diferentes daquelas que gostaria de ter tomado. Sem se dar conta, John concluía que havia abandonado a busca por seus Sonhos, optando única e exclusivamente por seu sustento.

Nunca conseguira gostar realmente do ambiente corporativo das empresas. Conhecera pessoas extremamente capacitadas e felizes com seu trabalho nesses lugares, porém, como acreditava que cada ser humano possuía uma espécie de dom, o seu certamente não estava ali. Achava aquele tipo de trabalho rígido, monótono e muito pouco interessante e criativo.

Tinha aceitado, por conveniência e comodidade, conviver e construir sua vida profissional naquele ambiente, unicamente por nele conseguir garantir seu sustento. Agora, se arrependia amargamente do caminho que optara por percorrer.

Refletia, somente agora, no fundo de seu íntimo, que, inconscientemente, agira sempre de forma desesperada, ensandecida, exclusivamente para conquistar o mais rápido possível seus objetivos e sua independência daquele mundo.

Ocultara de si mesmo o firme desejo de abandonar aquele caminho e finalmente se dedicar ao que lhe desse motivação e prazer em realizar.

As reflexões que se obrigava a fazer, à medida que repassava os acontecimentos, eram intensas e sempre lhe causavam estranhos sentimentos.

Já conseguia, porém, compreender que este exercício diário o ajudava a construir passo a passo sua cura espiritual e psicológica.

A face mais visível dessa cura, alegrava-se John enquanto pensava, era o Perdão.

Com as preces que praticava incontáveis vezes ao dia, sentia-se agora muito bem. Não nutria mais qualquer tipo de mágoas e ressentimentos de quem quer que fosse. Finalmente conseguira libertar-se completamente do vício do ódio e isso o deixava maravilhado, exultante.



O PERDÃO

NUMA NOITE EM QUE CAIA UMA FORTE TEMPESTADE, John pretendia trabalhar até mais tarde, mas a súbita interrupção da energia elétrica obrigou-o a terminar mais cedo. Chovia muito e a noite escura era frequentemente iluminada pelos riscados dos clarões dos raios. Os trovões que acompanhavam as faíscas, seguidos de fortes rajadas de vento, tornavam o ambiente assustador.

John e Suelen acenderam algumas velas e as espalharam pela casa. Sabiam, pela longa experiência que tinham morando naquele local retirado, que a energia só seria restabelecida na manhã seguinte.

John, a esta hora cansado e com dores no corpo, resolveu deitar-se. Já na cama, ainda podia escutar Suelen, provavelmente sob a luz de velas, sorrateiramente revirando suas anotações.

Não se importava que ela as lesse, pelo contrário, até gostava, pensava John entre uma reza e outra que fazia antes que adormecesse.

Considerava que, permitindo que seus apontamentos fossem lidos, dividiria o pesado fardo que carregara sozinho por muitos anos.

Além de estar dividindo-os com alguém de sua inteira confiança, Suelen poderia compreendê-lo melhor.

Eventualmente, continuava a pensar, entendendo-o mais profundamente, ela talvez conseguisse ajudá-lo de alguma forma a lidar com tudo aquilo.

Cansado de tanto pensar, virou-se de lado tentando encontrar a melhor posição na cama e, enquanto adormecia lentamente, ainda teve tempo de ouvir aquela voz que já há algum tempo se ausentara: **“Você está indo bem, mas falta praticar a ação do Perdão. Pratique a ação do Perdão”**.

John não se surpreendeu. Sabia que ela voltaria a aconselhá-lo a qualquer hora e, na verdade, contava com isso. Decidiu que pensaria a respeito daquela mensagem no dia seguinte e, despreocupadamente, finalmente adormeceu.

No dia seguinte, antes de qualquer outra providência, mesmo de se vestir, foi até sua mesa e anotou o que ouvira na noite anterior.

Logo em seguida, fez a barba, tomou banho, vestiu-se e sentou à mesa para o café. Enquanto observava Suelen preparando-lhe um sanduíche, comentou despretensiosamente, quase sem querer, sobre o que a voz lhe falara durante a noite.

Ela continuava em silêncio, calada, parecendo entreter-se com o preparo daquele lanche.

Algun tempo depois, entretanto, acreditando que ela não prestara atenção no que acabara de lhe dizer, surpreendeu-se com sua pergunta: “Dentre as pessoas que gostaria de perdoar, com qual delas você teria mais dificuldades?” – disparou Suelen, mostrando o conhecimento de quem prestara muita atenção no que havia lido.

John, procurando ganhar tempo, tomou um gole de café, enquanto pensava, para responder-lhe em seguida: “Não sei, talvez o Martin” – respondeu-lhe irrefletidamente.

“Então, talvez deva ser com ele que você devesse praticar o Perdão, não acha?” – comentou ela de imediato, mas muito naturalmente.

John, mesmo sentindo um forte rubor de raiva corando-lhe a face, preferiu nada comentar, continuando a tomar seu café silenciosamente.

Acabando o café, foi até a varanda e acendeu um cigarro. Ficou alguns minutos ali, fumando e observando a serra, enquanto continuava a pensar no que ouvira da voz e também, naquele momento, de Suelen.

Perdoar era uma situação, pensava ainda meio indignado, mas procurá-lo e externar-lhe seus sentimentos era outra completamente diferente.

Tinha convicção de que agindo dessa forma, procurando-o, estaria expondo suas fraquezas e subliminarmente dando razão e endossando o comportamento que Martin tivera com ele.

Não; definitivamente, não iria considerar aquela opção.

Atravessava um período de muitas dificuldades e sua situação era vergonhosa, de absoluta decadência. Não precisava de mais humilhações, pelo menos não por ora, concluiu agora bastante irritado com aquela possibilidade.

Sentado agora à mesa de seu escritório, folheou as páginas que escrevera na noite anterior, na tentativa de relembrar onde exatamente a interrompera.

Notou, pela arrumação dos papéis, que Suelen avançava rapidamente em sua leitura e pensou, um pouco frustrado, que em breve ela o alcançaria.

Enquanto tentava se encontrar no meio daqueles papéis, detinha-se em determinados trechos como se procurasse algo, sem saber exatamente o que era.

Inconscientemente percebeu que as passagens que relembrava eram aquelas em que Martin estava presente. Agia como quem quisesse reavivá-las em sua mente, talvez justificando sua decisão de não procurá-lo.

Lendo-as, recordou diversos momentos; a época em que o conhecera; a amizade que nutriam um pelo outro; sua entrada no negócio que criara; os longos anos de sociedade; a cumplicidade de tantas decisões; a opulência que partilharam juntos; as muitas comemorações pelas vitórias; a dor e o sofrimento das derrotas; e, finalmente, a dolorosa separação.

Não tinha mais dúvidas; realmente perdoara Martin por tudo o que se passara, pensava John. Não sentia mais aquela dor de antes, quando a simples imagem de sua fisionomia ardia-lhe o peito, queimando-lhe por dentro.

Continuou a avançar nas folhas de seu manuscrito, como se revisasse o que escrevera. Era a primeira vez que se dedicava a observá-lo em detalhes desde que o iniciara.

Estranhamente, naquela manhã não tinha lembranças que quisesse registrar; sua vontade era somente contemplar o que já estava pronto.

John, contudo, não conseguia se esquecer do comentário feito por Suelen, sobre sua interpretação do que a voz lhe falara, e, enquanto lutava tentando se manter concentrado, ouviu pronunciar em seu íntimo: **“Esse era seu inventário de emoções. Agora ele será seu guia”**.

John, um tanto perplexo com a orientação que recebia, começava a acreditar que finalmente as coisas se encaixavam como num grande quebra-cabeça.

Primeiro fora instruído a lembrar e relatar suas experiências. Nelas, além de reviver e purificar suas entranhas das emoções que lhe torturavam, havia registrado também diversas situações que experimentara e, conseqüentemente, seus desdobramentos e resultados.

Agora estava claro; este apanhado de conhecimento lhe oferecia a oportunidade de ser utilizado como um guia que o orientasse em suas decisões.

Talvez a voz estivesse ensinando-o a utilizá-lo como seu auxiliar naquela difícil decisão. Resolveu que o consultaria para solucionar o impasse de procurar ou não por Martin.

Ocupou-se durante todo o restante do dia em revisar e anotar separadamente alguns episódios. Reavivou sua memória com conclusões sobre o que já escrevera, como; a voz que o orientara desde o início

aconselhando-o a praticar o Perdão; as palavras de Dona Olga; as lindas passagens bíblicas em que Jesus ressalta a importância do Perdão incondicional, reforçando-a com o inspirador ensinamento – “Perdoe 70 vezes sete”; e, por fim, o mal-estar que sentia causado pelos ressentimentos e que desapareceram com as Orações de Perdão que praticava diariamente.

Finalmente John, após muito relutar consigo mesmo, mas sob a luz de tudo o que acabara de observar, resolveu definitivamente que procuraria Martin.

Precisava exorcizar pessoalmente aquele fantasma de ódios e ressentimentos de sua vida. Quem sabe, pensava John tentando se convencer de sua decisão, talvez ainda fosse possível, de alguma forma, recuperar a amizade que haviam tido no passado.

Fazia sete anos que não se falavam; a última vez fora no enterro de sua mãe.

Havia ainda outro motivo para procurá-lo, este muito menos nobre; John estava perdido e desesperado na luta pela sua sobrevivência e precisava urgentemente de ajuda.

Soubera recentemente que Martin tinha condições de auxiliá-lo, se assim desejasse. O tempo passara rápido e Martin reencontrara o caminho do sucesso, e desfrutava agora novamente de uma situação financeira confortável.

Naquela noite John rezou muito mais do que de costume, procurando se preparar espiritualmente para aquele compromisso que estava decidido a tentar marcar ainda no dia seguinte.

Pela manhã, acordou convicto de que cumpriria sua difícil decisão. Sentia-se incomodado, porém, com aquela sensação de inferioridade.

Não conseguia aceitar plenamente que, decorridos tantos anos, quem primeiro saltou do barco desfrutasse de uma situação muito melhor do que quem ficou até o final, lutando bravamente na tentativa de salvá-lo.

Não mais disposto a reconsiderações, enfim, pensou John resignado, não julgaria mais a atitude dos outros. Ofereceria seu Perdão incondicional e colocaria um ponto final naquela história.

De posse do número do telefone de Martin e com seu aparelho sem fio em mãos, caminhou até o portão. Com muita relutância e indecisão, finalmente discou o número de seu escritório.

Foi atendido inicialmente por um rapaz, concluíra pela voz, que, em seguida, transferiria a ligação para Martin.

John, por um instante, teve vontade de desligar o telefone, mas não podia mais, já tinha se identificado e sabia que se fizesse isso se sentiria ainda pior. Decidiu aguardar, pensando que talvez ele não estivesse, quando

ouviu: “Como vai John? Há quanto tempo não nos falamos?” – atendeu Martin, falando tranquilamente.

“Não muito bem, Martin” – respondeu John quase gaguejando.

“Mas o que houve? Conhecendo como você é orgulhoso só pode ser algo sério!” – alfinetou Martin do outro lado da linha.

“Realmente é sério. Estou passando por sérios apuros e gostaria muito de encontrá-lo urgentemente” – disse John um pouco mais calmo.

Acabaram por marcar um encontro para aquele final de tarde, em um bar, próximo do escritório de Martin.

John agora estava eufórico. Não apenas pelo encontro em si e pela oportunidade que poderia lhe surgir caso Martin resolvesse ajudá-lo, mas especialmente pela coragem que conseguira ter para honrar sua decisão.

John entrou correndo pela sala, muito ansioso para participar Suelen do que acabara de fazer. Ele não havia lhe contado sobre a decisão que tomara e, por isso, telefonara de um local distante da casa; não queria que ela o visse desconcertado naquela situação.

Suelen ficou muito feliz, mesmo ainda um pouco incrédula daquela iniciativa de John. Abraçando-o, tentava imaginar o enorme esforço que fizera para conseguir aquela verdadeira proeza de dobrar seu orgulho.

Desde que testemunharam a aparição da luz no portão, muita coisa havia mudado, para melhor, especialmente em John, observava ela maravilhada.

O encontro havia sido marcado para as 4 horas da tarde e, como Martin morava em uma cidade a 120 quilômetros de distância, John planejou se arrumar para sair por volta de 2 horas da tarde.

Ainda era cedo e John, conferindo o tempo que lhe sobrava, decidiu que anteciparia seus exercícios, lavando em seguida o carro, que estava muito empoeirado; afinal, queria causar uma boa impressão.

Dedicaria-se naquele dia a atividades que lhe dessem prazer e bem-estar. Sabia que precisaria muito sentir-se bem para o que o aguardava.

Correu, caminhou e exercitou-se muito naquela manhã, aproveitando aqueles momentos para rezar fervorosamente.

Suelen preparou-lhe a roupa que vestiria no encontro.

Separou e passou novamente as melhores e mais finas camisas que tinha, todas ainda remanescentes dos bons tempos.

Às 2 horas da tarde em ponto, John despediu-se de Suelen e partiu para seu encontro.

Apesar da distância, não demorou muito a chegar.

Conhecia bem a cidade, afinal morara lá durante dois anos, na época em que fora gerente da filial da multinacional japonesa em que trabalharam.

Finalmente estava em frente ao bar em que haviam combinado de encontrar-se.

Observando-o, reparou que era um bar com aparência sofisticada, com mesas em pequenos quiosques ao lado de fora, muitos garçons uniformizados e manobristas à porta. Concluiu que era do tipo daqueles que recebem muita gente ao final da tarde, para beber, conversar e relaxar.

Preferindo ignorar o manobrista, estacionou o carro e entrou. Imaginando que Martin ainda não chegara, foi até o banheiro para lavar o rosto.

O calor que fazia aquela tarde era insuportável, mas pelo tanto que transpirava podia ter uma medida do quanto estava nervoso.

Saindo do banheiro, tentava encontrar uma mesa ao ar livre, na varanda do bar, quando percebeu a presença de Martin, sentado ao lado do balcão, já o observando.

Caminharam apressadamente um em direção ao outro, e cumprimentaram-se com um forte e demorado abraço.

Em seguida, com ambos tentando se recompor daquela forte emoção, sentaram-se numa mesa do lado de fora, que o garçom providenciara.

Muito tempo havia se passado e suas marcas eram visíveis. Martin, agora completamente calvo, aproveitara para raspar a cabeça. Estava bem mais gordo e parecia até um pouco inchado, pensava John, ciente que, naquela fração de segundos, Martin provavelmente também constatava nele os mesmos efeitos nefastos do tempo.

John observava que, a exemplo do que acontecera com ele, Martin também se emocionara com o encontro e tentava disfarçar os olhos levemente marejados.

Falaram sobre amenidades, das famílias e das lembranças do passado. A conversa se desenrolava num clima de muita cordialidade, não fosse pela sutil frieza que sentia de Martin.

Após algum tempo de conversa, John finalmente tomou a iniciativa de interromper aquelas trivialidades e claramente expôs a Martin o porquê de ter tomado a iniciativa de procurá-lo.

Confidenciou-lhe o quanto gostara dele e que, durante muito tempo, considerou-o seu melhor amigo. Porém, também por isso, sofrera muito pela forma como tudo acontecera e ainda guardava muitas mágoas de como ele havia se comportado, provocando o rompimento da sociedade.

Explicou-lhe, em seguida, que passava por momentos muitos difíceis e que precisava que ele lhe estendesse a mão, insinuando sutilmente

que lhe oferecia uma excelente oportunidade de se redimir pelo mal que causara, facilitando a concessão de seu Perdão.

Estava ali, continuou John, para exorcizar um fantasma de ódios e ressentimentos e também para pedir-lhe ajuda.

Martin não parecia muito surpreso e nem mesmo incomodado com o que acabara de ouvir. Tentava, aparentemente sem muito empenho, porém, com algum sentimento de culpa, se explicar.

Desculpou-se timidamente pela atitude que tomara, explicando-lhe que, na época, fora praticamente obrigado a tomar aquela decisão. Não conseguia mais suportar tanta pressão e que aquela situação vinha prejudicando demais sua família e sua própria saúde.

Por fim, justificou-se lembrando que à época de seu desligamento, não tinha mais condições financeiras sequer de trabalhar no dia seguinte.

John, um pouco mais sensibilizado com o que acabara de ouvir, desculpou-o, prometendo-lhe que apagaria da mente aqueles acontecimentos.

Pediu-lhe, em seguida, com sinceridade e do fundo do coração, Perdão pelo ódio que nutrira por ele durante anos.

Continuaram a conversar, agora um pouco mais relaxados por aquela sessão mútua de Perdão e desculpas.

John contou-lhe em detalhes sobre as dificuldades pelas quais passava, muitas delas, mesmo sem comentar, ainda remanescentes da época em que trabalhavam juntos.

Ensaíou algumas vezes, também, com a possibilidade de fazerem algo juntos, novamente.

Finalizou por admitir que passava por maus momentos e que precisava muito da ajuda de alguém que lhe estendesse a mão pra recomeçar.

Martin ouvia tudo atenciosamente, porém, de forma passiva, até mesmo distante, segundo a percepção de John.

Calmamente falou-lhe sobre o êxito que conseguira nos negócios, das decepções que tivera com diversas pessoas, incluindo seu próprio irmão, e também das mudanças que haviam acontecido em sua vida ao longo do tempo em que se afastaram.

Agora, ainda segundo ele, seus sócios, que eram sua mulher e seus três filhos, partilhavam com ele todas as decisões.

John lembrava-se perfeitamente de cada um deles, pois no passado considerava-os como de sua própria família. Sempre sentira por eles muito carinho e consideração.

Sua intuição, porém, lhe indicava que ele os usava como forma de esquivar-se de entabular qualquer iniciativa concreta de idealizar um novo negócio.

Inesperadamente, no meio daquela conversa, Martin sacou do bolso um cheque, dobrado ao meio e fechado, que preencheria em uma das vezes que John fora até o banheiro.

Entregou-lhe o cheque dizendo que estava lhe dando aquela importância e não simplesmente emprestando, a fim de que pudesse, de alguma forma, amenizar sua situação.

Surpreso e emocionado, John agradeceu-lhe muito.

Até aquele momento ainda guardava dúvidas se seria possível que os laços que os uniram fossem capazes de suportar o tempo, as rugas e o afastamento que a vida os submetera.

Agradeceu-lhe diversas outras vezes, expondo-lhe o quanto precisava de uma ajuda como aquela, especialmente em um momento tão difícil como o que passava.

Sutilmente, antes de guardá-lo em sua carteira, John, ansioso por conhecer o quanto Martin o ajudara, desdobrou delicadamente aquele cheque, podendo assim observar seu valor.

Cinco mil dólares. Este era o valor grafado naquela folha.

John permaneceu em silêncio, procurando esconder seu espanto, enquanto dobrava-o novamente, guardando-o em sua carteira.

A conversa continuou normalmente, com John tentando mostrar-lhe que sua ajuda, apesar de bem-vinda, não resolveria seus problemas; que realmente precisava de uma oportunidade, de uma mão amiga para recomeçar.

Martin, por sua vez, evitava assumir qualquer tipo de compromisso, pedindo-lhe tempo para que pudesse pensar no assunto e também para que consultasse seus atuais sócios: sua família.

Atribuía aquela sua relutância ao cansaço com os negócios associado à decepção constante que tivera com as pessoas a quem ajudara.

E usava, sempre com certa habilidade, sua nova realidade; não precisava e nem estava mais muito disposto a fazer grandes esforços, pois já havia alcançado seus objetivos; e que agora tinha outros sócios, a quem devia satisfações.

Finalmente decidiram ir embora; haviam conversado por quase três horas. Despediram-se amigavelmente e Martin assumiu o compromisso de pensar com carinho em tudo o que conversaram e voltar a procurá-lo brevemente.

John somente ficaria sabendo depois de muito tempo, mas aquela era a última vez que se falavam.

Durante a viagem de volta, John estava completamente absorvido pelas lembranças do encontro. Muito pensativo, tentava avaliar friamente o que acontecera; e, ainda, também o que poderia estar por vir.

Estava absolutamente satisfeito por ter conseguido externar-lhe tudo o que sentia e especialmente por lhe perdoar.

Conseguira também lhe pedir Perdão pelos ressentimentos que guardara por tantos anos. Não havia dúvidas, este objetivo tinha sido atingido plenamente.

Quanto ao restante da conversa e aos desdobramentos que ela traria, permaneciam-lhe sérias dúvidas.

Apesar da conversa ter sido longa e ocorrido em um clima de cordialidade e respeito mútuo, achara-a muito formal e fria.

Martin fizera questão de esquivar-se o tempo todo de assumir qualquer compromisso, a não ser o de pensar e se falarem depois. Sabia, pelos anos de convívio que tiveram, que não era assim que se comportava quando o assunto lhe interessava.

Se realmente estivesse disposto a estender-lhe a mão, teriam planejado ali mesmo algum novo negócio, concluía John com desapontamento.

Olhando o console do carro, observou sua carteira e imediatamente lembrou-se do cheque. Estava grato e também contente, pois sabia que aquela ajuda iria tirá-los daquela incômoda situação, pelo menos por algumas semanas.

Considerava aquela ajuda, porém, por demais modesta.

Não queria, de forma alguma, ser ingrato, justificava-se John, mas tinha argumentos muito justos para considerá-la modesta; pela condição agora bem-sucedida de Martin, que com facilidade poderia ajudá-lo muito mais; pela forma clara que lhe contou sobre seus problemas, o que tornava óbvio que aquela importância representava apenas um breve alívio em sua situação; pelo passado que tiveram juntos e os valores que movimentavam; e, especialmente, porque aquela ajuda representava uma ínfima fração do que John fora capaz de fazer por ele tempos atrás.

John lembrou-se, entristecido por sua constatação, que apenas a dívida com sua sogra, a qual assumira sozinho, custara-lhe, sem quaisquer juros, pelo menos 10 vezes mais do que o valor daquele cheque.

Antes que prosseguisse naquele redemoinho de mágoas, decidiu estancar seus pensamentos de imediato. Havia lhe perdoado e esse Perdão era definitivo, nada mais mudaria isso.

Acreditava, realmente, que aquela ajuda que Martin havia lhe dado era apenas temporária, para que pagasse as contas do mês. Logo estariam arquitetando um novo negócio juntos e, então, os valores e as oportunidades voltariam a ser como eram antes.

E, caso não fosse assim, questionou John desconfiado. Então, decidiu-se naquele momento: seu Perdão não mudaria e nem voltaria atrás. Apenas encararia aquele encontro de outra forma.

Compreenderia que Martin, vivendo agora uma nova realidade, ao invés de ajudá-lo da forma como desejava, optara, na verdade, por simplesmente amenizar sua situação.

Entenderia sua atitude como a de alguém que abre o vidro do carro e joga algumas moedas de pequeno valor ao menino sujo do lado de fora que se aproxima, pedindo esmolas, acreditando que, agindo assim, ele desistirá de assaltá-lo ou mesmo de riscar seu carro novo.

Não, pensou John, já um pouco irritado. Aguardaria o desenrolar dos acontecimentos com calma e otimismo, e nunca mais voltaria a nutrir mágoas por Martin ou por quem quer que fosse.

Se o caminho que Deus havia lhe traçado não fosse aquele, aceitaria seus desígnios e continuaria sua busca. Não se permitiria novamente cavar sua própria cova.

Aquela nova postura mental surpreendeu-lhe e sentiu-se imensamente feliz. Tinha uma deliciosa sensação de sua alma estar sendo preenchida de paz e confiança.

Tomou, porém, uma decisão que acreditava não representar uma atitude hostil, como uma vingança, que era: caso seu destino fosse outro daquele que agora vislumbra, não aceitaria a ajuda de Martin e, assim que a situação permitisse, lhe devolveria aquela ajuda com juros e correção, como um empréstimo.

A viagem de volta fora rápida e chegava ao portão de casa, aliviado e feliz. Percebeu Suelen correndo para abri-lo, notando que ela estava mais bem arrumada que de costume. Certamente, pensou John, aguardava avidamente pelas novidades que ele trazia.

Estacionando o carro, foi alegremente saudado pelos cães e por Suelen.

Entraram abraçados e Suelen somente largou de seu braço para festejar o cheque que John trouxera. Estava felicíssima pelo alívio, ao menos temporário, que aquela ajuda traria e ávida para conhecer os detalhes daquele importante encontro.

Conversaram, como era de costume em ocasiões assim, até a madrugada.

Suelen, porém, ao contrário das desconfianças de John, estava absolutamente convencida de que a ajuda que tanto e por tão longo tempo pediram a Deus, finalmente chegara, e Martin fora o escolhido para torná-la realidade.

John, agora não mais aguentando ficar em pé, resolveu deitar-se. Aquele dia, em que revivera tantas emoções, tinha sido extremamente cansativo para ele.

Dormiu tranquilo e profundamente, como há anos não conseguia. Nem mesmo a voz ousara incomodá-lo naquela noite.

Enquanto os dias passavam e John aguardava com certa expectativa e ansiedade por novidades, sua nova rotina diária evoluía a largos passos.

A cada dia empenhava-se mais em relatar, com riqueza de detalhes, os momentos marcantes de sua vida. As reflexões que se obrigava a fazer, sobre as lembranças que desenterrava, fortaleciam seu caráter e devolviam-lhe sua autoestima e confiança.

As melhoras em seu estado psicológico e espiritual eram visíveis.

Passava seus dias escrevendo, lendo, refletindo e rezando. Dedicava-se ainda aos seus extenuantes exercícios com muita disciplina e empenho.

Aquela ideia fixa de suicídio, que outrora era constante, morria dia a dia. Na verdade, fazia muito tempo que já havia se esquecido dela.

Mesmo que sua situação financeira ainda não apresentasse qualquer sinal de melhora, procurava, sempre com certo cuidado e, principalmente, com humildade, transmitir a outras pessoas parte da experiência que estava vivendo.

Percebia à sua volta, cada vez mais, muitas pessoas sofrendo por situações semelhantes à que enfrentava. Pequenas derrotas que causavam grandes estragos, que, por sua vez, realimentadas pelo medo e pela frustração, reproduziam determinado padrão, até se transformarem em grandes derrotas. Inimizades, muitas vezes entre familiares do próprio sangue, provocadas por mágoas e rancores. Insatisfação constante com as escolhas que, muitas vezes, de forma inconsciente, haviam sido obrigados a fazer e sobre as quais tinham perdido a consciência ou mesmo a coragem; mas que, se assim quisessem, poderiam mudar. A perda da Fé em si próprio e especialmente no poder Criador, no universo, em Deus, e o consequente abandono da Religiosidade e de suas poderosas práticas, como as Orações.

John acreditava agora que, falando às outras pessoas sobre seus problemas e também da forma como tentava solucioná-los, estava de alguma maneira colaborando com o trabalho e com a vontade de Deus.

John, sem se aperceber de que estava seguindo o seu próprio roteiro, sentia crescer dentro de si, quase como que ocupando o espaço que

antes era tomado por suas mágoas, uma intensa vontade de dedicar-se de corpo e alma a algum novo trabalho.

Desejava por algo que fosse uma atividade nobre, prazerosa, divertida e envolvente. Criara até uma pré-condição para distingui-la quando a encontrasse: tinha que fazer a diferença em sua vida e na das muitas pessoas a sua volta.

Ele não sabia, mas a semente das buscas por seus Sonhos começara a germinar. Lançara-a inconscientemente quando perdoara a tudo e a todos. Plantara-a quando passou a sentir Gratidão por tudo e por todos. Agora ele a regava todos os dias com sua Fé renovada e suas preces.

**“Todo mundo pensa em mudar a humanidade, e ninguém nunca pensa em mudar a si próprio.”
Liev Tolstoi (1828 – 1910), escritor russo**

O tempo tinha passado rápido, constatava John, olhando o calendário de papel sobre a cômoda ao lado de sua mesa. Na semana seguinte completaria 60 dias que se encontrara com Martin. Agora, diante do mais absoluto silêncio de seu ex-sócio, tinha certeza de que dificilmente voltariam a se ver ou mesmo a se falar.

Após algumas semanas de expectativa e apreensão, aguardando notícias, finalmente conformara-se com aquela negativa implícita.

Estava, contudo, muito feliz consigo mesmo. Conseguira se manter sereno, mesmo com aquela nova decepção, e não nutria mais qualquer sentimento de magoa ou rancor. Readquirira sua Fé em Deus e agora acreditava cegamente que Ele indicaria, e o conduziria, pelo melhor caminho. Na verdade, sentia-se aliviado e absolutamente grato por Deus reservar-lhe um caminho diferente, uma nova estrada para percorrer.

Certamente, pensava empolgado, desta vez conseguira superar com méritos sua provação; perdoara não 70 vezes sete, como Cristo pregou, mas fora capaz de perdoar ao menos duas vezes a mesma pessoa. Esta façanha o credenciava a sonhar com realizações muito maiores e mais nobres para seu futuro.

“Perdoar significa perdoar os imperdoáveis, e amar quer dizer amar os que não podem ser amados. Ou não será virtude, em absoluto.” G. K. Chesterton (1874 – 1936), escritor e jornalista britânico

A PERSISTÊNCIA



COM O PASSAR DOS DIAS, PORÉM, MESMO apresentando visíveis sinais de melhoras e sentindo-se cada vez mais forte e preparado, continuava a lhe aborrecer sua difícil situação financeira, que teimava em não apresentar qualquer evolução, pelo contrário.

Conseguira, através de algumas manobras legais, que seu advogado protelasse em algumas poucas semanas o leilão de sua casa e de seu carro. Não tinha muitas alternativas, mas precisava de todo o tempo que lhe fosse possível.

As despesas do dia a dia, entretanto, acumulavam-se novamente, desde que a importância que Martin lhe emprestara havia acabado.

Entristecia-se com aquela insistente incapacidade de prover sua própria subsistência e a de sua família.

Sentia-se muito mal e bastante envergonhado, observando as pessoas a sua volta, inclusive seus próprios amigos, vivendo na absoluta normalidade.

Trocavam seus carros, viajavam, compravam roupas e passeavam sempre com tranquilidade.

Sabia como era viver assim, sustentara-se e a muitos dos seus por toda uma vida.

Durante muito tempo, mesmo depois da crise que quebrara seus negócios, conseguira se manter com relativo conforto. Neste período, prestando consultoria para algumas grandes empresas, nada lhe faltara.

Agora, porém, mesmo aceitando diante daquelas condições adiar a conquista de alguns desejos que considerava importantes para sua vida e para a de Suelen, não conseguia sequer ganhar seu próprio sustento.

Rezava, agradecia, pedia aos céus, mas infelizmente nada acontecia.

Sua Fé e Gratidão eram agora muito maiores e, mesmo que continuasse a sofrer, nunca voltaria a culpar Deus ou mesmo Lhe consideraria injusto. Acreditava fielmente que deveria suportar aquela provação assim como Jó o fizera.

Entretanto, por mais que estivesse decidido a suportar aquela provação, sentia-se infeliz e envergonhado pelo que passava.

Mais até do que isso, pensava John: Como poderia buscar e encontrar seus Sonhos com toda aquela carência?

A dificuldade é a condição dos Milagres.

Uma vez mais, mesmo diante de tantas dificuldades, John resolveu banir de seu coração todas as dúvidas e entregar seu destino nas mãos de Deus.

Os dias continuavam a passar, sem, contudo, quaisquer sinais de mudanças. John continuava a cumprir com sua rotina, registrando suas lembranças. Suelen cuidava de seus afazeres da casa e também acompanhava de perto aquele intrigante manuscrito.

Agora, além de se entregar à sua leitura, sem que John soubesse passara a transcrevê-los para o computador. Toda noite inteirava-se do que ele havia escrito e em seguida copiava os manuscritos para o computador.

Não sabia ao certo porque se decidira a fazer aquilo, pensava, enquanto absorvida, o digitava. Talvez os achasse importantes demais para que estivessem registrados apenas nos blocos que John utilizava.

Podia ser também que, com o tempo, aquelas folhas sumissem ou simplesmente que ele, nas muitas crises existenciais que sofria, se decidisse por jogá-las fora. De qualquer maneira achava muito prudente guardá-las.

Suelen estava muito feliz por John, apesar das dificuldades persistirem e até piorarem. As mudanças que observava nele faziam-lhe muito bem e encorajavam-na a continuar acreditando em dias melhores.

Um dos sinais da transformação em seu estado de espírito que notara eram as longas conversas que tinham voltado a ter, como faziam no passado, sobre o futuro e os Sonhos que ele ainda desejava conquistar.

Desde adolescente se acostumara a ouvi-lo falar-lhe durante horas sobre ideais muito distantes e impossíveis, mas com os quais sonhava poder um dia realizar.

Falava-lhe de ajudar a humanidade, acabar com a fome no mundo ou tornar-se presidente do país. Tinha outros mais simples, porém também difíceis como morar num lugar paradisíaco, ser independente a ponto de fazer apenas o que lhe proporcionasse alegria e felicidade, ajudar crianças e idosos de uma comunidade local, enfim, sempre coisas utópicas e estranhas.

Sabia que era uma demonstração de sua inquietude e insatisfação com o rumo que a vida teimava em tomar. Era como se dissesse que estava vivo, muito vivo, sonhando e fazendo planos por dias melhores.

Mesmo que muitas dessas coisas que gostava de falar não tivessem acontecido, acompanhara-o em situações corriqueiras, de coisas menores, pequenas, e conhecia sua ousadia.

A operação na bolsa de valores que montara e que levava à bancarrota seus negócios, por exemplo, se tivesse dado certo, confidenciara-lhe certo dia, teria proporcionado a todos uma pequena fortuna suficiente para suprir as necessidades das famílias de todos os sócios por várias gerações.

Tinha convicção que, se um dia, o destino lhe oferecesse uma oportunidade, mesmo que fosse como uma pequena fresta aberta na porta, ele fincaria os dois pés e seria muito difícil impedi-lo de avançar.

Agora, após muitos anos, voltava a ouvi-lo falar daquele tipo de ideias novamente. Trocara, provavelmente por sua completa impossibilidade no momento, os objetivos que almejava. A extinção da fome no mundo, por exemplo, fora substituída pelo saciamento espiritual das pessoas, mas sua conversa sobre Sonhos e ideais, não havia dúvidas, era a mesma de antigamente.

Numa dessas conversas, John confidenciara-lhe que estava perdido e confuso com seus próprios pensamentos.

Seguira até então o roteiro que a voz o havia aconselhado. Agora, praticamente com todas as etapas concluídas, sentia-se bastante bem e renovado, mas não sabia como prosseguir.

Escrevera, durante meses, sobre todos os acontecimentos e lembranças que lhe ocorriam. Rezara fervorosamente, milhares de vezes, conseguindo assim perdoar a tudo e a todos. Renovara sua Fé e sua Gratidão. Sentia-se pronto para finalmente buscar seus Sonhos.

Não conseguia, porém, a mínima pista ou mesmo inspiração para descobrir como encontrá-los.

Suelen, que sempre o ouvia com interesse e paciência, aconselhava-o que procurasse se manter sereno e confiante, e que continuasse a pedir orientação a Deus.

John, agora com seu manuscrito finalizado, acatava as sugestões de Suelen e mesmo com muita dificuldade de manter sua serenidade continuava a rezar fervorosamente.

Pedia em suas preces que Deus lhe mostrasse o caminho a seguir ou mesmo que lhe enviasse um sinal concreto que, especialmente naquele momento, não fosse através daquela imaginária voz.

Não adiantava. O único sinal que recebia, agora insistentemente, era da voz em seu íntimo, a lhe dizer: **“Você finalmente está pronto. Aguarde a semente germinar”**.



DIFICULDADES, PERDAS E FÉ

MAIS TRÊS MESES HAVIAM SE PASSADO.

John, sentado só na varanda, fumava silenciosamente enquanto pensava nos dias de mais humilhações e derrotas que se aproximavam velozmente.

Amargurado e praticamente desesperançoso, lutava desesperadamente contra os velhos sentimentos que começavam a querer ressuscitar.

Novamente, vez por outra, flagrava-se pensando seriamente em desistir de tudo, especialmente de continuar vivendo.

Nada do que fizera dera resultados.

Vendera quase tudo que podia a fim de garantir sua sobrevivência básica.

Sentia-se como um viciado em drogas que precisasse a todo custo sustentar seu vício vendendo tudo que conseguisse.

Mesmo não sendo seu Sonho, mantivera contato com diversas empresas e pessoas do ramo em que trabalhara durante toda a sua vida, na tentativa de oferecer seus serviços de consultoria.

Inacreditavelmente, não obtivera sucesso em qualquer de suas tentativas.

Por mais que continuasse a praticar suas Orações e procurasse se munir de Fé, todas as portas haviam se fechado, diabolicamente, para ele.

Suas dívidas não paravam de aumentar, agora também junto a seus grandes amigos, de quem tomara dinheiro emprestado para continuar sobrevivendo.

Sua casa e seu carro seriam leiloados naquele dia, o que definitivamente o tornaria um sem-teto.

Muitas vezes, nos últimos dias, pensava assustado na possibilidade de se transformar em um mendigo, maltrapilho e faminto, vagando pelas ruas.

Naquele momento, conseguia compreender melhor aquelas pessoas que perambulam semimortas pelas grandes cidades, esmolando um prato de comida e alguns trocados. Ninguém as enxergava como seres humanos.

Por alguma fraqueza, pelo destino ou mesmo pela vontade de Deus, tinham sido banidas da convivência da sociedade e aguardavam apenas que o tempo fizesse sua parte, matando-lhes o corpo.

Como nunca havia se preocupado com a dignidade dessas pessoas ou mesmo feito alguma coisa realmente incisiva para ajudá-las a atravessar aquele inferno? – questionava-se John, corroendo-se de remorso.

O toque insistente do telefone interrompeu-lhe repentinamente os pensamentos.

Era seu advogado, com boas e más notícias.

A má, segundo ele, era que o leilão de sua casa e de seu carro tinha sido realizado e ambos haviam sido arrematados. A casa, por um investidor estrangeiro, e o carro, por uma pessoa qualquer, da qual não tinha maiores informações.

A boa notícia, ainda segundo seu advogado, era que o representante do investidor estrangeiro que a adquirira havia lhe concedido um prazo de 90 dias para desocupar o imóvel.

Fizera apenas uma exigência, que o advogado de antemão concordara. Iniciariam uma grande obra de recuperação e reformas na casa, com a qual John não somente deveria permitir como, dentro do possível, colaborar.

Desligando o telefone, John chorava copiosamente, descontrolado.

Corria-lhe pela mente, como um filme, muito rápido, todos os momentos que ali vivenciara.

Recordava-se de sua mãe, alegre, sentada nos bancos do jardim. Seus cachorros, ainda filhotes, cavando e destruindo as floreiras que Suelen acabara de plantar. Os deliciosos e intermináveis churrascos à beira da piscina. Os inúmeros natais passados com sua família e também com muitos amigos.

Não podia acreditar que sua provação estendera-se a tudo o que havia conquistado. Simplesmente não conseguia.

Suelen, assustada e já a seu lado, procurava se manter forte e consolá-lo. Nunca o vira numa situação tão difícil e deprimente.

Ficaram ali durante horas, conversando e, em alguns momentos, até mesmo discutindo. Suelen tentava acalmá-lo, procurando desviar sua atenção para o que lhes sobrara. Falava-lhe do amor que sentiam um pelo outro, e que nunca iria acabar. Da saúde de ferro que Deus os havia

presenteado. Dos cães que tanto adoravam. Dos amigos sempre presentes. E das perspectivas que ainda podiam ter da vida no futuro.

John oscilava entre conformado e absurdamente irritado e revoltado.

Em alguns momentos, prestava-lhe atenção como quem aceitasse aquilo tudo e, em outros, alterando a voz, gritava e chorava muito. Por pelo menos duas vezes chutara para longe as cadeiras da varanda.

Suelen conhecia-o o bastante para saber que aquela perda não seria facilmente digerida. Resolveu lhe dar algum tempo para assimilar aquele golpe.

Precisam muito conversar sobre vários assuntos, especialmente a respeito de uma estranha experiência que ela, na tentativa de auxiliá-los, havia provocado.

Mas, definitivamente, agora não era a melhor hora, pensava preocupada.

Dois dias se passaram com John naquele estado.

Irritadíssimo, quase não falava e comia muito pouco. Entre as rezas e os exercícios, que continuava a fazer, dormia praticamente o tempo todo, com exceção das madrugadas, quando, sem sono, perambulava pela casa.

A impossibilidade é a condição para os grandes Milagres.

No terceiro dia, John acordou milagrosamente muitíssimo melhor. Voltou a se barbear e, em alguns instantes, Suelen teve a impressão de ouvi-lo assoviar.

Não podia perder mais tempo, pensou ela animada, enquanto prendia os cabelos, preparando-se para finalmente abordá-lo.

Não conseguia mais conter a ansiedade que a perturbava há dias.

Caminhou até a varanda e, observando-o rezar, aguardou silenciosamente que acabasse para então lhe falar.

Demorou algum tempo; John parecia intensificar suas preces à medida que as coisas pioravam.

Enfim, após alguns minutos, fez o sinal da cruz e, suspirando fundo, abriu os olhos saindo daquele transe.

Suelen aproximou-se e deu-lhe um longo beijo. Era como se estivessem brigados e agora selassem a paz.

Quis saber como ele estava e ficou feliz com o que ouviu.

John contou-lhe sobre os maus momentos que passara e que, de certa forma, estava conseguindo superar. Aproveitou para agradecer-lhe por suas palavras de conforto, no auge de seu transtorno.

Continuando a lhe falar, explicou-lhe que a Fé o mantivera de pé. Que prometera há tempos confiar em Deus e em seus desígnios e, a

I l l u m i n a t i

qualquer custo, cumpriria sua promessa. Explicou que, estranhamente, não sentia mais medo e enfrentaria todas as consequências dos atos que praticara. Não voltaria a culpar injustamente Deus por seus erros, mas continuaria a Lhe pedir iluminação para superá-los. Reconstruiria, quantas vezes preciso fosse, sua vida e seus Sonhos.

Sabia agora, pelo sofrimento que passava, que Deus precisava muito de ajudantes, pois além daqueles que se pode observar explicitamente em absoluta degradação moral pelas ruas, orfanatos, prisões e hospícios, havia milhões como ele, na berlinda.

A berlinda a que John se referia era aquela linha imaginária que separa as pessoas que acreditamos, estão bem, daquelas que aparentam estar bem, mas que, no fundo, estão silenciosamente com suas vidas prestes a desmoronar.

Deus ganhara novamente um bom ajudante; agora, muito melhor que antes.



A REVELAÇÃO

SUELEN, APERCEBENDO-SE QUE AQUELE ERA O melhor momento possível para lhe dar aquela notícia de impacto, finalmente encheu-se de coragem e começou a lhe contar o que havia feito.

Antes, porém, pediu que se mantivesse calmo com o que tinha a lhe falar e que pensasse muito antes de julgá-la ou de tomar uma decisão precipitada.

A tensão daquela conversa, que já se instalara em ambos, era crescente, e John, impassível na cadeira, tentava imaginar o que de pior ainda lhe faltava acontecer. Inesperadamente o telefone tocou.

Olharam-se como se decidissem se atenderiam ou não aquela ligação, quando John finalmente levantou-se da cadeira, fazendo-lhe sinal de que aguardasse ali para que terminassem a conversa.

A pessoa do outro lado da linha identificou-se muito educadamente como engenheiro de uma construtora que fora contratada para executar a reforma na sua, agora, ex-casa.

John, mesmo sabendo que não podia mais lutar contra aquilo, ainda tentou postergar sua visita sem, contudo, qualquer êxito.

Ouvira do engenheiro, que já se hospedara num pequeno hotel da cidade, sobre a urgência de averiguar a casa e iniciar a reforma.

Pedira-lhe ainda que, se possível, acompanhasse-o na averiguação, a fim de lhe expor qualquer benfeitoria que julgasse conveniente.

Por um momento John se sentiu como nos velhos tempos em que fazia longas listas de pequenas reformas, as quais chamava de “listas de pendências”, para depois, ao lado do responsável por realizá-la, vistoriar prazerosamente cada canto, observando e orientando sua execução.

Simpatizou-se com a educação do engenheiro e, praticamente sem opção, agendou sua visita para o dia seguinte, após o almoço.

Já que agora não tinha mais como evitar, colaboraria com o novo morador.

Torcia em seu íntimo para que quem a havia comprado dispusesse de muito dinheiro, possibilitando assim que tudo o que sempre sonhara

fazer, mesmo que, infelizmente, agora de um modo estranho, se concretizasse.

Não economizaria nas observações ao engenheiro, pensava John, tentando ao menos se divertir com aquilo. Desenterraria todas as suas listas de pendências e, ainda mais, anotaria também tudo o que sempre sonhara, mas que não tivera oportunidade de fazer.

Um belo muro, de 2,5 metros de altura, todo de tijolos revestidos, formando lindos desenhos. Um campo de futebol quase oficial, impecavelmente iluminado, com grama especial, trave, redes, vestiários, saunas e tudo mais. Queria ainda uma passarela, própria para caminhadas e corridas, que circundasse toda a propriedade, e que fosse totalmente cercada por flores e iluminada por pequenos archotes amarelos.

Planejara há tempos também a garagem e a oficina, lembrou-se. Deveria caber por volta de 10 carros, caso o futuro dono, assim como ele, gostasse muito de carros e jipes.

De repente caiu em si: a propriedade não mais lhe pertencia. De qualquer forma, pensou ele, apresentaria aquilo tudo para o engenheiro.

Suelen, que continuava aguardando-o ansiosamente, não conseguindo suportar mais aquele segredo, foi até seu encontro e desandou a lhe falar.

Contou-lhe sobre suas incursões noturnas pelos seus manuscritos e o quanto vibrava com aquelas muitas vezes tristes e sombrias, outras alegres e divertidas, histórias que contara.

Falou-lhe sobre o trabalho que decidira fazer, contagiada pela empolgação que lhe provocara aquela leitura, digitando e arquivando aquele amontoado de folhas escritas à mão.

E, por fim, que tomara uma atitude drástica, um pouco irresponsável, e que agora precisava de seu consentimento e aprovação.

John, que até então se mantinha impassível, diante daquela revelação sobre o que já sabia, pediu-lhe que continuasse.

Muito desconcertada e cabisbaixa, Suelen confidenciou-lhe acreditar que o conteúdo daquele manuscrito pudesse inspirar a criação de um livro.

Seria um livro sobre superação e Fé. Superação das consequências de decisões equivocadas e dos estragos que elas são capazes de produzir na vida e no destino das pessoas.

Também seria sobre o resgate da Fé, da importância do Perdão, dos pequenos e grandes Milagres cotidianos, do reencontro com Deus e da incessante busca dos Sonhos.

John, agora tranquilizado por aquela revelação, mas também muito empolgado com a ideia sobre escrever um livro, abraçou-a carinhosamente.

Agradeceu-lhe pelo incentivo e pediu que esperassem um momento apropriado para refletir melhor sobre aquela, momentaneamente impossível, sugestão.

Antes que pudesse se desvencilhar do abraço, Suelen, agarrando-o junto ao peito, sussurrou-lhe no ouvido que a hora era aquela e que não podiam esperar mais. E continuou: havia, sem sua autorização ou conhecimento, enviado eletronicamente, já há alguns meses, cópia dos manuscritos que escrevera para dezenas de editoras em todo o país.

John ficou ensandecido. Não gostava de surpresas, muito menos de surpresas como aquela.

Com alguma força e estupidez soltou-se daquele abraço e, sem fazer qualquer esforço para esconder seu estado de absoluto transtorno, gritava, como louco, coisas horríveis.

Acusou-a de traidora, mentirosa, dissimulada e muito mais. Não podia acreditar, falava aos berros, que tudo que tinha de mais íntimo e pessoal, agora era de domínio público.

Enquanto gritava lembrava-se de passagens que escrevera e que provocariam estragos definitivos em sua vida. Nunca mais seria possível encarar novamente certas pessoas, inclusive algumas da sua própria família.

Suelen acabara de fechar qualquer porta que pudesse apresentar uma oportunidade de recuperação, acusava-a.

Quem faria negócios ou daria emprego a alguém que ousara se expor daquela forma, questionava-a ainda mais transtornado.

John falou, gritou e xingou aos berros por muito tempo, enquanto era observado pela agora arrependida Suelen.

Aos poucos, como um brinquedo novo que gasta pilha, sua energia foi se esvaindo e, naturalmente, seu tom de voz e sua agressividade foram diminuindo.

Mas, mesmo assim, o pouco da energia que lhe sobrara ainda era muito, pensava Suelen. Preferia ainda não lhe contar o restante. Se não houvesse alternativa, o faria mais tarde, mas daquele dia, quaisquer que fossem as consequências, infelizmente, não tinha mais como adiar.

Suelen sabia que não deveria confrontá-lo enquanto estivesse naquele estado. Aprendera, desde a adolescência, que John, quando ensandecido como naquele momento, ficava absolutamente intratável.

Resolveu, uma vez mais, dar tempo ao tempo antes de voltarem a conversar. Aguardou pacientemente o restante da tarde e até o meio da noite, à espera de uma nova oportunidade.

Observou-o, à distância, passar por todos os estágios que, nessas situações, eram-lhe quase obrigatórios: ensandecido, indignado, nervoso e quase conformado.

Finalmente voltou a procurá-lo, receosa por sua reação pelo que ainda não lhe falara.

Encontrou-o ainda na varanda e, sem se anunciar, deu-lhe um demorado abraço, pedindo-lhe insistentemente que a perdoasse por sua atitude.

John, visivelmente contrariado, não retribuiu o abraço, mas também não o evitou, balançando afirmativamente a cabeça.

Em se tratando de John, naquele estado, era uma ótima reação, animava-se Suelen.

Sem que se apercebessem, estavam novamente conversando sobre a ideia do livro, agora, com John já muito mais calmo.

John argumentava que ela, por não consultá-lo, tomara uma atitude desesperada, sem sentido. Que as chances de alguém se interessar por suas anotações eram remotas, praticamente nulas.

Não tinha qualquer histórico naquele ramo de atividade, tampouco habilidade ou dom para escritor, autor ou o que quer que fosse.

Suelen percebeu que, apesar da ideia do livro excitá-lo, na verdade sua reação revelava o medo de se aventurar.

Podia quase sentir seu medo diante daquelas circunstâncias e, por tudo que passara, de tentar e fracassar novamente.

Suspirou fundo e, munindo-se de uma coragem que desconhecia possuir, contou-lhe o que ainda faltava dizer. Recebera um telefonema de alguém interessado na publicação do livro.

O semblante de John transformou-se incrivelmente.

As rugas da testa, que sempre lhe mudavam as feições quando algo o contrariava, tinham sido substituídas por um franco sorriso e um maravilhoso brilho no olhar.

Ao contrário de alguns segundos antes, queria agora informações de quem ligara, o que haviam conversado e todos os detalhes possíveis e imagináveis daquele contato.

Suelen, agora confiante e tranquila, segura de que físgara definitivamente seu interesse, continuou a lhe contar.

Havia recebido o telefonema de uma mulher. Identificara-se como assessora de um importante advogado, cujo escritório representava os interesses de um grande grupo internacional com atuação em diversos segmentos, inclusive na área editorial.

Não entrara em muitos detalhes, apenas solicitara o agendamento de uma reunião entre John e seu superior. O encontro havia sido marcado para o dia seguinte, logo após o almoço.

John mudara novamente; agora estava calado e pensativo. O que deveria fazer numa reunião como aquela? – pensava preocupado.

Participara de milhares de reuniões em sua vida profissional. Apresentara centenas de propostas a muitíssimos e diferentes tipos de público.

Na verdade, até aquele momento, ainda se julgava um especialista em convencer gerentes, diretores, e até presidentes de empresas, de suas ideias e projetos.

Sentia-se, pela prática constante daquele tipo de experiência, totalmente à vontade para expor e também para qualquer tipo de argumentação sobre todos os detalhes dos projetos que apresentava.

Agora, porém, era diferente. Aquele era um assunto completamente desconhecido. Nunca escrevera algo além de propostas comerciais e textos técnicos.

O que discutiriam, indagava-se, continuando a pensar. Falariam sobre suas mágoas e rancores? Sobre as passagens de sua vida? Quem sabe até de sua família? Sobre a luz que avistara e nunca conseguiria provar? Das perdas que tivera e de sua situação decadente?

Finalmente, exaurido de tanto pensar naquele assunto e sem mais forças de argumentar contra a empolgação que Suelen continuava a demonstrar, acabou indo se deitar.

Dormiu profundamente, sem rezar, esforçando-se para esquecer, ao menos temporariamente, aquele assunto. Acordou cedo na manhã seguinte, ciente de que aquele seria mais um longo dia.

Revirou suas gavetas, encontrando e separando suas infindáveis listas de pendências para que Suelen as entregasse ao engenheiro que viria após o almoço.

Telefonou para a empresa de ônibus que fazia o itinerário entre a cidade que morava e a metrópole em que vivera tantos anos, a fim de informar-se sobre os horários de partida e chegada.

Pediu então a Suelen que lhe mostrasse no computador o arquivo em que copiara seus manuscritos. Precisa reavivá-los na memória, se não quisesse passar por mais vergonhas e humilhações naquele inusitado encontro que teria.

Passou rapidamente pelas páginas, sem, contudo, se deter em algo específico, constatando que, a esta altura, sentia-se já completamente calmo.

I l l u m i n a t i

Raciocinara durante a noite que não teria o que perder naquela reunião. Gastaria apenas parte de seu tempo – que, no momento, nada valia – e um pouco de dinheiro com as despesas de locomoção.

Se a reunião enveredasse para qualquer caminho que o desagradasse, pensava convicto, se levantaria e iria embora, sem o mínimo constrangimento. Não se sentia responsável por aquilo que Suelen arquitetara.

Em seguida, se barbeou, tomou banho e se arrumou impecavelmente, como sempre. Despediu-se de Suelen, entrando no táxi que chamara para levá-lo até a rodoviária.



O ENCONTRO

COMO ERA DIFÍCIL SE LOCOMOVER SEM CARRO, pensava irritado, enquanto subia os degraus da escada para o interior do ônibus.

Tivera de sair com muitas horas de antecedência de seu compromisso. Pegara um táxi, agora um ônibus e depois, já na capital, teria ainda que se acotovelar por espaço num abarrotado vagão de metrô.

Com a sorte que tinha, certamente sentaria ao lado de uma mulher com um filho pequeno ao colo, que berraria durante a viagem toda.

Caminhando pelo corredor do ônibus, localizou sua poltrona. Pediu licença para a mulher que sentava junto ao corredor, com os dois filhos; um de colo e outro de aproximadamente 7 anos de idade, finalmente se sentando.

A não ser pelo sentimento de humilhação que lhe ardia no peito e também no estômago, a viagem de ônibus e mesmo o trajeto de metrô acabaram transcorrendo melhor do que imaginara.

Diante do prédio em que estava localizado o escritório do encontro, observou que chegara quase uma hora adiantado.

Parado na frente do prédio, ainda conseguiu, apesar do barulho ensurdecedor dos carros que trafegavam por aquela importante avenida, concentração para rezar alguns minutos. Finalmente, um pouco menos tenso, encheu-se de coragem e entrou no prédio.

Agora, sentado na recepção do escritório, sentia-se um pouco mais nervoso que de costume em ocasiões como aquela.

Tentando acalmar-se, observava todos os detalhes daquele escritório e das pessoas que circulavam pelos corredores.

O escritório não era muito grande, talvez tivesse 10 ou 12 salas. O luxo, a fina decoração e as muitas pessoas que entravam e saíam, entretanto, testemunhavam o quão bem-sucedido deveriam andar os negócios. Absolutamente silencioso, talvez em decorrência das enormes portas de madeira maciça, tinha certo ar de modernidade, provavelmente pelos computadores portáteis, de modelos sofisticados, expostos sobre as mesas.

Os muitos tapetes orientais e os lindos quadros nas paredes completavam aquela harmoniosa decoração.

Sentia-se estranhamente bem naquele ambiente, pensou John um pouco intrigado.

Diferentemente das empresas que conhecera, as pessoas que circulavam dentro daquele ambiente transmitiam uma doce sensação de felicidade. Eram homens e mulheres, todos com alguma idade, talvez, acima dos 30 e poucos anos. Não havia pessoas muito jovens, quase sempre notadas por suas atitudes espontâneas e por vezes espalhafatosas. Vestiam-se muitíssimo bem e exalavam respeito e cordialidade.

“Muito boa tarde, Senhor John. Meu nome é Ibrahim”, interrompeu-lhe, sem cerimônias, aquele risonho senhor à sua frente, convidando-lhe, em seguida, a acompanhá-lo até sua sala.

Seus traços lhe pareciam familiares. Alto, magro e usando uma barba grossa, mas muito bem aparada, aparentava ter pouco mais de 60 anos. Parecia ser árabe.

Caminhando pelo corredor principal em direção à sala, podia observar as pessoas acenarem carinhosamente para Ibrahim, enquanto demonstravam certa curiosidade com sua presença.

A sala era enorme e também decorada com muita sobriedade e bom gosto. Tinha ao menos quatro ambientes, entre as duas salas de estar, uma luxuosa mesa de reuniões e, ao canto, uma mesa individual de trabalho.

John reparou ainda, ao lado da mesa de reuniões, duas estantes de uma madeira muito grossa e reluzente, abarrotada de livros.

Sobre a mesa de trabalho, não havia vestígio algum daquelas pilhas de papéis, normalmente de assuntos atrasados ou sem importância, muito comuns nos escritórios de executivos nas empresas que conhecera.

Ibrahim conduziu-o até uma das salas de estar, indicando-lhe uma confortável cadeira, forrada por um macio veludo preto, para que se sentasse.

A seguir, ofereceu-lhe água, café ou mesmo uma das muitas bebidas que ficavam em um requintado bar, que servia também para dividir os ambientes.

John aceitou a água e o café, recusando a bebida. Gostava de beber, especialmente whisky, mas nunca no horário de trabalho e muito menos com estranhos.

Como se adivinhasse sua escolha, uma senhora, com aparência distinta e muito educada, adentrou a sala com café e água numa linda bandeja dourada.

A conversa que mantinham era animada e informal. Falavam somente sobre amenidades. Falaram do tempo, do trânsito, de esportes, de economia, política, enfim, de tudo; menos de qualquer coisa que lembrasse o livro, negócios ou coisas assim.

A companhia daquele homem lhe fazia bem. Sentia-se completamente à vontade na sua presença e, por vezes, impressionou-se com a sensação de já lhe conhecer há tempos.

Sua fala era mansa e tranquila. Expressava-se com um refinado e, às vezes, levemente sarcástico bom humor.

Tratava-o, podia sentir, com muito carinho e admiração. Prestava atenção absoluta em tudo o que dizia e fazia-lhe perguntas surpreendentes. Demonstrava sempre certa satisfação com suas respostas.

Após muito tempo daquela conversa, quando normalmente uma reunião de negócios já teria sido encerrada, subitamente, Ibrahim mudou de feição e também de postura.

Agora sério e muito compenetrado, rodava e alisava com a mão direita um estranho anel dourado que carregava num dos dedos da mão esquerda, enquanto falava.

Pela distância, John não conseguira identificar ao certo, mas tinha a impressão de que o anel estampava um desenho, algo como um símbolo. Acreditava que aquele símbolo pudesse ser o de uma estrela, talvez uma lua ou uma forte luz reluzindo.

Não deu muita importância para aquilo. O importante era ouvir e prestar atenção em tudo o que Ibrahim falava, pensava tentando se concentrar. Talvez, agora, discutissem alguma possibilidade concreta de negócios, ao invés de ficarem falando de trivialidades.

Ibrahim contava-lhe sobre sua vida. A infância pobre em uma família que imigrara do Líbano. A morte precoce do pai e sua necessidade de lutar incessantemente para manter a casa, a mãe e os irmãos. Falava-lhe sobre os estudos, sobre a dificuldade para cursar uma das mais difíceis e renomadas universidades até sua formatura, com distinção e brilhantismo. Contava-lhe, com muita emoção e prazer, sobre a forma como vencera, conquistando o sucesso e saindo da pobreza.

E também, agora entristecido, de como sucumbira diante de uma grave doença.

John, silenciosamente, estranhou aquele comentário. O homem à sua frente lhe parecia extremamente saudável e em boa forma.

Continuando a falar, Ibrahim confidenciou-lhe que, por conta daquela trágica notícia, inconscientemente, negligenciara e mesmo

abandonara tudo a sua volta nos poucos meses que, segundo seus médicos, lhe restavam de vida.

Abandonou o trabalho, a mulher, os filhos, enfim, tudo o que considerava de mais sagrado, e pelo que lutara toda uma vida. Decidiu voltar para Beirute e finalmente morrer em sua terra natal.

Com o passar do tempo, porém, e como a morte tardava-lhe a chegar, ficara profundamente comovido com as frequentes tragédias, impostas pelos inúmeros conflitos que assolavam a região, em especial a Palestina.

Durante um bom tempo aquela comoção o obrigara a deixar de se preocupar consigo mesmo e a se dedicar de corpo e alma na tentativa de minimizar os efeitos daquela guerra.

Passara a fazer parte de um grupo de ajuda, apolítico, que se dedicava a arrecadar alimentos e remédios, consolar e amparar famílias, além de angariar fundos para a reconstrução de moradias.

Trabalhava de forma voluntária naquela ação humanitária até 20 horas por dia, todos os dias. Sentia-se tão exausto no final de suas jornadas de trabalho que, mesmo atormentado por tantas atrocidades que acompanhava diariamente, ainda conseguia dormir profunda e tranquilamente.

Às vezes, falava agora sorrindo, não tinha forças sequer para tirar a roupa suja do corpo, adormecendo ainda vestido com ela.

John, que ouvia com absoluta atenção aquele relato, ficava ora intrigado, imaginando o que aquilo tudo tinha a ver com ele, ora admirado pelo desprendimento solidário da atitude de Ibrahim.

Concluindo aquele relato, contou-lhe que após um ano e meio daquele trabalho, sentia-se surpreendentemente bem. Resolvera finalmente retornar ao país e apaziguar-se com tudo o que desesperada e injustamente deixara para trás.

Os exames médicos a que se submetera em sua volta, para espanto geral daqueles que o trataram no início da doença, conferiam-lhe uma ótima saúde. Não havia mais quaisquer resquícios da doença que pudessem ser encontrados.

Atribuía sua milagrosa cura a diversos fatores, como: a dedicação desprendida a quem necessitava; as amizades que fizera durante o tempo em que lá esteve e a Gratidão que passara a sentir por tudo o que Deus já lhe havia concedido.

John, a esta altura bastante emocionado, olhava fixamente aquele homem à sua frente, ainda tentando entender exatamente onde ele, John, encaixava-se naquele contexto.

Ibrahim levantou-se e, caminhando até sua mesa, retirou de uma das gavetas um bloco que parecia de rascunhos, uma encadernação meio artesanal.

Voltando a se sentar diante de John, disse-lhe, apontando para aquela encadernação: “A história contada nesses seus manuscritos é comovente e pode se tornar um extraordinário livro, com um final muito feliz”, falou Ibrahim com muita convicção.

“As pessoas que trilham a estrada do sofrimento e conseguem chegar ao seu destino íntegras, puras de caráter e de coração, e ainda sensíveis às injustiças e mazelas a sua volta, fatalmente são aquelas escolhidas por Deus para ajudá-Lo.”

“A organização de que faço parte, que chamamos informalmente de Os Mensageiros, e em nome da qual o chamei aqui hoje, é formada essencialmente por pessoas que viveram e superaram experiências como essas”.

“Pessoas a quem a vida impôs grandes sofrimentos e que mesmo diante das dificuldades seguiram em frente e triunfaram. Pessoas que, como se reverenciassem ao que foram obrigadas a enfrentar, sentem agora uma necessidade ainda maior de ajudar o próximo, em especial os seus iguais; os escolhidos por Deus.”

“Não sei ao certo como o esboço de seu livro chegou às nossas mãos, mas não se esqueça de agradecer a Deus e ao seu anjo da guarda”, aconselhou Ibrahim carinhosamente.

“Agora, após esta nossa conversa e contando com meu apoio irrestrito, você conhecerá algumas dessas pessoas sobre as quais lhe falei, que o aguardam ansiosamente.”

“Nosso interesse é bastante simples: discutir as condições gerais para a edição e a publicação de seu livro.”

John ficou estático, praticamente paralisado com o que acabara de ouvir. Completamente atordoado e ainda não conseguido raciocinar sobre as consequências daquela conversa, notou Ibrahim já ao lado de sua mesa, ao telefone.

Solicitava à sua assessora que ligasse para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos e localizasse alguém com um nome estranho, que não guardara, mas a quem se referira pelo título de xeique.

Ficaram alguns minutos em absoluto silêncio, aguardando o retorno de sua assessora, quando Ibrahim atendeu ao telefone que tocara. Era o telefonema que aguardava.

Saudou calorosamente a pessoa do outro lado da linha, ou pelo menos assim acreditava John, que não sabia pronunciar sequer uma palavra em árabe, provavelmente o idioma que falavam.

Ibrahim falava alto e intercalado com sonoras gargalhadas. A cada duas ou três frases, sinalizava positivamente a John, que observava, ainda estático, aquela cena surreal.

Era descendente de libaneses, pensava John em silêncio. Seus avós por parte de pai haviam igualmente imigrado do Líbano 80 anos atrás, aproximadamente.

Nutrira durante toda a vida muito orgulho de suas origens. Admirava a valentia e a determinação daquele povo sofrido, que, num passado muito distante, formaram uma só nação.

De repente estava ali, na iminência de fazer algum negócio com aquelas pessoas, as quais, de alguma maneira, ainda que remotamente, tinham os mesmos laços de sangue que o seu.

Realmente era surreal aquela situação. Tão surreal quanto as dificuldades que enfrentava há tanto tempo, pensou, lembrando instantaneamente de seus problemas.

Ibrahim desligara o telefone e caminhava em direção a um ainda paralisado John. Esfregando as mãos uma contra a outra e com um grande sorriso no rosto, finalmente resumiu aquela conversa com apenas duas pequenas frases: “Está tudo certo. Embarcamos para Dubai na quarta-feira da próxima semana”.



O MEDO DO DESCONHECIDO

ACOMODADO NA POLTRONA DO ÔNIBUS QUE O levaria de volta para casa, John ainda não sabia como reagir ao que estava acontecendo.

Como iria para Dubai, a milhares de quilômetros de distância, se tinha dificuldades financeiras até para andar de ônibus de uma cidade a outra?

Era loucura aquilo tudo, pensava John nervoso e preocupado em como resolveria aquela situação que Suelen criara.

Havia se emocionado muito e se identificado, sinceramente, com a história de vida de Ibrahim.

Aquele pouco tempo em que estiveram juntos fora o suficiente para que demonstrassem reciprocamente suas afinidades e, certamente, pensava resignado, em condições melhores se tornariam grandes amigos.

Imaginava-se, porém, carregando diversas malas dentro de um ônibus e, em seguida, no metrô, somente com alguns trocados no bolso, a caminho do aeroporto onde seguiria para outro país.

Não, definitivamente não era possível se imaginar viajando para outro país no meio daquela tormenta que enfrentava. E ainda, como se entregaria a uma aventura dessas com aquelas pessoas desconhecidas? quais eram os reais objetivos daquela organização Os Mensageiros? Quem eram seus participantes?, questionava-se com certo receio. Por que não lhe aparecera uma pequena editora, dessas instaladas no fundo de um quintal, com uma proposta humilde e conservadora para criarem, juntos, um livro, pensava.

Durante toda a viagem, John questionava-se e antevia os obstáculos que teria de transpor se quisesse levar aquela ideia adiante.

Na verdade, sabia que omitira de Suelen o que realmente sentia quanto à possibilidade de escrever e publicar um livro. Causava-lhe a mais absoluta fascinação simplesmente poder imaginar aquela possibilidade.

Já conhecia há tempos sua paixão pela leitura, mas escrever era diferente, criativo, empolgante.

Adorara tudo o que havia experimentado no tempo em que escrevera suas lembranças: o trabalho solitário, que preferia rotular de independente; a total liberdade de realizá-lo nos momentos que lhe fossem mais prazerosos e produtivos, inclusive durante suas insones madrugadas; a liberdade de retratar os acontecimentos de acordo com seu ponto de vista, sua interpretação; a possibilidade de criar e fantasiar sobre tudo o que tivesse vontade; e, especialmente, a oportunidade de que suas mensagens pudessem atingir milhões de pessoas através de relatos com exemplos de Fé e superação.

Nunca, desde os tempos de criança, quando ainda todos os Sonhos são permitidos, voltara a sentir tamanha emoção por qualquer outra coisa que havia visto, pensado, ouvido falar ou conhecido.

E, além do mais, poderia ser pago e, quem sabe, talvez ficar famoso, conseguindo assim sua independência financeira para viver diariamente este Sonho.

Não, isso era sonhar demais, especialmente por sua idade e também pela precariedade por que passava, pensava John, enquanto o ônibus completava a viagem, estacionando na rodoviária da cidade.

**“A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras.”
Aristóteles (384-322 a.C), filósofo grego**

Descendo do táxi que o trouxera da rodoviária, na entrada de casa, como imaginara e invariavelmente sempre acontecia, deparou-se com Suelen completamente ávida pelos detalhes das novidades que ansiava conhecer.

Conversaram por horas sobre tudo o que acontecera naquele inacreditável encontro.

Suelen opinava, fazia planos e se atrevia até a prever acontecimentos futuros. Simplesmente não conseguia conter a empolgação e seu indisfarçável orgulho. Expressava-se como quem se sentisse coautora daquela incrível trama. Acabaram indo dormir muito tarde naquela noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, apesar de acordado, John, continuava na cama pensando em como resolveria aquele impasse.

Dormira muito mal devido ao calor insuportável que fazia e, principalmente, pelas preocupações que fervilhavam em sua cabeça.

Estava cansado de dormir mal, de preocupar-se ininterruptamente com sua sobrevivência e, agora, também de encontrar um meio de se desvencilhar da enrascada em que Suelen o havia colocado.

Enchendo-se de coragem diante daqueles problemas, pulou da cama e, decidido, tomou uma rápida ducha gelada. Enquanto se enxugava, decidira que voltaria a falar com Ibrahim. Mesmo sabendo que aquela atitude significaria se desviar do caminho da realização de seus Sonhos, pediria um tempo maior para que pudesse pensar e avaliar melhor tudo o que haviam conversado.

Saíra de seu escritório no dia anterior tão atordoado que, felizmente, não se comprometera com qualquer detalhe daquela viagem descabida que Ibrahim e o tal xeique combinaram.

Não teria muitas dificuldades agora para adiá-la, quem sabe até cancelando-a definitivamente, pensava um pouco mais animado com a solução que lhe ocorreria.

Não precisaria sequer lhe explicar sobre as dificuldades que passava. Evitaria assim mais essa humilhação.

Conformado com sua decisão, sentia, porém, uma dolorosa sensação queimando-lhe o peito. Era aquela crescente chama de emoção acesa em seu íntimo que, certamente, lembrava-lhe da busca por seus Sonhos e que, inadvertidamente, registrara em sua MISSÃO PESSOAL como se estivesse se apagando.

Saindo do banho, ainda pôde ouvir um último toque do telefone antes que Suelen o atendesse. Não deu importância, provavelmente era de alguma dessas empresas de telemarketing, fazendo seu incômodo serviço de cobrança.

Caminhando pelo corredor que ligava os quartos à sala, deparou-se com uma cena inusitada: Suelen, ainda de pijama e levemente descabelada, segurava o telefone na mão tampando-lhe o microfone, saltitante e muito risonha.

“É a Jamile, assessora do Senhor Ibrahim”, falou-lhe radiante.

Suelen entregou-lhe o telefone e saiu de perto, indo direto para o banheiro arrumar-se.

Sabia que John, especialmente em momentos como aquele, prezava demais a privacidade, e ela respeitava essa sua mania. Depois ele lhe contaria tudo mesmo, pensou, divertindo-se com aquela situação.

Enquanto ele falava ao telefone, vez por outra abria a porta do banheiro sorrateiramente a fim de escutar se a conversa já havia terminado.

Podia ouvir, mesmo sem entender sobre o que exatamente falavam, John argumentando, como se quisesse convencer a pessoa do outro lado da linha sobre sua opinião.

Havia se passado mais de 30 minutos quando Suelen escutou John finalmente desligar o telefone, suspirando longamente, em seguida.

Suelen, que acabara de se aprontar havia algum tempo, apenas ajeitou mais uma vez os cabelos, rumando rapidamente para a sala.

Encontrou John com uma fisionomia diferente. Estava um pouco longe, desatento, mas com um leve sorriso nos lábios.

Contou-lhe que, apesar da decisão que tinha tomado de não seguir com aquela fantasia, não havia conseguido convencer Jamile de seu propósito. Para tudo o que argumentava, ela tinha sempre a solução.

Explicara-lhe que todas as despesas da viagem, com hotel, refeições e deslocamentos, seriam pagas pelo escritório. Mandariam, ainda, um carro com motorista já no dia seguinte, para que pudesse obter o visto de entrada no país. Lá, um de seus representantes, com pleno trânsito no consulado, o aguardaria para agilizar as providências. No dia da viagem, novamente, o motorista o apanharia em casa, levando-o até o aeroporto, procedendo da mesma forma quando retornassem.

John, agora falando calmamente, porém com firmeza e convicção, finalmente cedera aos seus Sonhos. Iria sim viajar para Dubai.

Comemoraram muito aquela decisão e fizeram juntos muitos planos para o futuro.



OS MENSAGEIROS

OS DIAS QUE SE SEGUIRAM FORAM MUTTO AGITADOS para John e também para Suelen.

John cuidava da obtenção do visto, da preparação do esboço com algumas ideias que tinha sobre o livro e, no pouco tempo livre que lhe sobrava, pesquisava tudo o que podia encontrar sobre organizações secretas e misteriosas, como Os Mensageiros de que Ibrahim falara.

Suelen separava e arrumava as roupas, sapatos, malas e tudo mais que ele pudesse precisar em sua importante viagem.

O ambiente na casa e mesmo entre eles havia mudado completamente. Estavam alegres, dispostos e esperançosos.

Acreditavam fielmente que os dias melhores com que tanto sonharam e que pediram aos céus com tanta sinceridade e devoção finalmente haviam chegado.

Um detalhe em especial os incomodava: a casa cheia de pedreiros e o engenheiro que os comandava.

O novo proprietário aceitara, integralmente, as reformas propostas pelo engenheiro, as quais, pelo menos em parte, eram formadas pelas extensas listas de pendências e de desejos de John.

Agora, no meio daquela confusão, assistiam a um verdadeiro festival de marteladas, homens trabalhando, caminhões de materiais entrando e saindo a toda hora, enfim, a tranquilidade de outrora não existia mais.

E o pior, pensavam silenciosamente, não seriam eles que desfrutariam daquele lugar ainda mais paradisíaco quando a reforma acabasse.

Os dias passavam rapidamente e não havia tempo para ruminar o passado, aprendera John.

Procurando abster-se daquela confusão, concentrava-se totalmente em construir o melhor esboço possível para seu livro.

Finalmente o dia da viagem chegara e, em alguns minutos, o motorista de Ibrahim viria apanhá-lo.

Por um instante lembrou que não fornecera seu endereço para Jamile e nem mesmo para Ibrahim, entretanto, seu motorista o encontrara quando haviam ido obter o visto.

Suelen, com sua doce ingenuidade, certamente o colocara nos arquivos que enviara às editoras, pensou John, observando os últimos pedreiros se lavando para finalmente voltarem para casa e descansar.

Sentiu naquele momento uma profunda inveja daqueles trabalhadores simples. Deveria ser muito bom trabalhar duro o dia todo e, exausto, retornar para casa com a consciência e o espírito leve para apenas descansar.

Nada de viagens, de negócios mirabolantes sobre coisas que você nunca fez na vida, com gente que não falava sua língua e ainda com outros costumes, pensava John silenciosamente, enquanto fumava.

Quando começa a luta do homem consigo próprio, ele vale alguma coisa. Robert Browning (1812 – 1889), poeta e dramaturgo inglês

Já muito bem vestido e pronto, aguardando apenas sua hora de partir, avistou o luxuoso carro que o apanharia estacionar na porta de casa.

Despediu-se carinhosamente de Suelen, agora pela terceira vez desde que se aprontara.

Beijaram-se longamente, com as lágrimas escorrendo-lhes pela face, caminhando a seguir em direção ao carro que levaria John ao aeroporto.

Durante a viagem até o aeroporto, que normalmente durava quase duas horas, John ainda tentou especular sobre o escritório, a tal organização de que Ibrahim falara e tudo mais que o motorista pudesse lhe contar. Desistiu, porém, após duas ou três tentativas diante de um funcionário muitíssimo bem preparado, que se esquivava elegantemente e de forma sempre muito educada de responder às suas perguntas.

Já no aeroporto, encontrou Ibrahim ansioso por sua chegada. Passaram pelo check-in e foram em seguida tomar um café, tentando fazer passar mais rapidamente aquela hora que os separava da viagem.

Ibrahim estava muito alegre e bastante relaxado. Parecia-lhe uma pessoa ainda melhor do que aquela que conhecera no escritório.

Falava, gesticulava e, como na primeira vez em que se viram, continuava tratando-o com muito carinho e respeito.

Após uma hora e meia de espera, finalmente agora estavam devidamente acomodados em luxuosas poltronas da primeira classe daquele enorme avião.

Após aquela angustiante sessão de instruções sobre os procedimentos de segurança em caso de acidentes, feita por comissários e aeromoças, e que sutilmente remete o pensamento de todos a bordo, inevitavelmente, ao pior, criando uma atmosfera de tensão e nervosismo, finalmente levantaram voo.

Decorrido algum tempo de viagem, agora com o ambiente entre os passageiros e os tripulantes da aeronave, descontraído e bem mais relaxado, enfim iniciaram o serviço de bordo.

A comissária servia as bebidas que antecederiam o que deveria ser um lauto jantar, pensava John, enquanto tomava sua segunda dose de whisky, sem gelo, como de costume.

Não gostava nem um pouco de aviões, já considerava Ibrahim seu amigo, era noite e não estava trabalhando, portanto hoje podia e iria beber, continuava a pensar.

Ibrahim, ainda mais à vontade, talvez por conta do vinho que saboreava, interrompeu o silêncio: “Pode ficar à vontade, pergunte-me o quizer saber sobre o que ainda não tive oportunidade de lhe explicar”.

O motorista contara-lhe sobre suas especulações, tinha certeza agora, pensava John embaraçado com aquela situação.

Fingindo não estar surpreso com o comentário, acomodou-se confortavelmente na poltrona e, aproveitando a oportunidade de questioná-lo sobre todas as suas dúvidas, falou: “Logo após nos conhecermos e, especialmente, a partir do momento em que decidi que viajaria a Dubai, levando assim adiante a ideia de publicar um livro, confesso que estava muito intrigado sobre tudo o que conversamos em nosso primeiro encontro, notadamente a respeito da organização da qual você faz parte”.

“Nos dias que antecederam esta nossa viagem, pesquisei exaustivamente tudo o que pude encontrar sobre algumas organizações, em especial aquelas que não são muito conhecidas pelo público em geral, portanto, classificadas como secretas. Sou obrigado a admitir-lhe que fiquei estarecido com boa parte daquilo que li.”

Ibrahim, visivelmente interessado naquele assunto e percebendo o incômodo que as dúvidas causavam-lhe, incentivou-o a prosseguir, pedindo: “Fale-me sobre o que encontrou e o que realmente o preocupa”.

E John continuou: “Encontrei uma quantidade infindável de material, aparentemente, fundamentado em pouquíssimas e também questionáveis versões sobre as origens e as ideologias de muitas dessas

Illuminati

organizações. Li as opiniões de gente comum, jornalistas, consultores, autores de livros e filmes, religiosos de diversas crenças, enfim, todo tipo de pessoas que se autointitulavam ‘entendidas’ nesse tema. A primeira impressão que tive, talvez pela facilidade de disseminação proporcionada pela internet, foi que o assunto é tratado, via de regra, como se fosse um boato, uma ficção se propagando sem controle na interpretação das mais diversas pessoas que propuseram a tentar prová-los”.

“De forma geral, resumida, as organizações secretas sobre as quais pesquisei, foram, os Illuminati, a Maçonaria e outras com características similares. As opiniões e descrições veiculadas nessas matérias, praticamente unânimes, atribuem o surgimento dessas instituições por volta do ano 1.700 d.C., embora algumas façam referências a períodos ainda mais distantes, como a Idade Média e, contrariamente àquilo que narram sobre o que se tornaram posteriormente, foram criadas para oferecer uma alternativa de transformação e evolução da sociedade que trouxesse benefícios à vida das pessoas.”

“Com o passar do tempo, contudo – falava John, observado atentamente por Ibrahim –, haviam se transformado em entidades manipuladoras, com objetivos escusos e egoístas como, a título de exemplo, dominar o mundo impondo uma única religião e um único governo à sua população. Dentre os vários objetivos maquiavélicos que cultivavam, um dos mais citados, muitas vezes como o mais importante deles, seria a aniquilação da Igreja Católica e a preparação para a suposta chegada de um anticristo”.

Ainda segundo o material que obtivera em sua pesquisa – sempre sem comprovação científica ou documental alguma, frisava John a todo o momento –, seus membros e seguidores, que eram pessoas influentes econômica e politicamente, como banqueiros, empresários, artistas e políticos de altíssimo escalão – determinadas fontes apontavam até presidentes de alguns países como pertencentes a essas organizações –, desenvolviam rituais satânicos e pregavam uma nova ordem mundial.

Acusavam-os, mesmo que sem provas, de serem os verdadeiros responsáveis por grandes tragédias como a Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, pela onda de atentados terroristas que eclodiram nos Estados Unidos e na Europa, para se concentrar em apenas dois desses acontecimentos.

Finalizando seu relato, John, não conseguindo esconder o constrangimento que sentia, confidenciou a Ibrahim que suas pesquisas o haviam rememorado, ainda, de outras constatações não menos vergonhas: “Mesmo a história verídica, que nos tempos atuais está fartamente

documentada, de instituições mundialmente conhecidas e que existem há milhares de anos, como é o caso da própria Igreja Católica, relatam os acontecimentos sombrios de sua existência”.

John se referia à igreja fundada por Pedro a mando de seu mestre e filho de Deus, Jesus, que tantas atrocidades e desvios cometera, quase sempre justificadas por seus responsáveis pelo cumprimento de sua missão divina.

Seu desapontamento era – agora que procurava desesperadamente recuperar a Fé que perdera, e a igreja que Pedro criara oferecia-lhe um caminho para reencontrá-la – constatar que, assim como as organizações secretas que pesquisara, a entidade que pregava a palavra de Deus e na qual confiava também tinha profundas feridas abertas em sua história.

Como separar, pensava John aturdido, a igreja da caridade, da ajuda aos pobres e do louvor às palavras de Deus da outra face da mesma igreja, aquela responsável pela perseguição e matança dos que ela própria intitulava como bruxos e infiéis, da associação ou, no mínimo, omissão diante de governos que devastaram nações e até de casos de seriíssimas degradações morais, como a exploração sexual, envolvendo inclusive crianças, que a todo momento eram noticiados pela mídia e que a própria igreja, sem saída, acabava por confirmá-los, ainda que os condenasse.

John preocupava-se com aquelas indagações que, um dia, contribuíram por distanciá-lo da religião e que, de alguma forma, haviam também minado-lhe a Fé. Presenciara incontáveis vezes acaloradas discussões entre amigos, familiares e até mesmo entre estranhos, quando muitos justificavam sua abstenção religiosa pelas mazelas de padres, pastores e outras figuras representativas de diversas crenças.

Finalmente, confuso e desorientado com todos aqueles questionamentos, suplicou: “Por favor, Ibrahim, conte-me tudo sobre Os Mensageiros”.

Ibrahim, com o semblante de quem estivesse bastante surpreso, porém, ao mesmo tempo, satisfeito pela curiosidade de John, olhou disfarçadamente para os lados enquanto tomava mais uma taça de vinho, a fim de se certificar da privacidade daquela conversa. Não que precisasse manter em sigilo o que conversavam, mas sabia que não era o local e muito menos o momento apropriado de estender uma discussão como aquela a outros passageiros do avião.

Em seguida, ajeitando-se calmamente na poltrona, começou a discorrer sobre o que sabia, fazendo ainda algumas observações que julgava importantes que John levasse em consideração.

“Você precisa compreender, John, que todo e qualquer grupo ou entidade, seja qual for seu tamanho e propósito, é formado por pessoas. E as pessoas, infelizmente, erram.”

“Analisemos o caso da igreja que você citou: quantas pessoas ao longo da história ela já confortou? Quantos pobres e desamparados não foram acolhidos por ela? Quantas almas não foram salvas pela pregação da palavra de Deus que ela pratica diariamente em milhões de templos espalhados pelo mundo? Quanto representam os males que a igreja certamente cometeu comparado à luz que ela continua a emanar para a humanidade?”

“Ao longo da história, milhares de sociedades foram criadas na tentativa de melhorar as condições de vida de nossa espécie. Algumas eram formadas por cientistas e estudiosos, outras por pessoas humildes e, muitas vezes, sem instrução, mas, com raríssimas exceções, todas buscavam um caminho que aliviasse os sofrimentos e as dificuldades das pessoas, melhorando assim suas vidas.”

“Porém, como nós próprios individualmente, muitas vezes essas entidades se perdem no rumo do cumprimento correto de suas atribuições. Veja, por exemplo, o caso de governos e governantes. Quantos governos, mesmo aqueles sob o manto de sistemas justos, como a democracia, não são impregnados e apodrecidos pela corrupção, traindo completamente seus objetivos e impondo toda sorte de injustiças e sofrimentos a seus povos?”

“Por conta daqueles que são mal intencionados, cretinos e corruptos, seria sensato admitirmos a extinção de todos os governos? Seria possível que existisse uma nação sequer sem governo? Quem faria e cumpriria as leis? Quem cuidaria das questões que disciplinam a convivência entre as pessoas?”

“Outro aspecto que devemos considerar – continuava falando Ibrahim – é a época em que ocorreram esses eventos. É insensato admitir que, num período em que a Igreja perseguia cientistas, acusando-os de heresia pelas pesquisas e descobertas que faziam, muitas vezes condenados à morte, surgissem grupos determinados a combater aquele estado de coisas?”

“Ou ainda, na época em que muitos países, especialmente na Europa, eram governados por reis e príncipes que impunham através da força sua crença de que tudo lhes pertencia, inclusive o povo, escravizando-o e usurpando-lhe, que não houvesse homens capazes de lutar sonhando em destituí-los? Que o povo não clamasse por uma nova ordem?”

“Volto a lhe frisar: as sociedades são formadas por seres humanos e os humanos erram! A única premissa fundamental que as pessoas

pertencentes a um grupo, qualquer que seja seu propósito, deveriam se fazer constantemente como forma de se certificar que estão na direção correta, que é aquela que Deus espera de cada um de seus filhos é: no meio em que vivemos, somos indiferentes, fazemos o bem ou prejudicamos as pessoas? A resposta a esta pergunta esclarecerá a cada um de nós se nossa existência e a dos grupos a que pertencemos são divinas ou diabólicas.”

“No nosso caso, especificamente, Os Mensageiros são uma entidade essencialmente voltada a ajudar o próximo. Sua formação e seus objetivos são incomuns, diferentes de tudo o que você possa imaginar.”

Era formada basicamente por uma rede de pessoas que, em sua maioria, tinham sido tocadas por uma inspiração divina ou que haviam recebido em algum momento crucial de suas vidas uma extraordinária e inesperada ajuda.

Eram pessoas que, por conta de retribuir a ajuda que receberam e especialmente pelas lembranças das enormes dificuldades que um dia enfrentaram, definiram como um dos propósitos de suas vidas estarem permanentemente dispostas e prontas a estender a mão ao próximo.

Pessoas que sabiam, pelo exemplo de suas próprias vidas, que só assim fora possível sobreviver.

Pessoas que acreditavam que a perda da Fé, independentemente do Deus de cada um, aniquilava definitivamente qualquer chance de recuperação. Pessoas que nutriam Gratidão pela segunda oportunidade que a vida lhes dera e que a expressavam na forma de ajuda anônima, desprendida e indiscriminada.

Alguns supunham que sua existência datasse da Segunda Guerra Mundial, quando fora criada na tentativa de amenizar os efeitos daquela tragédia nas vidas das pessoas. Outros, porém, enxergavam seus feitos através dos séculos, acreditando que suas ações remontavam à Idade Média.

De qualquer forma, afirmava Ibrahim, nenhuma das suposições poderia realmente ser comprovada.

Não mantinha registros de onde e nem como atuara, muito menos das pessoas que dela participaram.

Não tinha, como uma empresa ou uma organização não governamental, razão social, sede e nem mesmo um estatuto a ser seguido.

Nela não havia hierarquia como chefes, diretores, presidentes ou mesmo subalternos. Todos eram rigorosamente anônimos e iguais no cumprimento das obrigações que um dia aceitaram.

Era ainda, em essência, absolutamente apolítica, anônima e informal. Não preconizavam por uma ou outra religião, aceitando-as

indiscriminadamente. Não se opunham, muito menos conspiravam, contra qualquer governo ou entidade política, civil ou religiosa.

A forma com que seus membros dedicavam-se a ajudar era ainda mais peculiar e muitas vezes praticamente invisível. Suas ações eram capazes de mobilizar rapidamente numerosos contingentes, prestando socorro às vítimas de grandes tragédias e desastres naturais, como o furacão Katrina nos Estados Unidos, os tsunamis na Ásia, as guerras no Iraque e no Afeganistão e também no atentado às torres gêmeas em Nova York.

Outras vezes seus membros agiam solitariamente ou, ainda, em pequenos grupos. Praticavam suas ações em ajudas de pequenas proporções ou até mesmo individuais, como quando alguém ou uma família se encontrava em uma situação desesperadora diante de problemas financeiros, uma grave doença ou de uma perda irreparável, por exemplo.

A única condição básica que aceitaram seguir era a de ajudar o próximo, independentemente do que isso significasse em cada situação. Poderia ser uma ajuda material, como dinheiro, ou um consolo, uma oportunidade, enfim, qualquer ação ou atitude que se prestasse a auxiliar o próximo.

Ibrahim a conhecera e dela se tornara um membro durante o tempo que ajudara as vítimas da guerra na Palestina.

John, tocado pelas palavras de Ibrahim, não tinha mais dúvidas ou perguntas que ainda quisesse fazer. Na verdade, ainda tinha algumas poucas, mas que não ousara fazer, com medo de “quebrar o cristal” de seu relacionamento com Ibrahim e consequentemente de seus Sonhos, como: Por que ele estava ali? Havia sido ele, por algum motivo, escolhido para integrar Os Mensageiros? E Por quê?

A bebida e o requintado e delicioso jantar já lhe faziam efeito, e o melhor era aguardar os acontecimentos, pensava John, agora sonolento, quase dormindo. Finalmente, após mais algumas horas de voo, desembarcaram tranquilamente em Dubai.

O calor que fazia ao sair da aeronave era diferente de tudo o que já experimentara. O suor simplesmente secava antes que pudesse escorrer pelo corpo.

Felizmente o trajeto entre o avião e o táxi, que já os aguardava, era muito pequeno, e logo estavam novamente confortavelmente acomodados, agora num Mercedes-Benz último tipo, dirigido por um elegante motorista todo uniformizado.

No curto trajeto que fizeram até o hotel, John deslumbrava-se com a beleza e a modernidade daquele lugar. Estava tão fascinado com o que via

que, em alguns momentos, esquecera de prestar atenção no que Ibrahim, já acostumado com aquele verdadeiro oásis, falava.

Dubai era realmente uma cidade maravilhosa, pensava John, tentando gravar na mente cada detalhe do que, afoitamente, procurava observar. Parecia uma miragem saída de um conto d'*As mil e uma noites*.

Espremida entre o deserto de um lado e o imenso oceano do outro, expandia-se, simplesmente ignorando todos os seus limites, para ambos os lados.

No lado do deserto, as inúmeras obras e seu crescimento acelerado tornavam-na linda, moderna e plenamente habitável. No lado do oceano, os inacreditáveis aterros sobre o mar e aquelas indescritíveis construções, simplesmente faraônicas, abusavam de um incrível mar azul como uma decoração especial. Suas avenidas eram extremamente largas e espaçosas, cobertas por um asfalto absolutamente novo e rigorosamente demarcadas.

Além de largas e espaçosas, sua avenidas eram também muito limpas. Não havia papéis, embalagens, garrafas ou qualquer outro vestígio de lixo em qualquer uma delas.

Para qualquer lado que se olhasse, havia uma grande variedade de plantas e árvores. Palmeiras imperiais dividiam as avenidas em enormes e bem cuidados canteiros.

Podia-se observar fartura e prosperidade para todos os lados que se olhasse. Não havia, em todo o trajeto que fizeram, pedinte, mendigo, criança de rua ou qualquer outra evidência de degradação humana como, infelizmente, se acostumara a ver rotineiramente pelas ruas de seu país .

Os carros que circulavam silenciosamente pelas suas largas avenidas, eram, em sua grande maioria, de modelos sofisticados e muito confortáveis, e, sem exceção alguma, sempre novos e impecavelmente limpos e reluzentes.

Os prédios eram, em praticamente toda sua totalidade, muito altos e imponentemente envidraçados. Muitos deles exibiam ousados e diferentes formatos, comprovando a utilização de uma moderníssima arquitetura. Dentre todos, o que mais se destacava era um portentoso edifício que simulava, com indescritível perfeição, um barco a velas. Era o famoso e luxuosíssimo hotel Burj Al Arab.

Outro sem número de prédios sendo erguidos num frenético ritmo de construção instigavam seus visitantes a imaginá-los prontos com seus inusitados desenhos.

John, extasiado com toda aquela exuberância que boquiaberto observava, pensava em quanto o mundo ainda precisava e podia caminhar em sua evolução.

I l l u m i n a t i

Instalaram-se num luxuoso hotel, do tipo daqueles prédios envidraçados e arredondados que há pouco haviam-no maravilhado.

Ibrahim, agora aparentando cansaço pela viagem, despediu-se, recomendando que descansasse e aproveitasse aquela noite para regular seu organismo com a diferença do fuso horário.

Lembrou-lhe ainda de que a reunião com o xeique Boutros Hussein aconteceria no dia seguinte, pela manhã.

Combinaram de se encontrar logo cedo no café da manhã.



OS PLANOS DE DEUS

O SONO, QUE NUNCA FORA UMA COMPANHIA MUITO constante na vida de John, naquela noite mantinha a rotina e teimava em não aparecer.

Deitado naquela cama, cujo tamanho era digno de acomodar um harém, rolava à vontade sem que, contudo, conseguisse dormir.

A visão do 20º andar em que estava contribuía para a insônia. A vista de toda a cidade e também do mar era, literalmente, estonteante.

Já ligara para Suelen, tranquilizando-a de que chegara bem. Revisara ainda todos os seus manuscritos, com medo de se esquecer de algum detalhe importante. Rezara também todo o seu repertório de Orações. Não adiantava, o sono continuava teimando em não visitá-lo naquela noite.

Pensava em tudo o que lhe acontecera até chegar ali. Corria-lhe pela mente, como numa sucessão de imagens, inúmeros momentos de sua vida, seus adoráveis pais e avós, seus irmãos, seu primeiro emprego, a empresa que construía, os antigos amigos, os ex-sócios, as dificuldades que enfrentava, seus amigos mais que irmãos de sangue e sua maravilhosa Suelen.

Lembrou-se ainda, agora com mais detalhes, da luz que lhe aparecera à qual, o único Milagre que conseguia atribuir era o de despertá-lo. Despertá-lo para a busca de respostas sobre sua Fé e Religiosidade, sua Gratidão e especialmente de seus Sonhos.

Respostas que sabia, agora, nunca estiveram prontas e à sua disposição em lugar algum, mas que somente se revelaram após um intenso e profundo mergulho dentro de si mesmo.

Com sua imaginação vagando solta, assustou-se com um enorme clarão que, de repente, iluminou o quarto e tudo a sua volta.

Instantaneamente, a figura de Dona Olga surgiu-lhe a frente.

Seu semblante era calmo e, sentada à beira da cama, repetia carinhosamente o que lhe falara antes: “Precisamos muito saber o que Deus espera de nós, qual é a missão que ele nos reservou, nos designou. Por isso,

devemos tanto seguir nossos Sonhos, que são a manifestação mais autêntica daquilo que Deus idealizou para nossa vida”.

“Quem não estiver utilizando os dons que lhe foram concedidos, não estará trilhando os passos que Deus planejou para cada um de nós e não conseguirá a paz e a realização plena. Sua existência, cedo ou tarde, será marcada pela dor e pelo sofrimento.”

“Busque, meu filho, primeiramente entender o que Deus planejou para sua vida, satisfaça-O e também estará satisfazendo a si próprio. Dedique-se com afinco para contribuir com todos a sua volta de acordo com o seu dom, e o reino dos céus, misteriosamente, desabrochará em sua vida, aqui mesmo na Terra.”

John, agora bastante emocionado, sentia um suor gelado correr-lhe a face.

Inesperadamente, o estridente toque de despertar de seu celular acordou-o bruscamente. Acordou feliz por aquele sonho. Acostumara-se a sonhos e vozes a lhe povoar a mente e, agora, os apreciava, acreditando que eram os sinais que Deus usava para orientá-lo.

Estava excitado pelo que aquele importante dia lhe reservara. Barbeou-se, tomou um relaxante banho quente e, vestindo-se, desceu para o café com Ibrahim.

Do elevador panorâmico onde estava podia contemplar o interior do hotel. Arredondado, observava muito lá embaixo, enquanto descia, uma recepção formada por diversos ambientes, magnificamente decorados. O dourado e as enormes vidraças espalhadas por todos os lados conferiam-lhe um ar de extrema modernidade. Chamou-lhe a atenção a diversidade do público que circulava por todo o hotel. Homens de terno e gravata e mulheres vestindo discretos *tailleurs* contrastavam com túnicas, turbantes e burcas.

Encontrou Ibrahim ansioso na recepção, aguardando-o para o café.

Durante todo o café, aguardou pacientemente que Ibrahim lhe desse todas as coordenadas da reunião que se aproximava. Ele, porém, parecia preocupado apenas com as iguarias daquela enorme e farta mesa de doces e salgados.

Acabada aquela verdadeira epopeia gastronômica, finalmente questionou-o sobre os detalhes do que discutiriam na reunião. Queria saber também como deveria se comportar, afinal, nunca tratara com um xeique em suas andanças.

Ibrahim aconselhou-o a se portar naturalmente, falar religiosamente a verdade sobre tudo o que o xeique o indagasse, evitar gírias e nunca, absolutamente nunca, falar qualquer tipo de palavrão.

John preocupou-se mais com a última parte. Os palavras faziam parte de seu vocabulário e até criara alguns inéditos. Teria que se policiar o tempo todo.

Entraram no carro que Ibrahim alugara e rumaram para a reunião. John agora estava nervoso, preocupado. Sentia-se como se fosse participar do momento mais decisivo de sua vida, como alguém que caminhava sobre uma estreita ponte entre a força e a absolvição, entre o céu e o inferno.

Se as coisas corressem bem, o céu significaria que seus dias de sofrimento e aflição poderiam estar próximos do fim. Se, no entanto, fosse o inferno seu destino, nesse caso, então, era melhor não pensar nisso agora, decidiu John.

Ibrahim parou em frente a mais um daqueles indescritíveis prédios e orientou John que o esperasse na recepção, enquanto estacionava o carro.

John caminhava solitário por uma extensa entrada que ligava a rua até a recepção do prédio, quando, observando os detalhes da construção, pôde observar um homem olhando-o fixamente através do vidro de um dos andares mais baixos.

Como a seguir seus passos, continuou ali, observando-o, até que seu ângulo de visão não mais fosse possível. Conseguiu reparar que o homem deveria ter certa idade e que usava um turbante limpidamente branco com detalhes em um vermelho traçado.

Assim como estranhamos suas vestes e até suas feições e costumes, eles também nos estranham, pensou John cada vez mais ansioso.

Ibrahim chegou logo em seguida à recepção. Foram anunciados e subiram para a reunião. John ainda observou, como sempre fazia à época em que fora vendedor, o nome de diversas importantes empresas no painel ao lado do elevador. Notou que aquele enorme edifício abrigava multinacionais de diversos setores, como de automobilístico, telecomunicações, siderurgia e petróleo, além de bancos e outros serviços financeiros de todas as partes do mundo.

Ibrahim continuava tranquilo e sereno. Causava a impressão de que já fizera sua parte e que, naquele momento, o acompanhava por simples cortesia.

John, ao contrário, sentia a ansiedade e o nervosismo crescendo a cada andar que o elevador galgava. Tinha a perfeita consciência da importância daquele encontro.

Aproveitou aqueles poucos segundos para uma última prece, emocionando-se com uma profunda sensação de paz. Tinha certeza de que agora, como sempre, estava tudo nas mãos de Deus.

O elevador abriu-se e um homem ainda muito jovem aguardava-os na porta. Muito educado e prestativo, cumprimentou-os, indicando-lhes que o seguissem.

John notou, com certo incomodo, que o andar pertencia a um enorme conglomerado financeiro, talvez o primeiro ou o segundo no ranking global, pensou.

Não gostava de bancos. Estavam sempre dispostos a facilitar a vida de quem não precisasse de seus serviços e igualmente sempre dispostos a virar as costas para quem deles muito necessitasse.

Caminharam por aquele enorme e luxuoso corredor, deixando para trás, para sua alegria e surpresa, a entrada do banco e dirigindo-se a uma última sala, no fundo.

A porta da sala levava a uma pequena recepção, vazia. O rapaz, pedindo gentilmente que se sentassem enquanto aguardavam, entrou por uma das portas que adentrava a outros ambientes.

Enquanto esperavam, John pôde observar que o ambiente era bastante parecido com o escritório de Ibrahim, sóbrio, porém requintado.

Antes que pudesse reparar nos detalhes, o rapaz abriu uma das portas, diferente daquela que usara, indicando que entrassem.

A visão que John teve da sala era inquietante, para dizer o mínimo. Era bastante ampla e tinha ao menos três ambientes. Um deles, o que mais lhe chamara a atenção, exibia em uma de suas paredes inúmeros monitores ultrafinos, provavelmente de plasma ou LCD, transmitindo diversos canais de notícias e cotações dos mercados financeiros mundiais.

Apesar da sofisticação daqueles monitores e seus noticiários, as enormes almofadas coloridas e o despojo do restante de sua ornamentação davam-lhe um ar de tenda, como aquelas montadas no deserto.

O que mais lhe prendera a atenção, porém, era um desenho em alto relevo na lateral de onde ficavam os monitores. Ocupando praticamente toda a parede, exibia uma enorme e grossa cruz vazada ao meio. Ao fundo, simulando uma luz esbranquiçada muito forte, como um sol no momento em que se desvencilha das nuvens, projetava seus raios por todos os lados, como que a iluminá-la. Era o mesmo símbolo que vira no anel de Ibrahim, certificava-se John, tentando observar-lhe a mão.

O outro canto da sala era muito diferente. Uma suntuosa mesa de vidro, combinando com tudo a sua volta em aço escovado, atribuíam-lhe um ambiente mais sério e formal.

Acabaram sentando-se no último ambiente, onde havia apenas confortáveis cadeiras de couro, muito macias, com uma pequena mesa de centro.

Ibrahim agora também estava mudado. Continuava com aparência serena, porém seu semblante era sério e não mais conseguia esconder a ansiedade.

John, observando tudo ao seu redor, notou a maçaneta de uma das portas girar lentamente, como se anunciasse a entrada do xeique, quando, percebendo que ao seu lado Ibrahim já se levantara, pôs-se em pé rapidamente.

Um longo arrepio correu-lhe a espinha, ao ver que o xeique era o homem que o acompanhara com os olhos na entrada do prédio. Não tinha dúvidas, era ele mesmo.

Cumprimentaram-se e John alegrou-se com a forma com que o xeique segurara sua mão. Apertava-a com sua mão direita enquanto a cobria com a esquerda, mostrando-lhe apreço e carinho.

Ficou ainda mais feliz ao constatar que ele falava seu idioma, ainda que com alguns erros e um forte sotaque. Detestaria ter aquela conversa através de um intérprete, mesmo que fosse Ibrahim, pensou John um pouco mais tranquilo.

O xeique, mais velho do que lhe aparentara pelo vidro, expressava-se de forma bondosa e humilde, contrastando à ideia de arrogância que erroneamente fizera.

Conversaram durante algum tempo sobre seu encantamento pelas belezas de Dubai. John estranhou sua preocupação quanto ao futuro da construção daquele lugar dos Sonhos, com toda aquela suntuosidade.

Explicou-lhe o xeique, detalhadamente, que a grave crise que se abatera sobre os mercados financeiros mundiais também abalara suas estruturas. O financiamento para sua continuidade e manutenção ficara seriamente comprometido e vislumbrava dias difíceis pela frente.

Sempre sério e formal, o xeique agora mudara radicalmente a conversa e seu interesse passara a ser sobre a vida e os planos de John.

Ibrahim permanecia atento e quieto, como se a conversa não lhe dissesse respeito. Raramente intervia, somente nas ocasiões em que esclarecia uma palavra ou expressão com a qual o xeique demonstrava alguma dúvida ou estranheza. O xeique indagava-lhe sobre seu casamento, sua família, seus amigos e os negócios em que trabalhara.

Ouvia tudo que John lhe contava de forma serena e sempre muito atenciosa. Vez por outra acenava a cabeça afirmativamente, como quem concordasse com o que falava.

John pensava rápido enquanto falava, tentando imaginar uma forma de conduzi-lo sutilmente a conversarem sobre a ideia do livro. Pelas

perguntas que fizera, estava claro que o xeique desconhecia totalmente seu manuscrito e, conseqüentemente, também seu passado.

O xeique, porém, mostrava-se muito hábil, provavelmente por seus muitos anos de experiência, e direcionava as perguntas de acordo com seu interesse, frustrando as intenções de John.

A certa altura da conversa, inesperadamente, o xeique surpreendeu-lhe. Olhando-o fixamente, questionou-lhe sem cerimônias: “E a luz que o senhor presenciou, como era? Por favor, conte-me em detalhes”.

John, absolutamente surpreendido pela pergunta, recriminava-se silenciosamente por deixar-se enganar pelo xeique. Era óbvio, agora, que ele tinha conhecimento de suas anotações.

Fingindo normalidade, contou-lhe o que havia acontecido. O clarão, as cores, a intensidade da luz e a falta de qualquer evidência do que e de onde era ela.

O xeique, até então atento ao seu relato, virou-se apenas para Ibrahim e, com um largo e satisfeito sorriso que lhe cobria toda a face, pronunciou alguma coisa em árabe.

Ibrahim, balançando a cabeça afirmativamente, como se concordasse, repetiu-a novamente, também em árabe, parecendo confirmar o que ouvira.

Sorrindo e observando a reação incrédula de John, que nada entendera, Ibrahim traduziu-lhe: “Os sinais!”.

Os sinais, de acordo com o que pacientemente lhe explicaram em seguida, era a forma como Deus despertava nas pessoas a necessidade urgente de mudar e reencontrar seus caminhos.

Acreditavam que as pessoas que se encontravam em grandes dificuldades e que, por conta desse sofrimento abandonavam suas crenças, sua Fé e até suas Orações, passavam na verdade por um processo de provação e já sabiam, inconscientemente, podendo até mesmo pressentir em seu íntimo, que chegara a hora de mudar.

Porém, inebriadas pelos sentimentos de rancor e mágoas, prostravam-se de medo e, deprimidas, muitas vezes abandonavam sua busca, seus Sonhos e sua felicidade.

“Você certamente conheceu muitas pessoas assim durante sua vida. Esforce-se um pouco que elas surgirão aos montes em sua lembrança”, disse-lhe o xeique.

“Quantas pessoas que, não obstante serem cultas, bem informadas, capacitadas e muitas vezes possuírem ótimos diplomas e belos currículos, continuavam a desperdiçar suas vidas com ressentimentos do passado?”.

“A Fé, porém, por mínima que seja, muitas vezes salva a vida das pessoas sem que elas se apercebiam disso.”

“Se tiveres Fé, que ela seja mesmo do tamanho de um grão de mostarda... nada será impossível para ti”. (Mateus 17:20)

“Deus nunca erra. Muitas vezes Ele até permite que enfrentemos o sofrimento. Testa assim nossa lealdade, ao mesmo tempo em que nos concede a oportunidade de refletir sobre nossos atos. Somente quando conseguirmos extrair as lições que os sofrimentos provocam é que poderemos superar as provações.”

“O sinal que Deus enviou-lhe foi a luz. Foi através de seu despertar provocado por aquele fenômeno que você está aqui hoje.”

“Muitos de nós receberam sinais iguais a esse, inclusive eu próprio”, falou-lhe o xeique.

John sentia-se profundamente tocado com o que ouvira. Empolgava-lhe a ideia de que recebera “sinais”, igualando-o a outras pessoas importantes e bem-sucedidas.

“Uma das empresas que controlamos edita e publica livros em todos os países do mundo. Quero propor-lhe algumas condições para que possamos publicar seu livro”, disse-lhe o xeique.

John, que já começava a acreditar que seus problemas haviam chegado ao fim, preocupou-se com o termo “condições” que ouvira. Sabia que os árabes eram excepcionais negociadores desde a Antiguidade e temia as condições que lhe seriam impostas.

“A primeira condição é que você trabalhe arduamente em seu roteiro e produza um livro contando todas as passagens por que passou, por mais doloridas e humilhantes que possam parecer. Queremos que as pessoas que irão lê-lo saibam das dificuldades por que passou, da provação que teve de suportar e de sua luta para superá-las. Seu livro deverá transmitir uma mensagem forte, bonita e autêntica de superação pela Fé”, frisou-lhe o xeique.

John já estava pronto a concordar quando resolveu aguardar o restante das condições para se pronunciar. Era mais prudente agir assim nessas ocasiões.

“A segunda condição é que concorde em aceitar o título que nós escolhermos para o livro.” Sem pausa, continuou: “A terceira condição é você aceitar o que nós propusermos a lhe pagar pelo livro, sem negociação”.

John arrepiou-se na poltrona. Sua ascendência era libanesa, de forma que sempre se considerou um exímio negociador. As duas primeiras exigências não o incomodavam nem um pouco, mas a terceira, definitivamente não aceitaria.

Ninguém na face da Terra com um mínimo de inteligência aceitaria aquela proposta, pensou irritado com o iminente final infeliz para seus Sonhos.

Resolveu aguardar o final das condições para finalmente recusá-las. E mais, o faria da forma mais veemente possível. E se, ofendidos por sua negativa, eles resolvessem não pagar a conta daquele luxuoso hotel, pensava agora muito preocupado, ciente de que não tinha nem 50 dólares no bolso.

Talvez fosse melhor pedir um tempo para pensar e responder-lhes negativamente após sua volta para casa. Continuou a ouvi-lo com ares de atenção, mesmo se remoendo por dentro e absolutamente convencido de que não aceitaria aquela ultrajante proposta.

Ibrahim demonstrava sinais de inquietação naquele momento. Percebia o desconforto de John com as condições da proposta que o xeique friamente lhe fazia e virava-se de um lado para o outro na poltrona, abotoando e desabotoando seguidamente o paletó.

“A quarta e última condição é que nos próximos dois anos, contados a partir da publicação deste livro, você escreva mais três livros que serão publicados por nossa editora.”

“Esses livros serão sempre sobre temas de Fé e superação, e sua remuneração será igual ao padrão que pagamos aos grandes escritores que publicamos”, disse finalmente o xeique.

A quarta condição causou uma confusão ainda maior nos pensamentos de John. Agora não tinha mais tanta convicção de que deveria recusá-la. Pensava que, ainda que fosse irrisório o que decidissem lhe pagar por seu primeiro livro, ainda seria possível recuperar o que eventualmente deixasse de ganhar nas próximas publicações.

Alguma coisa em seu íntimo dizia-lhe que estava sendo testado em seu desprendimento e sua abnegação na busca de seus Sonhos.

Cansara-se há tempos de negociar por tudo e com tudo. Não queria mais olhar para o outro lado da mesa e ver um oponente, e sim um parceiro, um amigo.

John surpreendeu-se estendendo a mão decididamente ao xeique, demonstrando aceitar incondicionalmente sua proposta.

Foi retribuído por ele, que, estendendo a mão ao encontro da sua, apertou-a com firmeza e satisfação. John, orgulhoso, ainda pôde observar

sua expressão, pela primeira vez desde que o conhecera, emocionada e também um pouco desconcertada por sua desprendida atitude.

Ibrahim, agora eufórico, apressou-se em cumprimentar efusivamente John e, um pouco mais discretamente, o xeique.

Conversaram mais sobre outras condições normais e inevitáveis. A editora do xeique faria um grande investimento em marketing, a fim de divulgar mundialmente o lançamento do livro. John deveria participar dos lançamentos em diversos países, conceder dias de autógrafos, falar com a imprensa sempre que solicitado e outras coisas assim, simples, como John nunca fizera antes.

Quando parecia que a conversa havia acabado com todos os detalhes discutidos, um homem de meia-idade, tipicamente vestido e com algumas pastas e papéis na mão, entrou inesperadamente na sala.

Pela reação de Ibrahim e do xeique, John percebeu que sua presença não causara surpresa aos outros, apenas a ele.

Cumprimentando-lhe rapidamente, estendeu-lhe sobre uma pasta um recibo, preso por um daqueles cliques dourados a um cheque. “É um adiantamento para as despesas”, falou Ibrahim antecipando-se afoitamente ao xeique.

Cinquenta mil dólares, este era o valor do cheque.

John agora não podia mais se conter. Finalmente chegara o dia por que tanto rezou e pediu aos céus. Além do mais, encontrara as pessoas que procurara por uma vida inteira.

Lembrou-se de que tentara encontrá-las nos muitos amigos, nos ex-sócios e até em seus familiares. Quase sempre, com raríssimas exceções, infelizmente não obtivera sucesso.

Cultivara a vida toda uma grande necessidade de encontrar pessoas que fossem desprendidas por inteiro. Pessoas que sentissem mais prazer em dar do que em receber. Nunca conseguira conviver com a mesquinhez e com o egoísmo.

Não conseguindo mais segurar as lágrimas, por tamanha felicidade e por tudo o que aquele momento representava em sua vida, percebeu que contagiara Ibrahim e o xeique com sua emoção.

Ibrahim não escondia seus sentimentos, mas o xeique retirou-se de perto. Acomodando-se à frente de um dos monitores na parede, que naquele momento mostrava os fechamentos das cotações de algumas empresas de petróleo da Europa e da Ásia, ficou ali algum tempo parado, recompondo-se.

Finalmente, com todos recompostos, John assinou o recibo, manifestando mais uma vez toda sua Gratidão a Ibrahim e especialmente ao xeique.

Despediram-se calorosamente e foram embora em seguida. No caminho de volta, John ainda não sabia como reagir àquela avalanche de sensações que sentia.

Pensava aturdido em tudo o que ele e Suelen haviam passado. Cada uma das privações que haviam enfrentado. Uma a uma, todas as humilhações a que foram submetidos. No pensamento constante de suicídio que lhe assombrara e nas diversas vezes em que por muito pouco não o executara. E também nas pessoas bondosas e amigas que Deus colocara em seu caminho e que tanto os ajudaram.

Revivia silenciosamente e com absoluta realidade um sem número de emoções. Finalmente, tinha certeza: as adversidades haviam se transformado na maior oportunidade que a vida lhe presenteara.

Pressentia que Deus o vinha preparando há tempos para tudo aquilo, mas à época, sofrendo muito, não conseguira paz para compreendê-Lo plenamente.

Sentia-se agora extremamente grato por tudo o que passara e valorizava ainda mais aquela nova chance.

“...é do agrado do vosso Pai dar-vos o seu Reino.” (Lucas 12:32)

Durante todo o percurso até o hotel, Ibrahim mantinha-se calado, respeitando aquele precioso momento que John saboreava orgulhosamente.

Sabia o que aquele momento significava, pois usufruía dele diversas vezes. Era o reencontro da Fé com o Sonho materializado. Era indubitavelmente o reencontro com Deus.

Chegando ao hotel, conseguiu de Ibrahim apenas alguns minutos. Subiu ao seu quarto e telefonou rapidamente para contar as novidades para sua ansiosa e agora felicíssima Suelen.

Ibrahim já o aguardava em seu apartamento com três garrafas de um vinho muito especial, a fim de comemorarem.

Beberam ali mesmo, escondidos, com medo de serem pegos. Sabiam dos costumes locais que condenavam o consumo de álcool.

Embarcaram de volta no dia seguinte pela manhã.



O LIVRO

A CAMINHO DE CASA, JÁ NA ESTRADA, AGORA ERA O motorista de Ibrahim que insistia em especular sobre detalhes da viagem.

Contou-lhe algumas curiosidades e trivialidades, como o seu encanto por Dubai e as diferenças de culturas, mas quanto às outras perguntas, mais incisivas, esquivava-se veladamente, responsabilizando seu silêncio a recomendações de Ibrahim. Agora sim os papéis haviam se invertido, pensava John satisfeito, porém cada vez mais ansioso para estar com Suelen.

O reencontro foi emocionante. Parecia que os dias que se passaram haviam se transformando em anos. Conversaram sobre todos os detalhes enquanto bebiam integralmente a garrafa de whisky presenteada por Ibrahim. Riram muito e choraram ainda mais naquela memorável noite.

Aquele dinheiro caíra do céu, pareciam concordar em silêncio, observando o cheque pregado no peito de John, deitado ali no chão, exausto e já bêbado, fazendo suas palhaçadas.

O sono na manhã seguinte foi dolorosamente interrompido por estridentes marteladas em todos os cantos da casa.

Levantaram-se rápido, ainda sonolentos e levemente de ressaca pela garrafa de whisky que haviam, literalmente, secado. Tinham muitas providências a tomar, agora que as coisas finalmente pareciam querer melhorar.

Suelen, agora radiante e muito segura de si, saiu cedo para a cidade, logo após o café. Sentada no banco de passageiro do táxi que a levava, lembrava-se de que, antes de qualquer outra coisa, precisava depositar aquele polpudo cheque que carregava orgulhosamente. Em seguida, providenciaria os muitos pagamentos, todos bastante atrasados, de uma infundável lista.

Calculava aliviada que, após quitar todas as contas, o restante que sobrasse, bastar-lhes-iam para o sustento de, ao menos, mais três meses.

Em casa, John, ainda sonolento e cansado da viagem, sentou-se à varanda, observando silenciosamente sua deslumbrante serra. Enquanto

admirava o Cristo no alto, rezava baixinho suas preces, agradecendo a Deus por tudo o que lhe concedera.

Sentia-se extremamente grato e muitíssimo feliz. Sabia que sua vida havia mudado e a Fé que readquirira estaria sempre ao seu lado, impulsionando-o a realizar todos os seus Sonhos.

Uma única coisa, porém, ainda o incomodava: a casa que havia irremediavelmente perdido. Pensava chateado que, quem sabe, se tivesse conseguido mais algum tempo, agora, com as coisas melhorando, não teria sido possível salvá-la.

Observando os funcionários da construtora trabalharem, conseguia identificar vários dos itens de suas listas surgindo, ainda que prematuramente. A garagem ainda descoberta, o campo sem alambrados, porém já com as traves e sem redes, e o muro, erguido pela metade, já indicava o quão belo ficaria. Ainda lhe doía muito aquela perda, concluiu tristemente.

Após algum tempo ali, resolveu esquecer definitivamente aquela horrível sensação e cuidar das providências da nova fase de sua vida. Não devia mais chorar sobre o leite derramado, aprendera.

O tempo continuava a passar rápido e os dias simplesmente voavam naquela indescritível viagem de Sonhos que se transformara a vida de John e Suelen.

Haviam se passado 60 dias que viajara a Dubai, e John parecia ter voltado no tempo, como se tivesse remoçando muitos e muitos anos.

Voltara a ser divertido, extrovertido e muito alegre. Dormia sempre muito tarde e acordava incrivelmente cedo, como se quisesse aproveitar de uma só vez todo o tempo perdido.

Ocupava-se durante todo o dia em escrever e revisar incansavelmente seu livro, agora praticamente concluído. Sim, agora o chamava de livro e não mais de manuscritos, anotações, ou algo assim, pejorativo.

Mantinha religiosamente suas práticas esportivas e reservava um bom espaço de tempo para suas Orações.

Falava várias vezes ao dia com uma renomada escritora norte-americana que a editora San Pietro designara para auxiliá-lo. Aprendia um pouco mais a cada dia e orgulhava-se da notável evolução em suas escritas e também dos constantes elogios que recebia de Stephenie, a famosa escritora que o apoiava.

Anotava constantemente em um velho caderno de rascunhos várias ideias de histórias e acontecimentos sobre os quais, um dia, gostaria de escrever.

Continuava a cada dia mais fascinado com aquele novo trabalho com que Deus o presenteara.

Fascinava-lhe poder dar asas à sua imaginação levando uma mensagem de Fé e superação para milhares de pessoas em todo o mundo. E ainda seria muito bem pago por aquilo, divertia-se assim pensando.

Falava por horas com Ibrahim, e a afinidade e amizade que reciprocamente demonstravam podia ser facilmente notada pelos assuntos que discutiam e também pela forma alegre e carinhosa com que John o tratava.

Esquecera definitivamente os dias em que ficava só e amargurado remoendo antigas mágoas. Agora circulava irrequietamente pela casa o tempo todo e nem mesmo o engenheiro e seus pedreiros escapavam de seu perspicaz humor.

Assim como fora quando adolescente e durante boa parte de sua vida, aquele magnetismo que possuía voltava a se manifestar. John voltara a ser querido por todos e, sempre com indisfarçável prazer, naturalmente os retribuía com carinho e atenção para com todos a sua volta.

Definitivamente, a luz de John voltara a brilhar e agora de uma forma muito mais intensa e reluzente do que antes.

Após mais um dia repleto daquele emocionante trabalho, ainda sentado à frente do computador, finalmente encheu-se de coragem e clicou na tecla “enviar”. Sentia-se orgulhoso e também muito confiante em transmitir o que considerava a versão final de seu livro. Aguardaria ansioso a partir de então a aprovação final da editora e também as orientações de quais seriam suas novas atribuições daquele momento em diante.

Imaginava com certo receio o que teria que enfrentar na busca por seus Sonhos, materializadas pela cada vez mais próxima publicação de seu livro. Que lugares e com quais pessoas trataria a partir de agora? Quantos exemplares de seu livro seriam vendidos? Conseguiria se tornar, ao menos, um escritor mediano? Conseguiria se manter fazendo aquele prazeroso trabalho que era escrever? Seu livro faria diferença na vida das pessoas que o lessem? Sentir-se-iam motivadas pelas mensagens que desejava transmitir?

John entrava em uma nova fase, em que tudo era emocionantemente novo e assustadoramente desconhecido.

As pessoas muitas vezes temem mais o desconhecido, que guarda chances de ser maravilhoso, do que aquilo que é monótono e aborrecedor, porém, a que já se acostumaram.

I l l u m i n a t i

Alguns dias se passaram e John finalmente recebera a aprovação, com louvores, da editora e também de sua guia, Stephenie.

Comunicaram-lhe, ainda, que seu lançamento ocorreria em Dubai, em 30 dias, e seu título continuaria guardado a sete chaves, inclusive de John.

O segredo do nome do livro era uma estratégia de marketing, a qual, após muita publicidade em torno de seu lançamento, desenvolvida com muitos cartazes, outdoors e pequenos filmes enigmáticos, suscitava no público a curiosidade em conhecê-lo.

John não gostava muito de enigmas e surpresas, mas desta feita aquele segredo mexia-lhe com a imaginação. Ficava horas discutindo com Suelen sobre o nome mais apropriado que lhe daria, se obviamente o xeique assim lhe tivesse justamente permitido.



A CASA

OS DIAS PASSAVAM RÁPIDO, E AGORA RESTAVAM apenas 15 dias para o lançamento de seu livro.

Ibrahim enviara as passagens para John e Suelen, e um adiantamento, desta vez bem menor que o primeiro, para despesas gerais, inclusive com roupas.

Junto com as passagens, enviara um roteiro de lançamento em diversos países. Após Dubai, John, agora com Suelen, seguiria para a Europa, parando em Paris e Berlim. Rumariam em seguida para a Ásia, para lançamentos na China e também no Japão. Ao todo ficariam 40 dias viajando. Ibrahim recomendara-lhe ainda que, mantendo a sobriedade, abusasse na elegância do vestuário, pois seguramente participaria dos eventos mais luxuosos de sua vida.

Nem precisaram discutir muito sobre a importância que os eventos teriam também para seu futuro; John estava absolutamente consciente de tudo o que estava em jogo.

Dentre as muitas providências que tinham de tomar, como, por exemplo, alguém que cuidasse dos cães, uma em especial os incomodava: desocupar a casa, agora toda reformada e muito mais linda até do que quando a construíram.

Tudo o que haviam construído e reformado naqueles longos meses ficara perfeito.

John, com uma ponta de inveja, mas também de satisfação, observava tudo detalhadamente e maravilhava-se com o que tantas vezes sonhara.

O campo de futebol, gramado, todo cercado de alambrados, com as traves e redes, e todo demarcado de branco.

A garagem enorme, para muitos carros, junto a uma mini oficina. Não que se interessasse ou tivesse alguma habilidade com ferramentas, de forma alguma. Cultivava, porém, em seu íntimo, o desejo de usá-la para receber seus amigos, quase todos *experts* em mecânica, para longas tardes de

sábados, sempre acompanhadas de cervejas e petiscos, durante as quais se esmerariam nos consertos e regulagens de seus jipes.

Continuando a observar os resultados da reforma, lembrou-se de que, pela admiração por tudo que haviam feito e também por que de alguma forma se afeiçoara aos que ali trabalharam, lhes prometera um saboroso churrasco de despedida, que aconteceria no sábado seguinte.

Os dias continuavam a passar rapidamente, e o dia da esperada confraternização finalmente chegara. Enquanto cuidava dos preparativos do churrasco para mais de 20 homens famintos e sedentos que ansiosamente o aguardavam, uma irritante conversa de Suelen conseguira tirar John do sério.

Incomodara-o a manhã inteira para que fossem juntos dar uma última olhada nas casas que ela visitara, pré-selecionando algumas para que John finalmente definisse qual delas alugariam. Precisavam resolver aquele assunto antes da viagem, dizia-lhe ela, aflita e insistentemente.

John, um pouco mais nervoso que o habitual, pediu-lhe que parasse de perturbá-lo, visto que se ocupava de um importante compromisso, marcado com muita antecedência. Encerrando a discussão e pela última vez se negando veementemente a atendê-la, saiu rapidamente em direção à área da piscina e churrasqueira, carregando os temperos e demais apetrechos para sua importante confraternização com aqueles homens.

O churrasco que John aprendera a fazer era delicioso; em ocasiões assim todos comiam e, principalmente, bebiam à vontade.

Após algum tempo ali, empanturrando-se com tanta fartura, o engenheiro, que durante todo o tempo em que lá trabalhara fora um rapaz tímido, porém muito educado e querido por John, aproximou-se e confidenciou-lhe que se esquecera de avisá-lo de algo extremamente importante.

O novo dono gostaria de visitar o imóvel ainda naquela tarde. Seria uma visita rápida, uma vez que ele estaria somente de passagem, e, se possível, gostaria de aproveitar a visita para conhecê-lo.

John, já um pouco alterado pelas inúmeras cervejas que tomara, respondeu-lhe que, se o novo proprietário não se importasse em conhecê-lo naquele estado, semiembriagado e empoeirado pelo carvão, então que viesse. Não haveria maiores problemas.

Todos riram muito daquela espirituosa resposta e continuaram a comer e beber, abandonando aquele assunto quase que instantaneamente.

O importante àquela hora era festejar, homenageando aqueles homens simples que agora tinham se transformado também em seus amigos.

Eram quase 7 horas da noite e o churrasco acabara havia pouco. Ainda não escurecera, mas John já dormia profundamente, vítima dos muitos goles que exageradamente tomara.

Sentindo uma sensação estranha perturbando seu sono, como se a cama chacoalhasse, abriu os olhos irritados e espantou-se com Suelen, ao seu lado, insistindo-lhe para que acordasse.

Recobrando lentamente os sentidos, preparava-se para uma duríssima discussão na qual colocaria um ponto final naquela história de ir ver casa para alugar. Interrompendo seus pensamentos, Suelen disse-lhe: “John, tem uma senhora junto com o engenheiro andando e olhando tudo por todo o terreno!”.

Tinha esquecido completamente do que o engenheiro falara-lhe. Aliás, naquele momento, não sabia ao certo nem mesmo se ele realmente havia lhe falado sobre algo parecido.

Por via das dúvidas, levantou-se rapidamente e, explicando o que se passava, pediu a Suelen que entretivesse a mulher por alguns minutos. Tomaria, neste ínterim, um banho muito rápido, somente para tirar aquele gosto amargo da boca, e o inconfundível cheiro do carvão espalhado pelo corpo.

Correu para o banheiro, podendo ainda ouvir Suelen bradar de raiva por não saber da visita e, especialmente, por não haver se preparado para recebê-la. John sabia que Suelen simplesmente detestava receber alguém sem que estivesse devidamente preparada e arrumada.

No quarto, após uma breve ducha e enquanto vestia rapidamente uma roupa qualquer, podia escutar Suelen conversando com a tal mulher na cozinha.

O som de sua voz, meio estridente, soava-lhe de forma elegante, porém autoritária. Não gostava do que pressentia naquela indesejável visita, pensava John ainda tentando se recompor.

Acabou de se vestir rapidamente e, de bermuda e camiseta, finalmente se dirigiu àquele inevitável encontro.

Dona Dora, como notou que Suelen a tratara, era uma mulher diferente, estranhamente peculiar. Idade avançada, talvez próxima de seus 70 anos, elegantemente vestida e finamente ornamentada por muitas joias e uma cintilante maquiagem, o que mais lhe chamava a atenção, porém, era sua personalidade.

Expansiva, alegre e muito espirituosa, foi logo lhe estendendo a mão assim que pisara na cozinha, gentilmente apresentando-se e cumprimentando-o.

Tomava o café que Suelen acabara de passar e comia com muito prazer um de seus bolos favoritos, o de laranja. Não economizava elogios quanto às delícias que degustava, para felicidade de John, ciente que só assim amenizaria um pouco a irritação que Suelen sentira por não saber de sua visita.

John mudara de opinião a seu respeito. Agora lhe agradava a presença daquela senhora, muito simpática, educada e, por vezes, curiosa.

Foram para a sala, sempre acompanhados pelo engenheiro, absolutamente calado e um pouco constrangido.

Conversaram muito sobre a casa e todas as suas dependências, que até então somente vira por fotos, e encantara-se com aquele lugar.

John, preocupado com a data que ela certamente lhe imporia para que deixasse a casa, pensava em como deveria ser bom ter dinheiro suficiente para poder comprar um imóvel daquele porte e ainda gastar mais uma fortuna em sua reforma, averiguando-o apenas por fotos.

Quis saber com o que John trabalhava e se mostrou bastante surpresa e encantada ao ouvi-lo contar sobre seu livro e sobre seus planos para o futuro.

Não deu muita atenção, porém, quando John mostrou-lhe uma cópia de seu livro; folheou-o rapidamente, passando-o, em seguida, para as mãos do engenheiro ao seu lado.

John frustrou-se um pouco com aquela atitude. Sempre mostrava seu livro para as pessoas com quem simpatizava, quase como se sentisse uma necessidade de que o aprovassem. Imaginava em seu íntimo que, lendo e opinando favoravelmente, essas pessoas o ajudariam a reforçar um pouco mais sua confiança.

Irritado por aquela atitude de aparente desprezo de Dona Dora, resolveu abreviar a conversa, indagando-lhe diretamente: “Quando a senhora quer que desocupemos o imóvel?”.

Em seguida, um pouco mais aliviado de corajosamente ter tomado a iniciativa de enfrentar a realidade, inibindo-a de desferir-lhe o golpe final, explicou-lhe sobre a viagem que fariam e do tempo que ficariam fora. Precisam resolver imediatamente aquela questão, reafirmou-lhe.

A senhora, sem que se apercebesse nela o menor indício de que alteraria aquela sua tranquila postura, pôs-se calmamente a falar.

Contou-lhe, então, que era muito rica. Assumira todos os bens e negócios do marido, dono de uma grande construtora com atuação mundial e que, infelizmente, falecera cinco anos atrás. O único filho que tiveram morrera num acidente aéreo havia muitos anos, de forma que não tinha herdeiros.

Explicou-lhe em seguida que não tinha intenção de habitar ou usar para qualquer outro fim aquela casa. Seu interesse com a aquisição era meramente financeiro. Visava simplesmente à obtenção de lucros.

Inesperadamente, olhando fixamente nos olhos de John, disparou-lhe um inquietante questionamento: “Você não gostaria de comprá-la de volta?”.

John surpreendeu-se com aquela oferta e, virando-se quase instintivamente na direção de Suelen, pôde observar-lhe um incrível brilho nos olhos.

Não, pensava John enquanto tomava fôlego e também coragem para recusar-lhe aquela proposta. Não tinha condições de pensar naquela hipótese, pelo menos não naquele momento.

Sabia quanto pagara pela casa no leilão e, calculando por cima o que ainda despendera em sua reforma, acrescendo-se a isso tudo qualquer pequeno lucro, certamente pediria uma boa quantia.

“Vamos, faça uma proposta. Eu não dependo deste dinheiro para viver. Posso lhe parcelar o pagamento em até dois anos!”, falou Dona Dora em seguida, percebendo que aquela oferta balançara seu estado emocional.

Certamente, como boa negociante que ela agora se mostrava, sabia o quanto a casa lhe era importante, pensava John, enquanto usava suas habilidades financeiras, calculando rapidamente quanto poderia ganhar com os próximos livros que fora contratado para escrever.

Há alguns anos atrás, na época em que obtivera sucesso e tudo lhe corria bem, não hesitaria em propor-lhe algum tipo de negócio. Agora, porém, depois de tudo o que experimentara, simplesmente não conseguia mais tomar decisões daquela forma.

De repente, para surpresa de todos ali naquela sala, John, recordando um provérbio que ouvira muitas vezes e do qual não se lembrava exatamente, respondeu: “Se você comprometer o que ainda não ganhou, certamente se perderá no caminho da determinação para buscá-lo”.

“Você está certo em pensar assim”, respondeu-lhe a senhora, com um indisfarçável e estranho ar de satisfação pelo que ouvira.

Combinaram que acertariam a data para desocupar a casa depois que voltassem da viagem, para não tumultuá-la ainda mais.

John e Suelen acompanharam Dona Dora e o engenheiro até o portão, despedindo-se deles, em especial dela, com o carinho de quem se conhecia há muito tempo.

Entrando no luxuoso automóvel que a esperava, a senhora deteve-se por um instante e, virando-se para John, falou: “Vou pensar em uma proposta para que você recompre sua casa. Farei o melhor que puder, mas,

I l l u m i n a t i

se estiver dentro de suas condições, você terá que aceitá-la. Sem negociação. Você concorda?”.

John, surpreso por ela ainda insistir naquela ideia, balançou a cabeça afirmativamente e, estendendo-lhe a mão, como se assumisse um solene compromisso, concordou imediatamente.

Gostaria muito de continuar naquela casa e, se tivesse certeza de que poderia pagá-la, melhor ainda, pensou ele, satisfeito com sua rara habilidade de negociador.

A GRATIDÃO AOS AMIGOS



FALTANDO SOMENTE DOIS DIAS PARA EMBARCAREM, corriam, como sempre atrasados, para finalizar os últimos preparativos de uma pequena festa de despedida que ofereceriam para seus grandes e verdadeiros amigos.

Nem bem escurecera e os primeiros deles começaram a chegar. Gostavam de vir cedo e só iam embora normalmente quando a bebida acabava.

Vieram absolutamente todos os que convidaram, inclusive os que moravam em outras cidades, sempre acompanhados por suas respectivas famílias. Deveriam somar ao menos 40 pessoas, entre adultos e crianças.

A casa voltara a ficar cheia de gente feliz e, agora, com absoluta certeza de pessoas com as quais eternizaria sua amizade muito além da morte, pensava John observando aquela alegria contagiante.

Agradeceram, um por um, a todos eles. Podia perceber no olhar de cada amigo a sensação de felicidade que agora repartiam. Considerava-os, do fundo do coração, como um dos pilares daquela reconstrução interna que havia sido obrigado a fazer.

E eles, externavam-lhes o tempo todo, deveriam se orgulhar da importantíssima e caridosa contribuição que lhe haviam dispensado, sempre de maneira gratuita e espontânea.

A festa, como em todas as outras vezes, correria num ambiente de muita camaradagem e alegria.

Quando os últimos convidados foram embora, faltava pouco para o dia clarear, e a bebida ainda não havia acabado.



A VIAGEM

O TEMPO HAVIA PASSADO AINDA MAIS RÁPIDO; O DIA da viagem finalmente chegara e, junto com ele, as últimas providências que não poderiam ser esquecidas.

Arrumaram as enormes e resistentes malas, acomodando todas as suas roupas novas. Suelen checava alguns últimos itens, certificando-se de que nada esquecera, enquanto John preocupava-se se as roupas que usavam estavam devidamente passadas e sem detalhes, como etiquetas e pequenos ciscos.

Já haviam se despedido dos cães, por razões óbvias, antes do banho. Estavam muito acostumados com a convivência e sentiriam muitas saudades. Confortava-os saber que seriam cuidados durante aquele período por um casal de quem eram grandes amigos e que trabalhara muitos anos como jardineiros em sua casa. Os jardineiros os adoravam e os cães também a eles.

O motorista de Ibrahim finalmente chegara. Demoraram algum tempo acomodando as muitas malas que portavam, partindo em seguida.

Partiram para aquela que seria a viagem de seus Sonhos e que, como suspeitavam, mesmo que com algumas dúvidas, mudaria para sempre suas existências.

Durante toda a viagem até o aeroporto, o motorista de Ibrahim, desta vez, mantinha-se um pouco mais calado e formal. Deveria ser pela presença de Suelen ou ainda por medo que contasse a Ibrahim sobre suas bisbilhotices, pensava John satisfeito.

Após algumas horas de viagem e também de espera no aeroporto, finalmente embarcaram na primeira classe daquele enorme Airbus.

Suelen, que já viajara para outros países, parecia ainda não saciada com aquele novo mundo de novidades. Reparava em todas as pessoas a bordo, retocava seguidamente sua maquiagem, mas simplesmente era-lhe impossível conter a ansiedade de chegar.

John, normalmente desatento com alguns detalhes, constataria radiante nos documentos que Ibrahim lhe enviara, que o hotel no qual

ficariam e onde também seria realizado o evento de lançamento do livro era o majestoso Burj Al Arab.

Aquele mesmo, de categoria sete estrelas e construído no formato de um enorme barco a vela, confirmava para a agora ainda mais excitada Suelen.

A viagem, com raríssimas exceções, transcorreu simplesmente perfeita em todos os seus detalhes. A comida, o serviço de bordo, o conforto das enormes poltronas, enfim, tudo absolutamente perfeito.

As exceções aconteciam nas vezes em que John precisava quase tocar em algo a sua volta, confirmando assim que aquilo era realidade e não um sonho, e também pela sensação que vez por outra lhe invadia a mente, imaginando o que poderia acontecer de errado, acabando por estragar tudo aquilo.

Chegaram a Dubai mais rapidamente do que imaginavam.

Desembarcaram e foram apanhados por um luxuoso e novíssimo BMW, série sete, que o hotel gentilmente providenciara como cortesia de seu serviço aos hóspedes.

Suelen vibrava com intensidade maior do que aquela que John sentira em sua primeira viagem, durante aquele percurso até o hotel. Desta vez, porém, haviam chegado à noite, e Dubai estava ainda mais linda. Parecia uma grande árvore de natal, tantas e tão brilhantes eram as luzes que adornavam seus prédios.

O momento em que o carro estacionara na porta daquele indescritível hotel foi simplesmente inimaginável. John sentiu-se como se tivesse morrido e aquele fosse o portão da entrada principal do céu, tamanha era a originalidade e a beleza com que se deparavam.

Ficaram um bom tempo ali parados, de frente para aquela enorme fração da construção, justamente a que simulava a vela do barco, sem que conseguissem, contudo, inspiração para qualquer comentário. Indescritível, essa era a palavra exata que expressava o que sentiam.

Entraram na recepção e John estranhamente parecia muito mais impressionado com aquela suntuosidade do que Suelen.

Enquanto caminhava em círculos, tentava observar todos os detalhes a sua volta, como os vários ambientes, as fontes que esguichavam jatos de água colorida e o imenso vão vazio em seu interior, de onde era possível observar seus muitos apartamentos.

Suelen, por sua vez, caminhava resolutamente em direção à recepção, como quem já soubesse onde ficava, com um indisfarçável sorriso nos lábios.

Conhecia aquele lugar. Já estivera lá em seus sonhos e sabia que faltava apenas a orquestra e o público ávido em conhecer John para completá-lo, pensava satisfeita e, ao mesmo tempo, tentando se convencer de contar-lhe a premonição de um sonho que tivera meses atrás.

Na recepção, encantaram-se ao saber que o hotel mantinha cinco funcionários para cada hóspede, e um maître particular para cada apartamento, inclusive, e especialmente, o deles.

Sentiram-se lisonjeados com o tratamento que lhes dispensaram todos os funcionários. Sabiam que John escrevera um livro e que o motivo de sua viagem era justamente seu lançamento. Felicitavam-no seguidamente por aquela importante festa que já movimentava todos no hotel e que aconteceria no dia seguinte.

Do 25º andar em que se hospedaram, podiam observar toda a cidade, suas inúmeras belezas naturais e também aquelas construídas por homens muito sonhadores que conseguiram idealizá-las e concebê-las.

A suíte era absolutamente sensacional. Sua concepção era extremamente arrojada, envolta num clima de pura magia. O teto possuía detalhes adornados em ouro. A cama, incrivelmente grande, simplesmente parecia se projetar para fora do prédio, tamanha era a sensação criada por todas aquelas paredes de vidro, do rodapé ao teto.

Após finalmente se acomodarem confortavelmente naquela maravilhosa suíte, tomaram um longo banho e pediram ao seu maître particular um jantar leve, porém requintado, a base de lagostas e frutos do mar.

Comeram ali mesmo no quarto, sobre a cama, como se fossem árabes em suas tendas, desfrutando silenciosamente aquela visão que mais se assemelhava a uma miragem. O fino vinho que tomaram, acompanhando aquele saboroso e delicioso jantar, fora trazido escondido nas malas.

Dormiram profundamente naquela noite, não sem que antes rezassem juntos, como haviam se habituado a fazer há tempos.

John acordou tarde, observando, em seguida, que Suelen não mais estava na cama e nem mesmo no quarto.

Deixara um bilhete avisando-lhe que descera para o café e que depois procuraria por uma sessão de massagem e também pelos serviços daqueles intermináveis rituais que as mulheres adoram fazer, como arrumar os cabelos e cuidar das unhas.

John sorria, agradecendo aos céus por ser homem. Decidiu que ficaria no quarto e desceria apenas na hora da recepção.

Sentia-se muito ansioso e até um pouco nervoso com a hora do lançamento cada vez mais próxima. Estava empolgado como nunca com

todas aquelas mudanças que ocorriam rapidamente em sua vida, mas, no fundo de sua alma, sentia certo medo do que teria de enfrentar.

Agora, tudo a sua volta era novo e diferente; as viagens, os hotéis, seu trabalho, as pessoas com quem passara a se relacionar, enfim, aquilo tudo que só fazia crescer cada vez mais a sensação de que não controlava mais seu destino.

Percebendo que aquele sentimento de insegurança crescia, quase se transformando em um pavor generalizado, resolveu encher de água quente a enorme banheira e relaxar ali até que lhe voltasse a tranquilidade.

Ficou deitado, praticamente imóvel, e submerso naquela reconfortante água durante muito tempo.

Ouvindo a porta do apartamento se abrir após algum tempo, percebeu que Suelen finalmente voltara de sua sessão de embelezamento. Como sempre, alegre e bem-humorada, agora insistia que a acompanhasse até o corredor. Queria lhe mostrar de qualquer jeito um enorme enfeite pendurado no alto do vão livre que ficava bem no meio do hotel e que, acreditava, seria usado em sua festa.

Meio a contragosto e ainda molhado, John a seguiu até o corredor enrolado apenas em uma toalha de banho. O que ela tinha a lhe mostrar era realmente estranho e misterioso. Suspenso e preso lá no alto, bem ao centro daquele enorme vão livre que pairava sobre toda a recepção, um enorme rolo de pano dourado, ainda amarrado por imensas fitas vermelhas, intrigava a todos que o observavam.

Postados diante dos extensos corrimões dourados que enfeitavam e serviam de parapeito aos corredores que circundavam cada um dos andares do hotel, seus muitos hóspedes produziam-lhe a impressão de uma verdadeira arquibancada, de onde assistiam a tudo curiosos.

Após algum tempo ali observando e ainda não conseguindo compreender bem o que era aquele embrulho e muito menos para o que serviria, cansaram-se das muitas especulações e voltaram ao quarto.

Suelen agora desarrumava as malas, acondicionando cuidadosamente as roupas, todas novas, nos espaçosos e finos armários do closet da suíte. Separando as roupas que John usaria dali a pouco, preocupou-se, lembrando de que ainda não o avisara da surpresa que decidira lhe fazer. As roupas que lhe comprara, respeitando a visão de como o enxergara trajado elegantemente em seu sonho, eram todas pretas, da camisa à meia. A gravata poderia ser dourada, vermelha ou até amarela, mas a roupa não, era rigorosamente preta.

Sabia que John gostava do preto em uma ou duas peças, como a calça e eventualmente o paletó, mas com as camisas e especialmente com as roupas de baixo, era intransigente e só admitia usá-las se fossem brancas.

Separando-as e ocultando-as no guarda roupa, esperou que tomasse banho e fizesse a barba, para só então lhe falar sobre a novidade.

Precisava lhe falar antes que as visse, pois o conhecendo, sabia que esta era sua única chance de tentar persuadi-lo.

Exausta das tantas atividades, resolveu descansar um pouco, enquanto John, com semblante sério e introspectivo, silenciosamente revisava os últimos detalhes de seu livro.

Acordou um pouco mais tarde, já um pouco assustada pelo horário. Em menos de duas horas começaria a festa e ela não podia se atrasar, pensou.

Observando que John usava o banheiro, aguardou-o sair para falar-lhe finalmente sobre a roupa. Para sua surpresa, ele saiu do banheiro lindíssimo, já todo de preto, com a gravata dourada e com um incrível sorriso de satisfação no rosto.

Falou-lhe ainda alguma coisa em tom de brincadeira, como a desafiá-la sobre sua nova capacidade de se adaptar às circunstâncias.

Satisfeita com aquela sua versatilidade, entrou para seu sempre demorado banho e, enquanto se aprontava, pensava feliz o quanto John mudara naquele período.

Sempre fora alegre e extrovertido, mas depois de todas as dificuldades que passaram, alguma coisa havia mudado, tornando-o uma pessoa ainda melhor. Nunca gostara de viajar, muito menos de fazer novas amizades e manter contato com gente estranha. Agora, porém, divertia-se com tudo aquilo e fascinavam-lhe aquelas novas experiências.

Tinha a impressão de que, mesmo sendo muito simples e sempre humilde com as pessoas a sua volta, vestira-se tempos atrás de uma pesada armadura que o distanciava de qualquer situação ou pessoa que contrariasse seus rígidos padrões.

Não que tivesse muitos preconceitos com relação ao comportamento das pessoas, pelo contrário, mas a distância que por vezes se impunha talvez fosse a forma que encontrara de não se obrigar a se reavaliar e, conseqüentemente, mudar.

Sempre, desde que o conhecera – pensava enquanto agora já retocava sutilmente os últimos detalhes em sua maquiagem –, fora extremamente sensível e ao mesmo tempo teimoso com tudo em que acreditava.

Podia-se facilmente irritá-lo, chateando-o profundamente com uma simples palavra mal colocada no meio de uma discussão e descuidadamente prolongá-la por intermináveis horas. Seus reflexos duravam dias e por vezes lembra-se por anos de coisas que o incomodaram.

Deu graças aos céus pela profunda transformação por que John passara. Sentia-o agora realizado, despreocupado e feliz, muito feliz.

Uma intensa sensação de Gratidão subitamente invadiu sua alma. Agradeceu fervorosamente a Deus a oportunidade que lhes dera, mesmo que através de um duro caminho de sofrimentos, de reavaliar e alterar os rumos de suas vidas.

Acabando aquele longo ritual que fora se arrumar, saiu do banheiro e encontrou John ansioso, apontando para o relógio, indicando que a hora do grande momento finalmente chegara.

John não conseguiu deixar de se espantar e elogiá-la por sua extraordinária beleza. Alta, esbelta e docemente perfumada, seus cabelos perfeitamente arrumados ainda exibiam uma delicada e brilhante tiara, que combinava harmoniosamente com o intenso brilho do vestido, da maquiagem e, especialmente, de seus olhos.

Beijaram-se longamente, aproveitando aqueles últimos momentos que os separavam de um mundo novo. Enchendo-se de coragem, finalmente saíram do quarto e entraram rapidamente no elevador.

O nervosismo de John crescia a cada andar por que passavam e, por alguns segundos, sua imaginação voou para longe, para um tempo em que simplesmente lhe era impossível sequer pensar no que agora presenciava.

A porta do elevador finalmente se abriu; agora estavam na recepção e o primeiro a cumprimentá-lo foi Ibrahim.



A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

ASSIM COMO SUELEN VISLUMBRARA EM SEU SONHO, tudo aquilo era realmente indescritível.

Da saída do elevador onde estavam, olhando para cima, avistava-se quase a perder de vista cada um dos andares circundados por longos corrimões dourados, complementados por uma decoração típica que lhes emprestava o efeito visual de tendas, e tudo isso ornamentado agora por aquele misterioso embrulho suspenso ao alto.

Todos os muitos ambientes eram finamente decorados e mobiliados. Lindos tapetes persas coloridos cobriam um chão de mármore branco com detalhes dourados, provavelmente feitos a ouro.

Entre suas extremidades, onde duas maravilhosas fontes esguichavam jatos de água colorida, tocava uma animadíssima orquestra com todos os seus músicos trajados a rigor.

Circulavam pela festa pessoas de todas as nacionalidades. Alguns homens usavam elegantes ternos, outros trajavam longas túnicas e turbantes. Havia ainda mulheres com a cabeça coberta e ostentando maravilhosas joias, e outras, sobriamente vestidas dentro dos padrões ocidentais.

Realmente, a suntuosidade presente em todos os detalhes daquele ambiente impressionava.

No momento em que John caminhava em direção ao xeique Hussein, que o esperava no centro do salão, um barulho ensurdecador de palmas, misturado com uma grande queima de fogos coloridos no lado de fora hotel, anunciava a defraudação daquele enorme embrulho preso praticamente ao teto.

John e todos os presentes arrepiaram-se ao observar que aquele enorme pano dourado, na verdade, anunciava o nome do livro e também o desenho de sua capa.

O nome do livro era **Illuminati**.

John não acreditava no que via, especialmente no nome, que não fora capaz de adivinhar.

Illuminati significava iluminados, exatamente como voltava a se sentir, pensava John agora muitíssimo emocionado, crente que passara a fazer parte daqueles que Deus escolhera para testemunhar o poder da Fé.

A capa do livro e a disposição de seu nome empolgaram-no ainda mais. Havia sido desenhado sobre o símbolo que observara no anel de Ibrahim e também daquele em alto relevo, na sala do xeique.

Era a enorme e grossa cruz vazada ao meio e, sobre ela, ao fundo, uma luz muito forte, branquíssima, projetando seus raios por todos os lados, como que a iluminá-la.

O símbolo, agora na capa do livro, porém, continha um detalhe: o nome **Illuminati** fora escrito preenchendo as duas hastes da cruz, na horizontal e também na vertical, cruzando-se harmoniosamente ao meio dela.

John cumprimentou o xeique, agora com um forte abraço, esquecendo-se definitivamente de todas aquelas formalidades e apontando para a enorme faixa, felicitou-o pela escolha do nome e da forma como fora revelado.

Ibrahim aproximou-se e, interrompendo-os, puxou John pelo braço, circulando a seu lado por todos os ambientes da festa. Apresentava-o a todos, sempre muito interessados em conhecê-lo. Falava-lhe um a um quem eram e de onde vinham. Era-lhe, contudo, simplesmente impossível guardar todos os nomes e o que faziam.

Apresentou-o para príncipes, jornalistas, empresários, produtores de cinema, enfim, gente de todas as nacionalidades, credos e profissões.

John, já cansado de tanto estender a mão e cumprimentar aquelas pessoas, finalmente foi colocado numa luxuosa mesa de canto.

Agora, sentado em uma confortável poltrona ao lado de uma pilha de seus livros, foi praticamente obrigado a iniciar uma longa e divertida sessão de autógrafos e dedicatórias.

As filas que se formavam eram longas, quase intermináveis. Nos raros momentos em que podia ausentar sua atenção do que fazia, observava Suelen circulando por entre as pessoas das filas e também nas rodinhas que se formavam. Conversava alegremente com todos, aproveitando ainda para marcar sua presença como esposa do escritor.

De tempos em tempos, interrompiam os autógrafos e faziam uma pequena pausa para que pudesse beber algo ou ir ao banheiro, recomeçando, logo em seguida, novamente a sessão.

Numa dessas pausas, o xeique sentou-se ao seu lado, comentando-lhe que acreditava que seu livro seria um tremendo sucesso e que certamente venderia milhões de exemplares. Orientou-o que, a partir de seu

lançamento, John começasse a se preocupar em escrever os próximos, lembrando que o contrato que assinara assim determinava.

Esses árabes são mesmo insaciáveis, pensava John um pouco irritado com aquele comentário.

Antes que aquele intervalo acabasse, porém, no último momento, o xeique contou-lhe que somente as encomendas feitas pelas grandes livrarias, por ocasião do lançamento, já superavam os 300 mil exemplares.

John, boquiaberto com aquele número, calculava rapidamente e pela milésima vez o quanto poderia ganhar quando, levantando-se da poltrona e com a mão apoiada carinhosamente em seu ombro, o xeique lhe disse, antes de sumir na multidão: “Um dólar e oitenta por exemplar, essa é sua participação”.

John não conseguia acreditar no que ouvira e alucinado pensava em quanto dinheiro ganharia. Continuava a fazer inúmeras contas e projeções enquanto escrevia, agora de forma ainda mais rápida e atenciosa, cada autógrafo e dedicatória.

Fazia um bom tempo que estava ali, atendendo a todos daquela fila, quando, ainda sem conseguir calcular ao certo quanto ganharia, especialmente de acordo com as projeções astronômicas que imaginava, pôde perceber que finalmente o movimento diminuía e faltavam apenas umas poucas pessoas.

Pensando que logo aquela divertida sessão de autógrafos e dedicatórias acabaria – e agora com Suelen desatentamente ao seu lado –, com a cabeça baixa, esforçava-se cada vez mais para agradar todos que atendia.



A PROMESSA DE DEUS

DE REPENTE, UMA VOZ FAMILIAR, MAS QUE, PORÉM, provocava-lhe uma sensação estranha, interrompeu abruptamente seus pensamentos: “Vinte e cinco por cento de tudo o que senhor ganhar nos próximos dois anos. Esse é o preço da casa”.

Levantando lentamente a cabeça, como que já adivinhando quem a pronunciara, quase não conseguia acreditar no que via. Era Dona Dora, ali, em Dubai, no meio de sua festa.

Enquanto ela e Suelen se cumprimentavam entusiasticamente, ainda pôde observar, próximo à gola do vestido que usava, um lindo broche dourado com o mesmo desenho do anel de Ibrahim, da sala do xeique e, agora, de seu livro.

Pensando no péssimo negócio que fizera e considerando-se o pior negociante do mundo, finalmente estendeu-lhe a mão, reafirmando o compromisso que assumira. Sem negociar.

Deus havia lhe prometido em sonho, através da maravilhosa voz que lhe falava, que não permitiria que perdesse sua casa. Enganara-se, no entanto, não acreditando naquela promessa. Agora, com a certeza de quem testemunhava que Deus jamais falha, sentia-se grato e ao mesmo tempo envergonhado pelas muitas vezes em que sua pouca Fé lhe permitira duvidar.

A festa praticamente acabara, restando no salão apenas algumas poucas pessoas. Observou, em um dos cantos, Dona Dora conversando animadamente com Ibrahim e simplesmente desistiu de tentar entender o que realmente havia por trás de tudo aquilo.

Não importava, pensou aliviado; o importante é que recuperara sua casa e, principalmente, que acontecera tudo o que Deus lhe prometera.

“Fica tranquilo e não ignores que Eu sou Deus.” (Salmo 46:10)



EPÍLOGO – A RETRIBUIÇÃO

SENTADO, AGORA SÓ, EM UMA DAS POLTRONAS, JOHN estava exausto, porém profundamente feliz e plenamente realizado.

Sentindo uma incontrolável vontade de fumar, instintivamente levou a mão ao bolso, procurando pelo maço, quando se lembrou que abandonara seu vício. Desde que recebera a confirmação da publicação de seu livro, mais de 30 dias atrás, prometera parar de fumar. Cumpriria sua promessa firmemente, a qualquer custo, pensava orgulhoso.

Inconscientemente, ali pensando, reviveu em segundos muitos dos momentos de sua vida, como se eles formassem, um a um, uma pequena trilha que o conduzira até o final da velha estrada, descortinando repentinamente o começo de uma nova e fantástica jornada.

Lembrando-se detalhadamente de cada rosto, de cada momento, rezou silenciosamente agradecendo a Deus por cada uma daquelas pessoas e cada um daqueles acontecimentos:

seus adoráveis avós;
seus maravilhosos pais;
sua encantadora Suelen;
seus distantes, porém queridos, irmãos;
seus leais e eternos amigos;
seus alegres e companheiros cães;
seus turbulentos negócios;
seus antigos inimigos e ex-adversários;
seus simplesmente ex-sócios;
seus sofrimentos e decepções;
sua dolorosa e invisível depressão;

suas perigosas e desesperançosas ideias de suicídio;
pela misteriosa e milagrosa luz que lhe despertara a Fé;
pela carinhosa e inspiradora Dona Olga;
por suas poderosas Orações;
pela doce voz de Deus que ouvia constantemente;
por sua inadiável Missão Pessoal;
pela fantástica busca por seus Sonhos;
pelos inesquecíveis Ibrahim e xeique Hussein;
e, finalmente, agradeceu a Ele, Deus, o maior de todos.

Enxugando as lágrimas que rolavam em sua face e emocionado pelas lembranças, despediu-se dos poucos que ainda restavam, em especial de Ibrahim e do xeique. Aproveitou para agradecê-los uma vez mais por tudo o que lhe haviam proporcionado, antes que finalmente pudesse subir para seu apartamento e enfim descansar.

Ao lado de Suelen que a tudo observava, não se surpreendeu muito quando o xeique, virando-se uma última vez em sua direção, perguntou-lhe com uma imperceptível admiração: “Na primeira vez em que nos vimos, em que eu o observava caminhar pela entrada do prédio, quem era a mulher ao seu lado, que lhes projetava ao redor uma brilhante luz e usava um manto azul cobrindo-lhe a cabeça?”

John não tinha certeza, mas arrepiou-se inteiro pela forte suspeita de quem pudesse ser.

Pensando por alguns segundos e, sem saber ao certo o que lhe responder, abriu apenas um largo sorriso, acenando com a mão e se despedindo.

Subiram rumo ao apartamento, felizes e exaustos, finalmente indo se deitar. Antes que adormecesse, John ainda pôde escutar a voz falar-lhe mansamente: **“Agora é a sua vez de retribuir o que recebeu, ajudando as muitas pessoas que passam por diferentes dificuldades”.**

Adormeceu feliz e emocionado pela repentina e saudosa visita, que se ausentara ultimamente. Há muito acatava incondicionalmente suas orientações e continuaria a fazê-lo. Estava agora ainda mais convicto de que cumpriria a promessa que fizera tempos atrás, de que ajudaria sempre, indistintamente, a todos que necessitassem.

**“Dê descanso ao cansado, visite o doente,
ajude o pobre; pois isso também é oração.” Afrahat,
sábio persa**

FIM

